

2067
Rev.

1172

V.

REVISTA DE HISTORIA

SOCIEDADE PORTUGUESA DE ESTUDOS HISTORICOS

N.º 1

JANEIRO — MARÇO

1912

Revista de Historia

PUBLICAÇÃO TRIMENSAL

SUMMARIO

O primeiro congresso internacional das raças — Silva Telles.

A entrega de Bombaim e o castigo do vice-rei da India — Pedro d'Azevedo.

D. Miguel da Anunciação, bispo de Coimbra — Fortunato d'Almeida.

Os lyricos romanticos — Fidelino de Figueiredo.

Factos e notas.

Bibliographia.

1912

LIVRARIA CLASSICA EDITORA

DE A. M. TEIXEIRA & C.^{TA}

20, Praça dos Restauradores, 20

LISBOA

Sociedade Portuguesa de Estudos Historicos

Artigo 4.º A admissão de novos socios faz-se por proposta assignada por tres socios, com um parecer justificativo da candidatura, fundamentado em trabalhos de especialidade e nunca exclusivamente em livros escolares e de vulgarisação. A votação faz-se pôr escrutinio secreto, na sessão immediata áquella em que foi apresentada a prôposta.

§ unico. A revista poderá publicar trabalhos de individuos estranhos á Sociedade, uma vez que sejam apresentados por um socio ao Conselho de Direcção e por elle approvados.

Artigo 5.º Os socios, residentes e não residentes em Lisboa, satisfazem mensalmente a quota de 500 réis.

§ unico. Póde-se-lhes facilitar o pagamento por prazos de tres, seis ou doze meses.

O PRIMEIRO CONGRESSO INTERNACIONAL DAS RAÇAS

QUANDO se realizou, em Londres, o Primeiro Congresso Internacional das Raças, uma forte tensão de espirito trazia a Europa inteira inquieta de tal modo que as sessões correram quasi despercebidas ás nações a quem ellas mais deviam interessar. Todas as atenções estavam voltadas para o conflicto imminente entre a França e a Allemanha, todos receiavam uma conflagração geral, — que outra coisa não seria uma guerra entre essas potencias. Em Londres, apesar da placidez britânica, sentia-se um profundo malestar, um estado da alma que antecede os grandes acontecimentos. A palavra reflectida e energica do primeiro ministro da Gran-Bretanha, traduzindo as resoluções do governo, e a mobilização da immensa esquadra do Mar do Norte apagaram o incendio que começára a lavrar, mas a serenidade, até nos meios scientificos, não veio tão rapida, que lhes dêsse oportunidade para se occuparem de um assunto extranho á politica internacional.

Se o congresso fôsse inaugurado em outras circumstancias, se em volta delle se não ouvissem já os primeiros sinaes precursores de uma marcha de guerra, o publico, que ao seu lado passou indifferente, comprehenderia melhor a sua significação, e dos seus trabalhos e da idéa superior de que elle nasceu sairia,

para a opinião dos homens de pensamento, alguma coisa de immediatamente util á humanidade. Os centros scientificos de alta cultura, as sociedades filantropicas, as academias e todas as agremiações que teem por missão levantar o nivel intellectual e moral dos homens, analisariam as téses que fôram discutidas, as afirmações as mais extranhas que fôram feitas, e dessa depuração da obra do Congresso resultaria uma visão clara da sua importancia mundial, da justiça da causa defendida e do fundamento scientifico em que elle fixou as suas raizes.

A propria imprensa inglesa, tão lucida quando em frente de acontecimentos que possam mesmo remotamente influir nos destinos do seu paiz, não percebeu o alcance politico do Congresso, nem lhe concedeu mais do que uma semi-indifferença. E' porque outros sentimentos mais violentos a comoviam e outras frases mais duras, de tinido metalico, se ouviam no Continente, e que ella precisava recolher e apreciar com frieza e decisão. O Congresso falava do contacto das raças humanas, estudava a maneira de aproximar uns dos outros todos os representantes da humanidade, estabelecia as bases de uma simpatia universal, as primeiras linhas estructuraes de uma moral superior. E era em nome da sciencia,

da justiça, do direito e da bondade que uma multidão consideravel se reunia na Universidade de Londres, composta de personagens de quasi todos os paizes do mundo! Mas que importava tudo isso, durante esses dias de temor? A Inglaterra precisava unicamente saber que a sua intervenção era sufficiente para enrugar o ardor guerreiro dos homens d'Além-Rheno e que bastavam só os movimentos da sua formidavel esquadra para que se tentasse resolver a questão de Marrocos por processos mais pacíficos.

E no entanto, o primeiro Congresso das Raças, apesar de muita fantasia em que por vezes se mergulhou com prazer, á parte algumas afirmações que os homens de sciencia ahí reunidos cuviã sorrindo, embora numa ou noutra sessão o assalto feminista fizesse receiar que elle se desviasse da conduta que marcára, fez, sem duvida alguma, uma obra util. Foi uma tentativa séria de aproximação das raças, a primeira etapa ganha a favor de uma causa simpática. E os que ás sessões assistiram com interesse, procurando os motivos do movimento inter-racial que surge nesta fase da civilização, analisando cuidadosamente as téses e os trabalhos scientificos que lhes serviram de fundamento, modificaram com certeza algumas das suas opiniões sobre assuntos de antroposociologia. Falou-se muito, — além do que seria necessario; cada um dos congressistas mais entusiastas, — judeus, egipcios, indios, chineses, negros, mestiços de raças diversas, — foi o defensor da sua étnia, da sua capacidade intellectual e do seu valor moral. O péle-vermelha, escoreito numa alta cultura adquirida em uma geração, revelou energias de espirito que de longa data vinham negando á sua raça; o japonês, ardente e vaidoso, manifestou qualidades combativas dentro de afirmações que um congresso mais homoganeo qualificaria de pueris; o indio, com a força de um passado cheio de tradições

gloriosas, teve atitudes de quem nada mais precisa aprender com os seus dominadores: o *half-cast*, de negro e yankee, vindo dos Estados-Unidos, onde só tem deveres sociaes e não direitos que a esses deveres correspondam, formulou as suas queixas e deu ao Congresso talvez a nota mais aguda, porque ella traduzia a aspiração de milhões de homens que, chamados á civilização por todas as nações occidentaes da Europa e pelos ramos americanos, a estes e áquellas pedem que os dirijam, os melhorem, para, como seus colaboradores e seguindo-lhes os exemplos, se libertarem da baixa animalidade em que falsos preconceitos os pretendem conservar.

Para se avaliar qual a importancia que o Congresso devia merecer, se motivos de outra ordem não viessem antepôr-se chamando a atenção publica para o que se estava passando na vida internacional europêa, basta a indicação das categorias dos homens que se propuzeram colaborar nessa obra de paz. Quinze das dezoito universidades da Gran-Bretanha fizeram-se representar; vinte governos enviaram delegados; cento e quarenta sociedades scientificas, religiosas e de beneficencia concorreram para a realização do Congresso. Encontrámos representantes de algumas das mais notaveis sociedades scientificas da Europa e America do Norte: Academia Real das Sciencias, Letras e Belas Artes da Belgica, Academia Americana de Politica e Sciencia Social, Associação Americana para o avanço das sciencias, Sociedade etnologica americana, Sociedade de Antropologia de Munich, Sociedade de Antropologia, Etnologia e Prehistoria de Berlim, Sociedade de Geografia da Bohemia, Sociedade Colonial allemã, Sociedade allemã de Sociologia, Instituto Geral de Psicologia, Real Instituto Antropologico da Gran-Bretanha e Irlanda, Real Sociedade Asiatica, Instituto Colonial de Inglaterra, Real Sociedade Geografica de Londres, Real Sociedade Escoceza de Geo-

grafia, Real Sociedade de Estatística da Inglaterra, Sociedade Escoceza dos Economistas, Sociedade de Sociologia de Buda-Pesth, Instituto das sciencias politicas da Universidade de Kiel e Sociedade de Antropologia de Paris.

Esta simples enumeração dos centros scientificos de alta cultura revela immediatamente qual a significação que o Congresso procurou ter e como ao seu apêlo responderam as instituições mais respeitáveis do Velho e Novo Mundo. Vimos homens de notavel estatura intellectual, como o Prof. Ranke, sir Harry Johnston, Prof. Chisholm, Prof. von Luschan, Prof. Haddon e muitos outros. As téses propostas tinham o maior alcance social e politico. Era um acontecimento novo no mundo scientifico, a primeira tentativa de aproximação das raças, feita, não por um interesse de momento, mas subordinada a um ponto de vista superior, ditado pela sciencia.

Deve-se porém confessar que, se as circunstancias internacionaes da ocasião prejudicaram o exito do Congresso, a sua organização influuiu em parte para elle se não manifestar com o brilho a que tinha direito. Sendo os inglezes um povo extremamente metódico nos seus trabalhos, era de esperar que as sessões do Congresso fôsem mais animadas. Não houve discussões; cada um pronunciou o seu discurso, e sempre aplaudido. E no entanto, fizeram-se afirmações que mereciam ser contestadas, outras que deviam ser esclarecidas, algumas que podiam com proveito ser dispensadas. Das sessões antropologicas, na vespera da inauguração official do Congresso, sessões em que tomámos parte activa, discutindo as duas téses propostas «*The effects of miscegenation on Intelligence and Character*» e «*The influence of Environment in forming and changing racial characteristics*», e que foram presididas pelo Prof. Haddon, de Cambridge, nem sequer o mais insignificante relato se fez, nem o que lá se disse se noticiou á imprensa. Foi por

vezes lamentavel que nessas sessões, de caracter rigorosamente scientifico, e em que discursaram professores como Ranke, von Luschan e Haddon, intervissem congressistas de ambos os sexos completamente extranhos á sciencia antropologica. E desta circunstancia resultou, com sincera e manifesta mágua do presidente, que nada se apurou de util sobre qualquer dos dois interessantissimos assuntos trazidos á discussão dos tecnicos e competentes.

Foi tambem irregular e estranha a maneira como se procedia á inscrição dos que se propunham discutir algumas das téses. Notou-se que havia um interesse especial em preferir os representantes da India, Africa, China, sul dos Estados-Unidos, todos emfim em cujas veias circulava um sangue de origem não europêa. E como os que assistiam ao Congresso e nelle tomavam parte estavam, na sua grande maioria, de acôrdo com os relatorios já publicados, e os que os pretendiam discutir não o podiam fazer, as sessões fraquejaram em interesse e a feição scientifica, que o Congresso devia conservar, apagou-se, para ser substituida por uma corrente de filantropia, interessante é certo, mas talvez inoportuna. Esta feição revelada pelo Congresso foi em grande parte devida ás congressistas, que se tornaram com frequencia *encombrantes*, embora a sua presença tivesse imprimido ás sessões um tom mundano muito apreciavel.

E', porém, de justiça acrescentar que, apesar do Congresso se não ter dividido em secções, como seria indispensavel; embora as téses não fôsem discutidas, como era necessario; quem acompanhou, como nós, atentamente a marcha do Congresso, pode apreciar com justiça a obra util por elle realizada. Delle saiu evidentemente uma idéa grandiosa; das afirmações feitas surgiram as possibilidades de uma salutar *entente* entre todas as raças. E se, do que nas sessões se disse, nem tudo merece um aplauso

incondicional, alguma coisa ficou que ha de germinar, e dentro de poucos annos uma nova moral, inter-racial, terá de substituir o instincto aggressivo que de longa data tem separado os povos chamados superiores dos que estes qualificam de inferiores.

Confundiu-se quasi sempre o problema étnico com o problema psicologico e moral das raças, e no ardor manifesto de *igualar* agrupamentos humanos étnicamente diferentes, organicamente dissimilhanes, chegou-se a aceitar como verdades o que era erro de observação e carencia de documentação estatística. Mas é desculpavel que tal acontecesse. Em presença de um grande numero de individuos desconhecedores do que a antropologia sustenta ou pouco ao corrente de toda a tecnica scientifica e dos seus processos e métodos de investigação, as conclusões, sem as premissas correspondentes solidamente garantidas, mas sob uma fórmula simplista, deviam facilmente ganhar a opinião do auditorio. Foi deste modo que as idéas do Prof. von Luschan, que este não poderia sustentar numa sociedade de antropologia, tiveram a adesão, pelo menos aparente, de quasi todos que o ouviram. Segundo a nossa opinião, o Congresso, desviando-se do caminho scientifico indicado pela antropologia e tendo-se preocupado com as tendencias filantropicas da grande maioria dos congressistas, praticou um erro. Falhou completamente quanto aos seus intuitos scientificos, embora tivesse triunfado no ponto de vista moral. Fez-se alguma coisa, mas podia-se ter feito mais e melhor.

I

Varias causas concorreram para a realização do Primeiro Congresso Internacional das Raças. A civilização contemporanea, em contacto com os povos asiaticos e despertando-os de uma letar-

gia secular, estabeleceu relações de dependencia entre o Oriente e o Occidente, entre grupos etnicos que mal se conheciam. Destas ligações mais intimas resultou uma tendencia para a politica da concordia, uma linha de conduta mais esclarecida, da parte das raças europêas, que se foi acentuando gradualmente.

As circunstancias politicas em que se encontram a Gran-Bretanha e os Estados- Unidos, tendo de resolver nos seus territorios e colonias questões sociaes que implicam com a sua vida economica e politica, tornaram oportuna a organização desse Congresso. As idéas scientificas, no dominio da antroposociologia, que tem vindo lavrando a pouco e pouco, crearam-lhe uma atmosfera apropriada. O Congresso das Raças foi por isso, a nosso vêr, o resultado logico de um certo numero de condições actuando simultaneamente, de correntes de opinião das sociedades civilizadas tendendo para a resolução de determinados problemas.

Entre a civilização actual e a de ha cincoenta annos, ha diferenças sensiveis. Temos hoje um conhecimento mais documentado das regiões onde a Europa domina ha muitos seculos. Instituições politicas, religiões, costumes, tradições, linguas, são presentemente apreciados á luz de um novo espirito; os povos, quer da Asia, com um passado de luz, quer da Africa, em começo de desenvolvimento social, são agora mais lucidamente considerados. Todas as explorações scientificas, as infiltrações lentas provocadas pelo commercio, as empresas industriaes de naturezas diversas, o ataque facil de todas as zonas promovendo a conquista completa da superficie, a sobreposição invasora, emfim, da civilização occidental em toda a Asia e na Africa inteira, todas estas circunstancias desvendaram os segredos das sociedades asiaticas e africanas, levaram á consciencia dos povos cultos a certeza de que todas essas immensas aglomerações humanas, de raças muito diferentes, com tenden-

cias de espirito e costumes extranhos ao meio europeu, possuíam energias e aptidões notaveis para se integrarem na Civilização. As suas crenças religiosas, as suas tradições, o seu viver politico e a sua moral social são por nós mais scientificamente interpretados. Tem-se uma visão mais clara do que é todo esse mundo exotico, que velhos preconceitos afirmaram ser irreductivel ás leis do progresso occidental; sabemos agora lêr melhor a alma desses povos, medir o seu valor intellectual, as suas energias sociaes. E de todo este conhecimento, do inquerito feito pela civilização contemporanea, veio, com o derruir dos erros antigos sobre o egocentrismo dos povos europeus, a convicção de que se sentem já os sinaes do renascimento da Asia inteira e de que a massa humana, suposta amorfa, do Continente africano possue energias que o nosso estimulo fará despertar.

Ainda ha meio seculo o Japão não representava valor apreciavel na politica mundial: é hoje uma potencia de primeira ordem a dominar no Pacifico. Ao choque brutal da civilização europêa, que elle ao principio não soube comprehender—, e contra ella revoltaram-se todas as suas tradições de muitos seculos,—as suas qualidades nativas, as suas aptidões intellectuaes vieram á superficie, e em poucos annos o exemplo dos povos occidentaes fez de uma terra de semi-barbaros o guia principal das raças mongolicas. Apagou-se rapidamente o desdem que por elle manifestavam as grandes nações e ninguem mais se atreveu a supôr que o japonês seja insusceptivel de um progresso tão largo como o dos Estados da Europa e America.

A China, com os seus quatrocentos milhões de habitantes, a mais velha das civilizações excentricas, nos confins da Eurasia, separada dos povos em que primeiro floriu a civilização primitiva, por barreiras formadas de immensos desertos, teve dezenas de seculos de laboração interna, durante os quaes

vincou profundamente na terra o seu character. Creou uma filosofia, fez uma religião, o seu pensamento investigou problemas da mais alta metafisica, explorou o ceu, teve literaturas, sciencias, artes, esculpiu nos monumentos a sua historia, mas habituou-se a *estar*, ignorando o que se passava em volta. De um lado o oceano immenso, quasi sem limites; do outro, desertos permanentemente revoltos de temporaes de areia; bloqueada ao sul por corôas de montanhas sem transito, e ao norte, as regiões frias, percorridas raramente por tribus errantes. Mas um dia, no começo da Renascença, os povos do occidente foram até ella, a espreitá-la, e, de então até hoje, nunca mais deixou de ser inquietada. Cercaram-na, venceram-na, abriram-lhe estradas e linhas ferreas, romperam os seus portos e rêdes hidrograficas, investigaram a sua vida domestica e a vida social, as suas artes decorativas, os fundamentos das suas crenças, assaltaram-na de todos os lados emfim. E desse inquerito, a que ella se opôz e se opõe ainda tenazmente, houve a certeza de que essa vastissima massa de *loess*, que lhe dá uma fertilidade incomparavel, possue riquezas inesgotaveis, e que esse povo, laborioso, pachorrento, persistente nas suas crenças, profundamente conservador, mansamente activo, poderá, a continuar a inoculação do espirito occidental que vae sofrendo, abrir-se a idéas mais progressivas, a sentimentos mais nobres e a um grau de cultura superior. O velho dormente começa a despertar, sacudido pela civilização euro-americana, e dentro em pouco terá a consciencia plena da sua força.

A Persia, misteriosa, quasi desconhecida, inaccessivel, feita das cinzas de um poder que se apagou sem irradiar longe o seu clarão, isolada da India pelo Deserto Salgado, da Turquia Asiatica pela planicie morta da Mesopotamia, como que se enkistou de encontro á Russia tartara, que a não soube agitar, nem

transfundir-lhe novas energias. Viveu assim fóra do convívio occidental, extranha á civilização europêa, e só raramente abrindo uma fenda estreita por onde a luz entrava a medo! Mas a Rússia desceu vagarosamente até o Caucaso, atravessou o Caspio, fixou-se nas estépes do Turquestan; a Gran-Bretanha apossou-se do Beluquistan, estabeleceu um protectorado afavel no Afeganistan, fez do Golfo Persico um mar britânico e foi-se pôr de sentinela no porto de Koveit, á saída do Chat-el-Arab. Começou o assalto, pelas *zonas de influencia*: centuplicou a actividade russa ao norte, cresceu a iniciativa britânica ao sul. Nem o imperio slavo queria proteger a Persia, nem a Gran-Bretanha se oferecia para sua protectora! Mas desempoeiraram-na das suas ruínas, inquiriram das suas finanças, apresentaram-na com todos os resultados uteis da intelligencia humana: e a Persia, cezariana nos seus processos politicos, despertou um dia parlamentar e democrata, — ella que se conservára mergulhada durante longo tempo no desconhecimento quasi absoluto das idéas europêas, da nossa Arte, da nossa Filosofia, da nossa Sciencia. E assim foi que das cinzas que cobriam os restos de um povo, que teve uma historia, saiu, ao contacto das industrias e do commercio das raças energicas da Europa, o renascimento de uma raça asiatica. Dos homens de hontem, esquecidos das suas tradições, formaram-se os persas de hoje, de intelligencia maleavel, de espirito rectilíneo, adaptaveis facilmente ás novas idéas e encarando com lucidez a sua situação politica e della querendo libertar-se pelo trabalho.

A aglomeração malaia no Extremo-Oriente, dispersa por archipelagos e em retalhos no sueste asiatico, paciente e feliz em Java, revoltada e ardente em Sumatra, mestiçada com chinezes, japoneses, indios e melanesios, numa confusão étnica quasi indecifrável, sem uma patria de origem definida, sem um es-

tado organizado em volta do qual pudesse gravitar, viveu muitos seculos sob uma sujeição moral chinesa, sem individualidade propria, sem personalidade consciente. Condições geograficas tinham concorrido para esse retalhamento, e essas mesmas condições facilitaram a invasão dos povos vindos de muito longe. A Hollanda, apesar do seu cezarismo administrativo, tão autocratico como o do imperio slavo, chamou o malaio das suas Indias a uma civilização gradual, sugerindo-lhe a conservação dos seus costumes, dando-lhe uma autoridade nominal, ensinando a prática agricola, á investigação das riquezas do sólo e adaptando-o inteiramente a uma vida social, que elle não possuía e a ambições de colaborar com o Estado supremo, a que não reagiu.

A massa siamesa, apertada entre a expansão francesa e britânica e formando um Estado tampão entre as duas nacionalidades europêas, acordou ao embate dos tratados que lhe delimitaram as fronteiras. Ofereceram-lhe mercadorias do occidente, formaram-se companhias para a exploração do seu sólo, sacudiram-na da indiferença apatica em que se encontrava sob a influencia hereditaria do mongolismo ambiente. E deste bloqueio a que não pode esquivar-se, dessa luta de interesses que nelle se estabeleceu, o Sião adquiriu vantagens, fez viajar pela Europa os seus homens principaes, illustrou-se, e dos confins do occidente da Eurasia trouxe exemplos, lições, processos de administrar, que vão gradualmente firmando uma tranquilidade social nos seus territorios e um lento desenvolvimento na sua cultura intellectual.

A velha India, que no sul deu patria aos negroides, recebeu como hospedes os malaios e na bacia de Ganges creou, com elementos étnicos superiores, uma civilização notavel, anarquísara-se lentamente. Era immensa para uma só religião, vasta para uma só raça; dentro della cabiam muitos potentados falando

linguas semelhantes. Paiz das mais elevadas montanhas da Terra ao norte; um blóco triangular, rugoso, desigual, mundo étnico diverso ao sul, e entre estas duas faixas toda uma planura a formigar de gente fanática.

De uma á outra extremidade levantára templos, tivera industrias opulentas, explorára pedras preciosas. Eram milhões as jóias dos seus rajás, admiráveis os seus soldados, terríveis as sentenças dos seus sacerdotes, implacáveis as ordens dos seus reis. Invadiram-na os arabes e veiu com estes a tirania do mahometanismo; assaltaram-na os parses aos milhões e com elles levantou-se uma formidável oligarquia; a indole guerreira dos radjputes fez da planicie indo-gangetica o sombrio imperio de Grã-Mogol. Deu-se o choque formidável das religiões antagonistas, o conflicto das raças alastrou-se com intensidade; indús, mahometanos e parses, tres étnias diversas tentando alcançar a hegemonia, sulcaram fundo a discordia na Peninsula. E como esta, nas suas planicies, nos platós que emergem com frequencia, com as muralhas immensas de montanhas que a ladeiam, zonas de fome de permeio com fragmentos de riqueza incomparavel, não punha em facil contacto os seus povos de origens diferentes senão na planura fertilissima do norte, onde a guerra de raças e religião era permanente, nunca a India se unificou sob a fórma de um Estado. Das rivalidades politicas nasceu a fraqueza colectiva; da intolerancia religiosa, a ferocidade social; das castas, uma desagregação moral. A familia não teve uma base solida; os Estados não adquiriram estabilidade; o fanatismo fechou-lhes o espirito para a luz de um mundo melhor. E a patria imaginaria dos indo-europeus, — *miragem oriental* dos velhos antropologistas, — desagregou-se, sem coesão étnica capaz de crear interesses colectivos, e foi-se entregando, aos bocados, primeiro, na periferia, aos portuguezes, depois o corpo inteiro á dominação britanica.

Sob o influxo poderoso da Gran-Bretanha e ao peso de uma nova civilização, a India conservou o antagonismo das raças e religiões, mas abriu o seu espirito ás novas idéas. Desenvolveram-se industrias com uma rapidez extrema; o poder assimilador das suas raças superiores adquiriu uma cultura mais apropriada ás necessidades modernas. Deixou-lhe intactas as religiões o espirito colonizador e pratico dos ingleses. D'este modo, lentamente, e sem perder as suas crenças e tradições, a India sujeitou-se á invasão europêa, e as suas novas gerações, educadas nas universidades da Inglaterra e nas que esta organizou na Peninsula, crearam sciencia, evocaram velhas literaturas, fizeram a critica filosófica das crenças religiosas, folhearam os documentos genealogicos da sua velha civilização e de degrau em degrau encheram-se de ambições, de uma vaidade sem limites e puzeram-se a fantaziar um imperialismo indú assente num colosso incoerente, de centrifugação facil, de parcelas desconexas.

Toda Asia occidental, — a móle arcaica da Arabia, com vida só na periferia, as planicies quasi mortas da Mesopotamia, em cujo ventre se ocultam as ruinas das civilizações primitivas, a nesga torturada do Jordão, o bloco rugoso da Anatolia, as escarpas asperri-mas do Kurdistan e da Armenia, — é um immenso deposito de energia humana latente. Borbulham em toda ella aptidões que floriram em outros tempos, restos gloriosos das civilizações passadas. A pequena distancia da Europa, isolou-a de nós e do espirito moderno a politica sombria, intolerante e rancorosa do mussulmanismo. Quando a torrente mahometana voltou ao seu leito primitivo, expulsa do Mediterraneo e da Europa meridional, foi nessas terras da Asia, de paisagens revoltas, contorcidas por convulsões frequentes, que ella se alastrou. Ficou-lhe no sangue a hostilidade contra os occidentaes. A religião

vencida guardou intactos os seus preconceitos; não se curvou ao genio europeu, e contra a invasão deste levantou uma muralha immensa feita de odios.

Mas a Turquia desintegrára-se; muitas das suas regiões haviam-se tornado independentes; a Gran-Bretanha, a Russia, a França, a Italia, a Austria e a Allemanha, por processos diferentes, com fórmulas diplomaticas de ocasião, começaram a intervir na sua vida economica e politica. Bancos franceses e allemães em Constantinopla, linhas ferreas com capitaes ingleses, austriacos, franceses e allemães, receitas aduaneiras, questões religiosas, foram outros tantos motivos para o recuo gradual do poderio mussulmano. Da Europa á Asia vae um passo; pela Jonia, pela Palestina e Mar Negro o assalto é rapido. Abre-se a Anatolia; a nesga do Libano ao Mar Morto cae sob a curiosidade cosmopolita; os mercados do Kurdistan, do Yemen e Asia Menor enchem-se de productos europeus. Atraz dos comerciantes os exploradores, os industriaes, o capital enfim, com todas as exigencias da alta financa. Descobrem-se zonas de colonização, estudam-se climas tão salubres como os melhores da Europa, ha minas de riqueza incalculavel. A paisagem movimentada, revolta, é indicadora de aptidões as mais diversas do solo. A Turquia, sob o peso da diplomacia europêa, vae cedendo sempre, vae abrindo á civilização as suas terras, e á medida que a invasão se espalha, a fraqueza mussulmana acentúa-se, a religião claudica, as tradições apagam-se e as grandes potencias vão dispondo da Asia Occidental como terra conquistada. Da Mesopotamia, espera-se que resurja como o Egypto; do Kurdistan e Armenia, suspeita-se que venham a ser, como a California no seculo 19.º, vastos depositos de ouro. E a linha ferrea da Anatolia a Bagdad poderá transformar-se em sulco de passagem do *drang nach Osten* do imperialismo germanico.

A mão britanica chamára á vida do

trabalho o fellá sismador e paciente. O Egipto decadente, esperando tudo do ritmo periodico com que as aguas do Nilo fertilizam as terras marginaes, viu um dia crescerem os seus campos de cultura, aumentar a sua riqueza, avigorar-se a sua população. Primeiro a intervenção francesa, depois a supremacia britanica, em toda a vida economica e politica do paiz. As condições estrategicas crearam-lhe uma importancia mundial inapreciavel; o canal de Suez e o porto de Alexandria tornaram-no cosmopolita. O Nilo popularizou-se; sobre as piramides andaram formigueiros de homens, turistas de todas as partes do mundo. Desvendaram-lhe os segredos, leram nos hieroglifos a sua historia, desenterraram os grandiosos monumentos da sua civilização, reconstituíram bocado a bocado o seu passado heroico, os nomes illustres dos seus reis, os caracteres do povo que fizera as obras sublimes da sua architectura. E desse exame minucioso, desse inquerito admiravel, que se deve principalmente aos sabios da França, adquiriu-se a certeza de que o fellá moderno, bisonho e indiferente, tranquilo na sua fraqueza, é o descendente do antigo egipcio que fez Thebas, construiu Memphis, subiu até Napata, levantou as piramides, lutou contra os assirios e os persas. O islamismo abatêra-o, sumira-o na obscuridade, e as suas energias haviam-se apagado. Infundiu-lhe a Europa a esperança de um futuro próspero, educou-o, e em pouco tempo no cerebro do fellá renasceu a alvorada risonha de uma nova civilização.

Os japoneses, chineses, malaios, indios, persas, arabes, semitas e egipcios, constituem as étnias representantes de grandissimas forças que veem surgindo para a civilização. Os europeus provocaram o seu renascimento, sacudiram-nos do seu torpôr secular, chamaram-nos á concorrência mundial. A reacção não se fez esperar. No seu sangue estavam latentes as energias que escreveram as

primeiras paginas da historia humana; a aspereza do seu character, resultante de um longo isolamento, alizou-se; a insociabilidade, a intolerancia, o receio, o ciúme, todos os sentimentos traduzindo a aversão pelos occidentaes, o terror das suas armas, o despeito pelos seus triunfos, deram logar nos ultimos vinte annos, a um sentimento de concordia, a uma necessidade de colaboração economica, que o europeu, por conveniencia propria, foi preparando com uma conducta mais justa, mais tolerante, mais respeitadora das tradições e direitos desses povos.

Este sentimento de concordia, necessario á realização de um ideal superior da civilização, aproximou os representantes de todos esses povos. Ao chamamento britânico, á sugestão norte-americana, os povos da Asia e o Egipto comprehenderam o alcance de uma *entente*, de uma troca de impressões sobre a futura norma de conducta entre elles e os paizes do occidente. Os seus publicistas e a sua imprensa responderam ao convite que partia das raças europêas. Estas, dominadoras e com interesses superiores da sua politica a sustentar, previram o alcance de uma larga discussão, de que resultassem afirmações, servindo de base a uma futura acção civilizadora commum.

O despertar da Asia e do Egipto, devido á intervenção da cultura europêa, importa uma moral internacional, cujos fundamentos tem de ser estudados. Não será possivel, dentro em pouco tempo, uma politica de aggressões permanentes, de lutas movidas por um egoismo desenfreado. A Europa tem de contar com o renascimento da Asia, com a sua formidavel energia industrial, com a colossal riqueza do seu solo e com a plasticidade admiravel de muitos dos seus povos. São tipos novos de civilização que começam a manifestar-se, agrupamentos politicos que se estão elaborando, uma actividade prodigiosa que a civilização occidental vem trazendo á superficie.

O Primeiro Congresso Internacional das Raças teve como um dos seus principaes motivos a consciencia do valor das raças asiaticas, a certeza de que estas se preparam para utilizar as suas inexgotaveis energias produtoras: são agrupamentos étnicos com uma longa historia, milhões de homens a produzir e consumir, fontes de riqueza a explorar. E quem, no Congresso, ouviu atentamente os seus representantes, percebeu a significação das suas palavras, as suas esperanças, o seu entusiasmo por uma nova éra de luz, de reabilitação de todo um longo passado de sonolencia.

Os que tiveram a idéa do Congresso comprehenderam muito bem a necessidade de chamar todos esses povos a uma especie de primeiro parlamento interracial. Mas não foi este o unico motivo que suggeriu a organização do Congresso. Interesses politicos de outra ordem, muito especiaes d'algumas nações, concorreram poderosamente para esse encontro dos delegados das familias humanas mais diversas.

Emquanto a Gran-Bretanha pode conservar-se no seu *esplendido isolamento*, limitando-se a fazer pesar a sua influencia na politica europêa só quando convinha aos seus interesses, não tinham o seu commercio e as suas industrias que defrontar-se com qualquer outra potencia. O Japão era a esse tempo uma quantidade insignificante na vida mundial; os Estados-Unidos não haviam entrado na fase de actividade prodigiosa e das grandes ambições que os distinguem actualmente; a Allemanha não sofrêra ainda a febre pan-germanica e o egoismo insofrido que a torna hoje a rival mais poderosa da Gran-Bretanha; a França, quebrada a sua supremacia politica no continente europeu, recuára para se reconstituir. A Inglaterra estava só, orgulhosa do seu poder, sem rivaes a temer; ditára leis, impunha-se, mandava. No seu immenso imperio colonial a instrucção não tinha dado até então

todos os frutos que neste momento imprimem á sua fisionomia um caracter especial. Os povos da India, Indo-China, Arabia, China, Persia, Malaia, Asia Central e da Africa não manifestavam fortes sinaes de renascimento politico e intelectual. Mas em trinta annos todo este quadro modifica-se; as linhas estruturales do poder britanico alteram-se: formam-se grandes potencias, a expansão commercial allemã entra em luta com a actividade britanica; a partilha dos continentes e ilhas ainda não sujeitos ás nações europêas faz oscilar a supremacia da Gran-Bretanha isolada. Surgem uns após outros os tratados de aliança, as *ententes*, uma nova politica internacional emfim. Emquanto estes acontecimentos politicos se vão dando, as colonias inglesas de povoamento são convidadas a intervirem na vida politica da metropole; as colonias de exploração entram numa fase nova, prometendo-se e concedendo aos indigenas garantias diversas, favores de administração, reconhecendo-se-lhes aptidões e cultura intelectual sufficiente.

As terras asiaticas dominadas pelos ingleses estimulam-se, creando industria, instrucção publica, visando a uma civilização mais alta; as terras da Africa, impulsionadas pela iniciativa individual britanica, crescem em valor commercial; os seus naturaes entram a educar-se, a procurarem um nivel moral e intelectual superior.

Complica-se por todas estas circunstancias a situação mundial da Gran-Bretanha. Desfez-se o isolamento commo dos tempos antigos, e a energia britanica, em presença de graves dificuldades que ella creára com a maxima lucidez e serenidade, opõe ás novas tendencias e aspirações dos seus povos dominados meios de conciliação, processos de conducta especiaes, tendo por fim harmonizar os seus interesses com os das suas colonias. A's exigencias de varias ordens das grandes colonias de povoamento responde dando-lhes o *self-government*

maximo e a interferencia nos negocios politicos da mãe-patria; nas outras colonias, observando a inquietação inicial dos seus habitantes de maior cultura, prepara uma politica de concordia.

E' principalmente a India que mais preocupa a Gran-Bretanha. O problema politico da India é o mais difficil de solução que agrada a todas as regiões. O triunfo japonês foi recebido em toda a India como uma alvorada politica, o primeiro sinal do despertar da Asia; a renascença da China, de que a revolução actual é a manifestação mais clara, terá na peninsula industanica um echo violento, fazendo reviver ambições antigas, tendencias de autonomia politica adormecidas e odios profundos estratificados em dois seculos de revolta latente.

Desviar essa corrente, que póde, neste momento da civilização dos povos indianos, vincados fortemente ás suas tradições religiosas e de castas, conduzi-los a um estado anarquico; contrapôr á propaganda feita pelo proletariado intelectual, creado pelas universidades indianas, um *modus-vivendi* de concordia pelo reconhecimento dos direitos politicos não respeitadas até agora; sustentar o poder britanico, não pela força, mas provocando a formação de regiões politicas docilmente organizadas e levando-as a uma evolução gradual dentro dos seus costumes, religiões e tradições proprias, eis os fins da politica britanica na India, nesta fase de reviviscencia em que os povos asiaticos se encontram, graças á influencia directa da civilização occidental. — Dahi a necessidade de os chamar a um parlamento mundial, para alizar arestas, desbastar asperezas, procurando chegar a uma solução que substitua a politica aggressiva dos tempos passados.

Em cem annos a cultura britanica transformou completamente, no ponto de vista economico, a peninsula indiana. As suas industrias, o seu immenso commercio, o desenvolvimento consideravel das suas aptidões agricolas, a exploração das suas minas, o renascimento da

sua literatura, são phenomenos sociaes que a India deve á civilização occidental. As suas grandes universidades encheram-se de estudiosos, ás escolas superiores das Ilhas Britanicas afluíram centenas de moços de todos os pontos da Peninsula. A cultura europêa creou deste modo uma camada superior sobre um espesso sub-sólo de tradições arcaicas. Os intellectuaes saídos das escolas espalharam-se pela India e sentiram immediatamente a necessidade de reagir contra a sonolencia mental da raça. Foi deste modo que surgiu a revolta, ao principio lenta, depois pelo facto, e o malestar tremendo que ameaça a hegemonia britanica no sul asiatico.

A Gran-Bretanha, habituada a encarar friamente os problemas mais dificeis da sua vida politica, comprehendeu ter chegado o momento de se aproximar de todos esses agrupamentos étnicos que formigam no Industão, separando-os, creando entre elles incompatibilidades mais fundas, mas elevando-os pelo reconhecimento das suas notaveis aptidões em todos os campos de actividade e preparando-os assim, com a promessa de uma nova politica, para reconhecerem nella a sua grande e atenta educadora.

Na Africa do sul outras são as condições que a civilização britanica tem em vista. Não se trata de povos com uma cultura já feita e transmitida: não são étnias com um longo passado a sustentar-lhes as ambições. São, pelo contrario, povos na infancia, alguns ainda na mais baixa animalidade: mas traduzem energias, podem ser com justiça excellentes colaboradores da obra britanica. Das suas qualidades intellectuaes nenhum antropo-psicologo hoje duvida; da sua adaptabilidade a sentimentos superiores ha exemplos numerosos; da sua conduta social e da possibilidade da sua elevação moral, a experiencia do sul yankee revela factos e phenomenos interessantes que a sciencia regista actualmente com particular interesse. Pensa-se em transformar as chamadas raças in-

feriores em sêres colectivos de envergadura moral e intellectual aproximando-se das sociedades cùltas da Europa e America. E porque se sumiu, graças á antropo-sociologia moderna, o falso preconceito da incapacidade das raças exoticas para uma cultura superior e porque a psicologia étnica ensina hoje que os homens, no ponto de vista das suas aptidões psiquicas, podem atingir, dentro de determinadas condições, uma craveira moral analoga e uma estatura intellectual semelhante, o espirito moderno, revelado na feição actual da politica britanica, já não confunde o problema étnico com o problema psicologico das raças.

Com caracteres étnicos especiaes, que não se fundem nem se misturam eugenicamente, os agrupamentos étnicos collocados nos extremos de serie humana podem ter a mesma emotividade, a mesma energia de vontade e identicas aptidões intellectuaes.

E' este ponto de vista que guia actualmente a conduta britanica. A Inglaterra aprendeu na India a estudar mais atentamente os povos dominados; foi-lhe lição proveitosa o aparecimento desse proletariado intellectual que invade a India inteira e que surgiu das universidades creadas pelo liberalismo politico sugerido pela escola de Manchester.

A occupação do Egipto foi uma consequencia logica do imperialismo britanico: era uma exigencia da sua politica no Mediterraneo. A Inglaterra precisava guardar a primeira estrada comercial do mundo. O Egipto deixou, de facto, de ser uma provincia turca para se transformar em dominio da Gran-Bretanha. E como pudessem surgir veleidades de revolta contra a sua politica, o governo inglês conseguiu por todos os modos tornar estavel a occupação dessa chave do Mediterraneo. Formou-se, como era natural, a reacção nacionalista, que, se não leva a inquietação ao espirito britanico como o movimento indiano, póde dar lugar a discordias frequentes e a um estado social perturbador. Tendo a Ingla-

terra chegado a um acôrdo com a França sobre a questão egipcia, poudo livremente extender a sua influencia por todo o Nilo, sem receio de graves complicações. Mas o povo egipcio é inteligente, na sua camada mais alta ha homens de cultura moderna. Chamá-los a uma concordia sob a dominação britanica, promovendo o desenvolvimento economico do Baixo Egipto, onde a população é mais densa e progressiva, tem sido nestes ultimos annos a conduta preferida pela Gran-Bretanha. Mas sejam quaes fôrem as pretenções dos agitadores egipcios, por maior que seja a civilização que o Egipto possa atingir, o dominio britanico conservar-se-ha em toda a zona africana que vae das regiões dos Grandes Lagos até o Mediterraneo.

Mas não é só á nação inglesa que interessa esta obra de paz entre o seu governo e os povos dominados. Tambem os Estados-Unidos, povo sem historia e ainda no inicio da sua expansão, tem que defrontar-se com dois graves problemas étnicos, que influem já poderosamente na sua politica interna e externa e na sua vida social: referimo-nos á lenta e contínua infiltração mongolica nos estados do Oeste e Noroeste e ao crescer gradual da massa negra e negroide nos estados do Sul. Embora a população total dos Estados-Unidos se aproxime hoje de 100 milhões de habitantes, as raças exóticas aos elementos étnicos europeus eleva-se a mais de 10 %, o que significa, pelo gráu de ilustração que uma parte dessas raças apresenta, uma interferencia contínua no modo de ser social e politico da grande republica.

Sobre o valor real da infiltração mongolica não ha dados estatisticos muito seguros. E' uma invasão *dispersa* e de categorias muito diferentes. Encontram-se mongoes nas universidades, frequentando assiduamente os seus cursos e organizando-se em associações e clubs exactamente como os norte-americanos, e no commercio, acumulando cautelosamente os seus lucros e estudando pacientemente

as condições economicas da vida americana. São mongoes os melhores creados de servir em todos os estados americanos do Norte e Oeste, mas são igualmente mongoes os concorrentes da média burguezia comercial e industrial. Apesar de todas as restrições, vencendo todos os impedimentos legais, entram sempre, entram submissamente, e este fenomeno de invasão étnica, se não faz alterar sensivelmente as energias raciaes da familia euro-americana, deve influir nas suas condições sociaes, pela intervenção dum factor exótico, sem ligação ao solo, sem amor por quem o acolhe nem interesse pela sua maior grandeza politica.

O immigrante *amarelo*, trazido como mercadoria, como objecto, desses immensos formigueiros humanos que se chamam a China e o Japão, é repellido, é expulso com frequencia, despresado constantemente, tem só deveres e quasi não tem direitos na terra-mãe da moderna democracia. Mas vence tudo, sujeita-se a todos os vexames, esgueirando-se pelas *falhas* da sociedade, e a pouco e pouco, como que a medo, com a classica astucia dos orientaes, até conseguir os seus fins. Seria um concorrente temivel, um immigrante incómodo, se a politica norte-americana não o sacudisse constantemente, não estivesse vigilante contra esse agente perturbador do crescimento gradual e homogeneo da grande massa humana de origem europêa que se vae acumulando em todos os estados da Republica. O Japão, depois da guerra com a Russia, já pretendeu impôr aos Estados-Unidos essa immigração, que a America não quer; a China, tranquila na sua sonolencia multi-secular, não revelou ainda qualquer sentimento de hostilidade contra o desprezo que o branco americano manifesta pelos seus filhos. Mas o Japão cresce prodigiosamente em ousadia e poder, e sorri-lhe um *golpe de mão* sobre as ambicionadas Filipinas, um dos fins da sua actual politica internacional. A China começa a mostrar, com surpresa do mundo inteiro, que a supunha com-

pletamente entregue ás suas velhas tradições arqui-conservadoras, um espirito moderno em alguns dos aspectos da sua revolução politica, que acaba de derrubar a hegemonia mandchú, para se preparar para uma fórmula de governo de feição democratica. Quando estas duas nações, immensamente ricas, com uma população formidavel e laboriosa, estiverem em condições de reagir contra os impedimentos postos por outras nações á livre expansão dos seus subditos; quando os processos artificiaes de que a America se serve não puderem aguentar a violencia da onda asiatica, será necessario, para a conter, que o espirito norte-americano se encontre preparado e a população euro-americana em tal numero e tão solidamente estabelecida e fixa ao solo que a immigração mongolica, incidindo sobre ella, não provoque disequilibrios raciaes por uma mistura de sangue oriental com as étnias de proveniencia europêa.

De modo diferente se apresenta o *problema negro* no sul dos Estados-Unidos. Os descendentes actuaes dos escravos trazidos da Africa dividem-se em camadas sociaes diversas a que correspondem graus de mestiçagem com o branco. Para o norte-americano puro, sem mácula de sangue exotico, é *negro* todo aquelle que revele no seu aspecto fisico o mais leve sinal de cruzamento com as raças africanas. Ora, nos estados do sul ha todas as cambiantes de cruzamentos. Na massa negra e negroide norte-americana encontra-se desde o tipo puro do negro africano, sem o mais insignificante vestigio das raças europêas, até o mestiço que só uma observação atenta póde destrinçar do *caucasico* ideal. Toda essa população negra e mestiça de cerca de dez milhões, que o exemplo dos brancos levantou da inferioridade em que a conservára a escravatura, é qualificada de *negros*. O norte-americano esquece-se de que ha uma diferença fundamental entre o negro puro, descendente directo da primitiva

raça africana e sem inquinação étnica de qualquer natureza e o mestiço que revela uma percentagem de 60 % ou 30 % ou ainda menos de sangue africano. Quando se examina toda a linha cromatica que vae do negro puro até o mestiço quasi branco, resalta ao espirito de um homem culto a grave injustiça de se confundir sob a mesma designação individualidades étnicas muito diferentes, e a injustiça aproxima-se de um crime social quando esse qualificativo de negro, tão largamente espalhado, traduz uma politica cruel, obrigando homens de superiores qualidades intellectuaes e de alta envergadura moral a terem só deveres e negando-se-lhes os direitos que a esses deveres correspondem.

Os negros dos Estados do Sul são subditos americanos; nenhuma potencia virá em seu auxilio para quebrar a rijeza da maior parte da opinião norte-americana contra elles. Mas constituem uma massa compacta, que procura viver, instruir-se, enriquecer. Em poucos annos o seu desenvolvimento tornou-se sensivel, a sua actividade faz reflectir os que os desprezavam, e embora a sua população não cresça com o mesmo coe-ficiente do da população branca, no entanto é suficientemente grande para se impôr pelo seu trabalho. E' intensa a hostilidade contra elles; irreductivel, até hoje, a aproximação social; irresistivel a repugnancia pelos crusamentos legais.

O publico norte-americano confunde o aspecto psicologico com o aspecto étnico do mesmo problema. Dahi o desvirtuar-se a idéa da aproximação, que não significa de modo algum a imposição de um contacto organico, de uma mistura fisiologica, mas sim o reconhecimento de capacidades moraes e intellectuaes, sem que esse reconhecimento traduza a pretensão de uma mistura de étnias diversas. Na sua maneira simplista de encarar os problemas raciaes, esse publico não distingue a concepção moral da concepção fisiologica. E no

entanto estes dois pontos de vista, um antropológico e outro exclusivamente antropológico, não se colidem. Nos grandes organismos estaveis, fortemente constituídos, com uniformidade étnica dentro de um grande agrupamento, — como nos Estados-Unidos, onde se caldeiam todas as raças européas, — os dois lados do problema não oferecem, cada um, uma solução unilateral. Os cruzamentos realizam-se, as étnias fundem-se, as energias moraes e intellectuaes elaboram-se sem desequilibrios, polarizando-se de modo a crearem individualidades com aptidões diversas das dos seus paizes de origem. Mas não é este o fenomeno que se observa nos estados do Sul da Republica norte-americana: os cruzamentos são actualmente raros, os antigos mestiços ensimesmam-se organicamente. E' uma ruminação étnica, tendendo talvez para uma regressão á origem africana. Porém, com este fenomeno racial, outro se apresenta e que justifica plenamente a iniciativa dos espiritos esclarecidos, chamando a uma concordia social a grande massa euro-americana e a população negroide e negra do sul. E' incontestavel que esta progride, sente-se nella a influencia da civilização moderna em todos os seus modos de ser, da arte, literatura, sciencia. Os negroides e negros são alguem dentro dos Estados-Unidos; não se lhes póde negar aptidões intellectuaes; as suas qualidades moraes revelam uma certa cultura; as suas universidades e escolas de diversos graus mostram como é errada a afirmação já velha da inferioridade absoluta das chamadas raças *exoticas*.

E' o reconhecimento deste aspecto psicologico do *problema negro*, que a pouco e pouco vae creando uma opinião intelligente nos Estados-Unidos, que levou o Prof. Felix Adler a sugerir a idéa de um congresso de raças, onde se ventilassem as questões relativas a uma aproximação moral, a uma *entente cordiale* ditada pelo interesse, provocando o exame e a critica séria e scientifica

das antigas afirmações da sciencia antropológica.

Foram estes dois problemas; — o mongol e o negro, — este no Sul e aquelle no Oeste, e que preocupam seriamente os pensadores da Republica norte-americana, que mais contribuíram na America para esse movimento aparentemente filantropico, mas realmente de defeza nacional, que se está observando nestes ultimos annos. E', sem duvida, um movimento muito reflectido, visando um ideal superior de justiça social, de cordialidade humana necessario nesta fase da civilização, em que todos os povos se aproximam pelo extraordinario encurtamento das distancias e em que o choque dos interesses varios e dos direitos tradicionaes com as exigencias economicas e politicas dos povos mais expansivos, poderá provocar conflictos raciaes e internacionaes, se uma forte corrente de opinião, gerada pela cultura moderna, por uma nova sciencia, — a antropologia, — não conduzir as nações avançadas a uma mais generosa concepção da humanidade.

Deve-se á Gran-Bretanha e aos Estados-Unidos o primeiro Congresso Internacional dos Raças. Moveu-as sem duvida o superior interesse da sua grandeza politica, a primeira vendo hesitante a supremacia incontestada que vem gosando ha dois seculos na Asia e ameaçadora a corrente de libertação tutorial que se desenha na India, a segunda procurando sustar de um lado a marcha dissimulada e alastrante do elemento mongol e do outro regularizando o contacto moral infalivel com a civilização do negro. Mas este movimento encontra-se delineado ha muitos annos. As tendencias filantropicas da mulher inglesa e norte-americana, traduzindo em parte uma educação especial de mistura com laivos de snobismo, concorreram poderosamente para esta corrente da opinião. As propagandistas de um e outro paiz percorrem todas as terras, fixam-se em regiões muito distantes, educam,

Christianisam os povos, alastram a sua influencia por toda a parte e criam neste modo uma opinião firme, — por vezes optimista, — do valor e das qualidades dos homens que educaram. Essas propagandistas viveram entre os Samoyedos, os Yakuts, os Bushmanos, os Niam-Nians, os Tasmanios; percorreram durante muitos annos o Gobi, as Montanhas Rochosas, a Alaska, a Terra do Fogo; levaram a evangelização pelas regiões menos conhecidas do globo. Foram essas mulheres, de um valor moral incontestavel, que, com uma tenacidade extrema, uma persistencia maravilhosa, escrevendo, discursando, chamaram a atenção intelligente dos homens de sciencia, obrigando-os a colaborar com ellas, orientando-as, ensinando-lhes a observar, a recolher documentos, a analisar as raças inferiores, investigando o que estas

teem de valor affectivo e intellectual que possa integrar-se numa civilização superior.

O Congresso das Raças não surgiu esporadicamente, sem raiz presa a uma opinião publica já de longa data em preparação. E' a nosso vêr a primeira manifestação de um movimento de generosidade da civilização moderna, mas traduz igualmente um conjunto de idéas scientificas e filosoficas que, por um fenomeno de suggestão social inconsciente, foi deitando as primeiras sementes nos paizes onde o acolhimento seria mais seguro e a floração mais facil. E' esse *meio* scientifico que vamos agora apreciar.

(Continúa).

SILVA TELLES.

A ENTREGA DE BOMBAIM E O CASTIGO DO VICE-REI DA INDIA

Não está bem averiguado ainda o final da carreira do vice-rei da India, Antonio de Mello de Castro, que entrou em Goa a 12 de dezembro de 1662 e de ali regressou á Europa em fevereiro de 1667, depois de uma gerencia que se não foi brilhante, foi de dignidade rara.

No tratado de alliança e contracto de casamento da infanta D. Catarina com o rei Carlos II de Inglaterra, diploma assignado em 23 de junho de 1661, entrou uma disposição, pela qual fazia parte do dote da futura rainha da Gran-Bretanha além de Tanger, a ilha de Bombaim.¹

Nesse contracto, a fim de salvar o resto das possessões portuguezas na Asia contra os assaltos dos holandeses, dispunha-se que a Inglaterra as defendesse como convinha á sua impotente aliada, compromisso exarado nas seguintes formais palavras: «E quando o Senhor Rei da Gran-Bretanha enviar a sua armada para tomar posse do dito porto e ilha de Bombaim, terão os ingleses instrucções para darem toda a segurança de amisade, socorro e auxilio

aos subditos do Senhor Rei de Portugal nas Indias Orientaes.»

Não tendo os ingleses cumprido esta condição do tratado, julgou-se Mello de Castro exonerado da obrigação de entrega, acto que foi protelando, até que pela força de cartas régias teve de largar mão da ilha, que os anglo-saxões occuparam em 18 de fevereiro de 1665.

Muito curioso é o caso que não tendo os ingleses podido defender as fortalezas da India contra os holandeses, como mandava o tratado, ainda por cima viessem exigir de Portugal as despesas da armada enviada áquellas regiões. Numas instrucções datadas de 5 de outubro de 1665 ao Marquez de Sande, embaixador em Inglaterra, e não se sabendo ainda que Bombaim estava na posse dos seus novos donos, diz-se: «sabeis que El-Rei da Gran-Bretanha informado das dificuldades que se offerecião, em se lhe fazer a entrega, que eu desejava, veyo em que da minha parte se lhe desse huma recompensa de dinheiro.»

Em face da repugnancia que lavrava na India sobre a entrega da ilha e de que se tinha feito eco o Vice-Rei acobertando-se com a falta de cumprimento de parte do tratado, a metropole tratou de abrir negociações para o resgate de Bombaim, ainda mesmo que ella esti-

¹ E' assim que as nossas historias insidiosamente registam a perda de Bombaim, quando a cessão da ilha nada teve com o dote.

esse já entregue. A estimação montava
 « 229862 libras esterlinas e 14 she-
 ings, das quaes as 120000 libras esti-
 mavão ser o valor da ilha, e o resto
 pelo gasto da Armada, que mandarão
 a India para tomarem posse della. »

A repugnancia dos habitantes da ilha
 em receberem pacificamente os ingleses
 era justificada, como se viu pelo proce-
 dimento dos novos senhores que exer-
 ciam extorsões fiscaes e religiosas. Essas
 dificuldades só ficaram liquidadas em
 1722, sendo quasi certo que hoje os des-
 cendentes daquelles expoliados só de
 mau grado voltariam ao jugo dos seus
 antigos dominadores e correligionarios.

A cessão da ilha de Bombaim de que
 tomou a administração a Companhia
 das Indias foi um beneficio para aquelle
 territorio, conceito em que devem cair
 de acordo todos aquelles que perfilham
 as ideias de cultura e não se deixam
 prender pelas utopias naturalistas á
 maneira de Rousseau. A conservação
 da ilha na posse de Portugal tê-la-hia
 mantido, e até talvez augmentado, num
 estado inconcebível de atrazo.

E' porém certo que o sentimento na-
 cional ficou profundamente ferido e ali
 se achou mais um projectil para bater
 a consideração da casa de Bragança na
 opinião portuguesa. No entanto do pala-
 cio da Bemposta mandado construir
 pela Rainha da Gran-Bretanha, onde
 hoje está instalada a Escola do Exercito,
 ainda o escudo das armas inglesas sem a
 respectiva corôa pende dos largos por-
 tões, e só ha poucas semanas foi apa-
 gado das esquinas o distico do *Paço da
 Rainha*, e substituido pelo de *Largo da
 Escola do Exercito*.

O causador de toda esta questão deve
 ser considerado o vice-rei Mello de Cas-
 tro, que enviado a bordo da esquadra
 inglesa com a missão da entrega da ilha
 aos tradicionaes aliados, e aliados em
 todas as situações politicas, apenas che-
 gou á India manteve a exaltação dos
 habitantes de Bombaim e a augmentou.
 A origem da má vontade deve buscar-se

já nas desintelligencias que se produ-
 ziram durante a viagem entre o soberbo
 português e os não menos soberbos in-
 gleses. Parece que Mello de Castro era
 dotado da moral dos senhores e não da
 moral dos escravos, conforme a termi-
 nologia de um philosopho naturalista
 allemão, e se mais longe não foi nos seus
 propositos deve-se isso ao profundo aba-
 timento em que iam caminhando as nos-
 sas forças. A palmas defendeu-se, po-
 rém, com a interpretação do tratado,
 como se tal defesa fosse proveitosa em
 substituição de argumentos materiaes
 que não havia.

A resistencia passiva que elle empre-
 gou foi-lhe prejudicial e o seu nome
 não ocupou as folhas dos registos das
 mercês com promessas, como era usual
 concederem-se aos individuos da posição
 de Mello de Castro.

Em 14 de maio de 1665 numa ins-
 trucción que havia de usar Rui Telles
 de Menezes nas jornadas de Inglaterra
 e França é julgado pelo governo por-
 tuguês o seu procedimento da maneira
 seguinte: « sendo esta materia a que ha
 dado tanta pena, espero, que com a ge-
 nerosidade de S. Mag. Britanica, com
 o conselho delle Chancellor e com o es-
 forço que faço se concluirá e tiraremos
 motivos de maiores uniões e se vos
 fallarem em Antonio de Mello de Cas-
 tro direis como lhe tenho nomeado
 por successor a João Nunez da Cunha
 que partirá em setembro seguinte, e
 que Antonio de Mello virá a responder
 aos artigos, com que o mandarei exa-
 minar, além de se lhe tirar o lugar de
 Viso rei, e nam disputareis este ponto
 mais que com dizer que o Viso rei hé
 vario, mas que é certo que os povos
 não consentiram a entrega e que foi
 fatal aquelle successo e que agora hé so
 tempo de remedios e satisfações. »

Mello de Castro foi portanto demi-
 tido de Vice-Rei e mandado responder
 a artigos de que não conhecemos ainda
 o teor, mas que deveriam ter respeito
 á sua desobediencia. A pena que lhe

teria sido aplicada não foi de certo muito grave, tanto mais que no intimo o governo portuguez acharia bem fundadas as delongas do representante do rei na India.

A desculpa da variabilidade ou da inconstancia de Mello de Castro apresentada á Inglaterra não foi de molde, por certo, a engrandecer a consideração dos politicos portuguezes. Ou ella era chronica e portanto bem conhecida e Portugal não devia aproveitar-se de tal individualidade; ou só se revelou na India e nesse caso a metropole não o deveria manter no cargo tanto tempo.

Em todo o caso Mello de Castro deve ser considerado como homem de caracter, como ainda eram vulgares em Portugal no sec. xvii.

Faleceu em 1689 e os seus ossos talvez se encontrem no convento de Sant'Anna de Collares, se por ventura o nosso fraco utilitarismo ainda os lá deixou em paz.

PEDRO D'AZEVEDO.¹

¹ Obras consultadas: Judice Biker, *Supplemento á collecção dos Tratados*, tom. ix. 1872; Teixeira de Aragão, *Descripção geral e historica das moedas*, tom. III, 1880; Danvers, *Report to the Secretary of state for India etc.*, 1892; Castilho, *Lisboa antiga*, vol. iv, 2.^a ed. Mss. Instrucções ao Marquez de Sande e Rui Telles de Menezes de 14 de maio e 5 de outubro de 1665, ps. 1 e 110 v. do vol. 2 da Caixa 15 da Collecção da Graça (Vidigueira).

D. Miguel da Annuniação, bispo de Coímbra

No decurso das investigações feitas para a minha *História da Igreja em Portugal*, depararam-se-me documentos e outras fontes de informação que permitem esclarecer a história, até hoje bem obscura, do célebre bispo de Coímbra D. Miguel da Annuniação. E' sabido que o marquês de Pombal mandou apprehender e trancar ou queimar os documentos que mais contribuiriam para se avaliarem os fundamentos da cruel perseguição movida ao prelado conimbricense, pretendendo deixar á posteridade só os libellos accusatórios; d'ahi os juízos incompletos, erróneos ou hesitantes dos historiadores, quando se referem ao bispo D. Miguel.

Nasceu D. Miguel da Annuniação em Lisboa a 28 de fevereiro de 1703, filho de Tristão da Cunha e Ataíde, primeiro conde de Povolide, e de D. Archángela de Távora, filha do segundo conde de S. Vicente e pertencente á célebre família dos Távoras. No século usou o nome de Miguel Carlos da Cunha. Entrou como porcionista no real collégio de S. Paulo, em Coímbra, no dia 22 de outubro de 1719; e recebeu em maio de 1724 o grau de bacharel em cânones. Em dezembro de 1726 foi nomeado em concurso conductário da faculdade de cânones, com quarenta mil

reis por anno e privilégios de cathedrá-tico.¹ Quando na vida lhe sorriam os brasões da nobreza e os fulgores da carreira universitária, resolveu-se a abraçar a clausura no mosteiro de cónegos regrantes de Santa Cruz de Coímbra, para o que muito contribuíram as missões religiosas que na mesma cidade fizeram por aquelle tempo dois varatojanos, Fr. Affonso dos Prazeres e Fr. Manuel de Deus. Naquella casa religiosa recebeu o hábito a 26 de abril de 1728; e em 1737 foi eleito geral da congregação.

Apresentado por D. João v, em 1739, no bispado de Coímbra, recebeu a sagração a 9 de abril de 1741, na igreja de Santa Cruz. Durante muitos annos apascentou o prelado tranquillamente as suas ovelhas, com grande piedade e zelo, vigiando pela disciplina ecclesiástica e pelo bem espiritual dos fieis que lhe estavam confiados. Ordenou um livro de doutrina para instrucção das creanças, e mandou a todos os párochos, sob pena de excommunhão, que não desobrigassem do preceito quaresmal a ninguem que não soubesse a doutrina d'esse livro.

¹ D. JOSÉ BARBOSA, *Memórias do collégio real de S. Paulo da Universidade de Coímbra*, pág. 396.

A 16 de julho de 1748 lançou os fundamentos do majestoso edificio destinado a seminário diocesano, ao qual consagrou os seus melhores cuidados e a maior parte dos rendimentos episcopaes. Pela bulla *Gloria Domini* enviou-lhe Bento XIV auctorização para estabelecer no convento de Santa Cruz uma academia de sciências ecclesiásticas, com professores de história ecclesiástica e de liturgia. As despesas seriam custeadas pelos rendimentos das igrejas de Vagos, Vinha da Rainha e Mouronho. Porém a bulla ficou sem effeito, por não lhe ser dado o beneplácito régio. Temos á vista duas pastoraes impressas de D. Miguel da Annuniação, uma de 8 de fevereiro de 1762, outra de 3 de janeiro de 1763. São ambas documentos modelares pela substância doutrinal, pela erudição theológica e pelo zelo e bom senso que revelam.

Entre professores e estudantes da universidade de Coimbra tinham por aquelle tempo muita voga certos livros com doutrinas contrárias aos ensinamentos da Igreja. Entre esses livros se contavam alguns dos mais notáveis escriptores francezes do século XVIII; e, persuadido o prelado conimbricense de que taes leituras abalavam a fé e os costumes da mocidade inexperiente, expediu a 8 de novembro de 1768 uma pastoral, em que apontava aos seus diocesanos os livros de cuja lição deviam abster-se, como perniciosos. Essa pastoral, que foi o ponto de partida para a perseguição movida ao bispo de Coimbra, nunca foi impressa.¹ D'ella encontramos várias cópias, com uma ou outra variante destituída de importância. Ei-la na integra:

¹ Cândido Mendes de Almeida (*Direito civil ecclesiástico brasileiro*, t. I, pág. xcv) menciona uma traducção *in-extenso* da pastoral de D. Miguel, publicada por F. Gusta, *Memoires du marquis de Pombal*, t. III, pág. 193.

« D. Miguel da Annuniação, cónego regular de Santo Agostinho da congregação reformada de Santa Cruz, e por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica Bispo de Coimbra, Conde de Arganil, Senhor de Coja, do conselho de Sua Majestade Fidelíssima etc.

« Ao Nosso amado clero e povo saúde e a Nossa benção no Senhor.

« Attendendo Nós á obrigação indispensavel, que temos, de guardar o depósito que Sua Divina Majestade se dignou commetter-Nos; e sendo informados, não sem grande afflicção do Nosso espirito, que o homem inimigo não cessa de sobresemear a sizânia dos escriptos perversos e escandalosos entre o bom trigo dos dogmas da fé, das máximas do Evangelho e da moral de Jesus Christo, nos pareceu que deviamos oppôr-nos como muro a esta torrente inundante de doutrinas várias e peregrinas, que se teem derramado nesta cidade e tememos passem a toda a diocese, com prejuizo immenso das almas e das consciências. E considerando Nós, que estas obras das trevas não somente conteem muitas proposições contrárias á pureza da fé e á santidade da lei; mas que são inteiramente corruptas e corruptoras da religião christã, da disciplina e da piedade, e capazes de introduzir a abominação no logar santo, que é a Igreja, julgamos, irmãos e filhos caríssimos, dar-vos testemunho d'estas obras, mas com o fim de que não contamineis os vossos corações com tão immundos escriptos; pois se o Apóstolo nos adverte *que nos separemos de todo o irmão que anda desordenado e não vive conforme os dictames da pura e santa doutrina*, — quanto mais devemos evitar a lição d'estes auctores, que persuadem com maior efficacia, por meio de textos artificialmente applicados, de razões apparentes e da força ou suavidade do estylo, as abominações, os erros e as mentiras. São, pois, os livros, que nestes últimos tempos se teem composto contra a religião revelada, contra a pureza dos costumes, contra a obediência devida aos soberanos, que queremos eviteis, como peste, os seguintes:

L'Espion dans les cours des Princes chrétiens, ou Lettres et Mémoires d'un Envoyé secret de la Porte dans les cours de l'Europe;

Lettres cabalistiques;

Lettres chinoises;

Lettres juives;

Lettres sur la religion essentielle à l'homme;

Oeuvres du philosophe de Sanssouci;

Tableau du siècle;

Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers ;
De l'Esprit ;
L'Espion de Thomas Kouli-Kan dans les cours de l'Europe ;
Le contract social ;
La philosophie de l'histoire ;
Discours sur l'inégalité des hommes, de M. Rousseau ;
Dictionnaire Philosophique ;
La philosophie de l'histoire ;
Abrégé de l'histoire, de M. de Voltaire ;
Essai sur l'histoire, do mesmo auctor ;
L'Henriade, do mesmo ;
Précis de l'Ecclésiaste et du Cantique ;
L'Esprit, de M. Voltaire ;
Le despotisme oriental ;
Dupin, De antiqua Ecclesiae disciplina, Dissertationes historicae, a quem segue Justino Febrônio, De statu Ecclesiae et legitima potestate Romani Pontificis ;
La Pucelle d'Orléans, de M. Voltaire ;
Belisaire, par M. Marmontel, de l'Académie Française.

« Vede agora e attendei, irmãos e filhos caríssimos, que o desígnio d'estes auctores parece ser de arrancar dos corações dos fieis pela raiz as regras puras dos costumes, a doutrina mais sã da lei, os dictames mais sólidos da moral, e introduzir o indifferentismo e fanatismo, capaz de fazer que muitos naufraguem na fé; de pôr em maior risco as preciosas vidas do rei e dos príncipes; e de alterar a boa harmonia que deve haver entre o sacerdócio e o império: — *Ex sacerdotio et regno* — diz Isidoro Pelusiota ¹ — *rerum administratio conflata est; quamvis enim permagna differentia sit, ad unum tamen et unicum finem tendunt, hoc est, ad animarum salutem.* Empeñando-se estes escriptores temerários e sacrilegos em illudir os homens com vãs imagens de uma especiosa philosophia, e corromper a adolescência, ou menos radicada na fé, ou menos instruída na moral, ou menos firme nos caminhos do Senhor, e por consequência mais susceptível das impressões do erro e do engano: de modo que estes apóstolos da mentira teem causado na cidade santa maior ruína que os gentios nos primeiros séculos e nos séguentes os hereges; sendo para a Igreja mais amarga a paz de que agora gosa do que foi a guerra que então a combatia; porque aquella guerra coroava os mártires, multiplicava os fieis e a banhava de contentamento e alegria; e esta paz representa á mesma Igreja objectos tristes em muitos

dos seus filhos iníquos ¹ e zelosos da impiedade, que por meio dos seus escriptos, como caçadores do inferno, armam laços á innocência e redes á piedade, e por isso parecem comprehendidos no número d'aquelles infelizes, que vendo Jeremias em espírito, disse, ou gemeu: ² « *Inventi sunt in populo meo impii insidiantes, quasi aucupes laqueos ponentes, et pedicas ad capiendos viros* ». ³

« E' verdade que estes falsos prophetas não lançam por terra os altares, mas impedem com as suas erradas notícias se adore o verdadeiro Deus, que quer ser adorado em espírito e verdade; não tiram a vida corporal aos fieis com ferro, mas se applicam a privar os mesmos fieis, com o veneno da sua sciência, ou, para melhor dizermos, da sua ignorância, de outra vida mais nobre, que é a do espírito, alterando a sua fé, pervertendo os seus costumes, levantando nesciamente a sua soberba contra a doutrina e sciência de Deus; preferem o nome de philótophos ao de christãos, atrevendo-se a tratar como superstição, esphera limitada e fraqueza de espírito a fiel observância da lei; e os verdadeiros christãos como insensatos, ou menos illuminados, os quaes, vendo-se combatidos sem causa, esperam debaixo das azas do Senhor até que passe a iniquidade.

« Finalmente elles fingem um Deus cego, sem providência, sem discernimento, sem justiça na distribuição dos prémios e dos castigos, e se fabricam um Deus que põem em templos excelsos. D'este modo, depois de negarem ou pretenderem escurecer os princípios da religião revelada, ou abusando d'elles, intentam confundir a unidade do ministério sagrado, com divisões do centro da mesma unidade; pontos de mera disciplina com verdades da fé e da moral; os direitos com puros factos, e os bem ordenados poderes do sacerdócio e do império com a dissimulada desordem entre ambos; e pôr artificialmente como em paralelo as seitas mais abomináveis com a religião christã pura, santa e immaculada, como se fosse compatível e conviesse a luz com as trevas, o templo de Deus com o ídolo de Belial; mas infelizmente, porque estés auctores, vítimas dos anjos das trevas, como impugnam a verdade, perdem a paz e com as suas próprias armas se ferem sem misericórdia; porque, como já disse Lactância, ⁴ esta é a natureza das men-

¹ Noutra cópia lê-se: « e muitos dos seus faz iníquos ».

² Variante de outra cópia: « no número d'aquelles, que Jeremias em espírito disse ou gemia ».

³ « Cap. v, v. 26. »

⁴ « Lib. 5. Instit. cap. 3. »

¹ « Lib. 3, Epist. 230. »

tiras, que se não podem ajustar ou convir entre si — *Hoc est enim mendaciorum natura, ut cohaerere non possint.*

« Mas porque seria inutil esta pastoral, se a não munisse á imposição das penas, que são o nervo da disciplina e a barreira da iniquidade, mandamos aos nossos súbditos no Espírito Santo, e em virtude da santa obediência, não leiam nem ouçam ler os livros que temos declarado nesta nossa pastoral, não tendo aliás licença legítima para ler livros prohibidos, fugindo, como de peste, de lição tão contagiosa e nociva; e advertimos aos confessores, assim seculares, como regulares, a obrigação de suspender ou differir a absolvição no juízo sacramental aos que repugnarem obedecer á voz de Deus, intimada nesta pastoral, não querendo deixar de ler tão perniciosos escriptos, ainda mais funestos que as letras de Urias; porque se não privam da sua vida o corpo, privam a alma de outra incomparavelmente mais preciosa, mais nobre e mais digna.

« Que tendes vós, irmãos e filhos caríssimos, que ver no caminho do Egypto, para beber a água turva? Que podeis aprender, que não seja muito melhor ignorar, d'esses doutores da iniquidade? Acaso não ha entre vós algum sábio, ou faltou em Galaad a rezina e o médico? Correi a beber na fonte, da qual mana a água da vida eterna; queremos dizer a escriptura e tradição, os Santos Padres e os concílios; e acautelai-vos d'aquellas cisternas arruinadas, para não beberdes a morte nas suas águas venenosas e corruptas.

« Esta é a doutrina, irmãos e filhos caríssimos, conforme á piedade, que Nos parece propôr-vos, com o fim de não communicarmos nos peccados alheios e nos fazermos participantes das obras infructuosas das trevas pela Nossa dissimulação e pelo Nosso silêncio, no mesmo tempo que somos obrigados a não nos envergonharmos do Evangelho, e a publicar dos logares mais altos os invioláveis direitos de Deus, e a manifestar aos Nossos súbditos os laços que no campo da Igreja tem armado o nosso commum inimigo á sua innocência, valendo-se d'estes ministros da maldade, dos quaes parece disse Jeremias: ¹ — *Quomodo dicitis: Sapientes nos sumus, et lex Domini nobiscum est? Vere mendacium operatus est stylus mendax scribarum — Confusi sunt sapientes... Verbum enim Domini projecerunt et sapientia nulla est in eis.* »

« Dada no Nosso Paço Episcopal, firmada com o Nosso signal, e sellada com o sello das Nossas armas, aos 8 de novembro de 1768. E eu, o Padre Jerónimo Saraiva dos Santos, escrivão da câmara, a subscrevi.

D. Miguel, Bispo Conde.

¹ « VIII, 8. »

A publicação d'esta pastoral nas igrejas levantou grande celeuma contra o bispo. Pretendia-se que por aquella forma elle se revoltava contra a auctoridade real, invadindo as attribuições da Real Mesa Censória, a quem incumbia o exame e censura dos livros; e que assim procedia como instrumento dos padres jesuitas. Não tardou que o marquês de Pombal mandasse prender o bispo e fazer uma devassa.

A 8 de dezembro de 1768, pouco antes da meia noite, chegou a Coímbra uma grande alçada de desembargadores e outros ministros, escoltados por oitenta soldados de cavallaria, os quaes pelas duas horas da noite (dia 9) se postaram ás portas do paço do bispo e ás do mosteiro de Santa Cruz e do seu collégio. Tanto que amanheceu e se abriram os edificios, pelas seis horas, entraram os ministros e soldados pelas portas em que se achavam distribuidos. No paço prenderam o bispo com toda a sua família e Fr. Luís de Nossa Senhora da Porta, converso, que o prelado tinha em sua companhia. No dia seguinte foi o bispo levado para Lisboa e conduzido ao forte de Pedrouços entre uma escolta de dragões. Alli ficou por mais de oito annos sepultado num estreito cárcere, que, segundo se diz, tinha nove palmos de comprido e outros tantos de largo, e apenas recebia luz por uma fresta de palmo quadrado, aberta no tecto da prisão.

A família do bispo e o converso Fr. Luís ficaram presos em Coímbra, no collégio da Companhia, onde tambem foram encarceradas outras várias pessoas que posteriormente se prenderam. De lá foram alguns transportados para Lisboa, e Fr. Luís e outros que se julgaram innocentes recuperaram a liberdade, alguns no dia 18 de janeiro, os restantes no dia seguinte.

Em Santa Cruz foram presos os quatro cônegos D. Dámaso da Encarnação, D. Marcellino da Encarnação, D. José de Nossa Senhora da Graça e D. José

da Expectação. Enquanto se fizeram as prisões d'estes quatro, esteve toda a communiidade junta no meio do dormitório grande, com guardas á vista e ordem para não falarem uns com os outros. Revistaram as algibeiras de todos, o que se praticou com excessos indecentes, cousa que o presidente da alçada, desembargador Joaquim Gerardo Teixeira, muito sentiu depois, e de que deu satisfação a alguns cónegos. Em seguida toda a communiidade foi mandada para o refeitório, onde, postos todos nos seus logares, foram perguntados por um dos ministros se tinham a pastoral do bispo. A's onze horas jantaram, com sentinellas á vista, e só ás seis horas da tarde lhes foi permittido irem do refeitório para as cellas, já a esse tempo revistas e despejadas de todos os papeis e cartas, que os ministros levaram para uma sala das hospedarias, a fim de examinarem tudo com vagar.¹

Em carta régia datada de 9 de dezembro, o mesmo dia em que foi preso D. Miguel da Annuniação, declarava o marquês de Pombal ao cabido da sé conimbricense, que o seu bispo, pelo grave malefício, caíra em crime de lesa-majestade; incorrêra na pena de real indignação, de confiscação de todos os seus bens, de privação da naturalidade, e em todas as mais penas estabelecidas contra os que conspiram, ou para as offensas da régia majestade, ou para a ruína de seus reinos e estados, ou para as perturbações do socego público; que, pela natureza de seus crimes, pelo ministério da lei e pela notoriedade de seus attentados, incorrêra nas comminações penaes desde a hora em que per-

petrara o malefício, sem que para o castigo fosse mister esperar o julgamento e a sentença; e que o bispo, apenas indiciado, logo fôra havido por morto civilmente e o bispado tido por vacante. Accrescentava que em taes circumstâncias se devia proceder á eleição do vigário capitular, e insinuava ao cabido que fizesse recaír os votos em Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, que era irmão do Dr. João Pereira Ramos e grande parcial e amigo do marquês. O cabido obedeceu a todas as indicações do ministro de D. José. Na cathedral fizeram-se as cerimónias de sé vaga: retirou-se do logar próprio a cadeira episcopal e dobrou o sino do relógio.

Ao mesmo tempo commetteu o marquês de Pombal á Mesa Censória o exame da pastoral, da qual foram censores Fr. Manuel do Cenáculo Villas Boas, o confessor da princesa do Brasil, Fr. Ignácio de S. Caetano; e João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, desembargador do Paço. Em conformidade com o parecer dos três censores, aquelle tribunal, por sentença de 23 de dezembro de 1768, capitulava de falsa, infame e sediciosa a pastoral do bispo de Coímbra, mandava que fosse lacerada e queimada publicamente pela mão do algoz, e que todas as cópias d'aquelle documento fossem no prazo de trinta dias entregues pelos seus possuidores á Real Mesa Censória. A sentença executou-se em Lisboa, na praça do Commércio, a 24 de dezembro de 1768, presidindo a este acto o corregedor do crime do bairro de Belem, Diogo Ignácio de Pina Manique. Não era possível ser mais expedito!

Examinemos agora os artigos do libello accusatório formulado contra D. Miguel da Annuniação, o qual se tornou extensivo a matérias differentes d'aquelle que offerecia a pastoral. Este documento foi apenas o pretexto, ponto de partida para esmagar completamente o bispo; e que semelhante plano existia demonstram-no

¹ D. PEDRO DA ENCARNÇÃO, *Memória do que succedeu no mosteiro de Santa Cruz de Coímbra no anno de 1768*, na sua Collecção de manuscritos, t. VII (n.º 362 da Bibliotheca do Porto), fls. 75 e seg. Existe na bibliotheca nacional uma relação manuscrita da prisão do bispo de Coímbra, a qual é citada por LATINO COELHO, *História política e militar de Portugal*, t. I, pág. 110.

a forma do processo, o ódio que resumira de todos os termos da accusação e as falsidades manifestas que contra elle foram invocadas.

Como D. Miguel redigiu e expediu a pastoral declarando-se a isso obrigado pelos deveres do seu munus episcopal, que exercia num estado cathólico, a primeira questão a examinar, para julgarmos o seu procedimento, é se realmente o prelado conimbricense por aquelle modo exerceu direitos e cumpriu obrigações próprias do seu ministério, ou se, pelo contrário, exorbitou das suas funcções ou as atraiçoou. E' uma questão jurídica inseparavel da questão histórica. Ora na Escriptura impõe-se aos bispos a obrigação de guardar o depósito da fé (II ad Tim., I, 14), olhar pelo rebanho que lhes foi confiado (Act., xx, 28; I S. Pet., v, 2) e evitar as contradicções de sciência de falso nome (I ad Tim., vi, 20); e estes são na verdade os intuitos que o prelado confessa, e que bem claramente se revelam na condemnação de livros que continham doutrinas opostas á fé.

Desfazerem-se os christãos dos maus livros era tradição que datava dos primeiros séculos da Igreja. Nos tempos primitivos, aquelles que de novo se convertiam á fé queimavam primeiro os maus livros de que se tinham servido (*S. Athan., De incarnat. Verb.*) Em 325, o concílio de Niceia condemnou e prohibiu os livros de Ario. Em 398, um concílio de Carthago prohibiu aos bispos que lessem os livros dos gentios. Em 399, Theóphilo, patriarcha de Alexandria, condemnou e prohibiu os livros de Orígenes. Em 401, foram os mesmos livros prohibidos por Santo Epiphânio, num concílio de Chipre. Em 431, o concílio de E'pheso condemnou e prohibiu os livros de Nestório. Em 444, o papa S. Leão, num concílio celebrado em Roma, condemnou e prohibiu os livros dos manicheus e mandou queimá-los publicamente. Em 451, o concílio de Chalcedónia condemnou e prohibiu os livros do

heresiarcha Eutýchio. Em 494, o papa S. Sýmmacho mandou queimar os livros dos manicheus deante das portas da igreja Constantiniana. O papa Hormisdas tambem mandou queimar os mesmos livros em 523.

A mesma tradição se encontra em toda a idade média em factos semelhantes, que, por numerosos, nos abstemos de citar. Em 1643, o arcebispo de Paris, João Francisco de Gondy, prohibiu o livro intitulado *Augustinus*, attribuido a Cornélio Jansénio, e umas theses defendidas em Lovaina a propósito do mesmo livro; e tambem prohibiu, sob pena de excommunhão, que alguém mandasse ou procurasse imprimir, sem licença, qualquer livro sobre a graça. No mesmo anno prohibiu o referido prelado o livro intitulado *La théologie familiale*. Em 1650, Simon, bispo de Soissons, prohibiu o mesmo livro e mandou que ninguem o lesse nem retivesse sob as penas comminadas na Constituição de Urbano VIII. Em 1668, Mons. Hardouin, arcebispo de Paris, condemnou e prohibiu uma traducção do novo testamento publicada em Hannónio; e o mesmo fizeram outros bispos de França. Em 1693, Mons. François, arcebispo de Paris, condemnou a obra intitulada *Nouvelle Bibliothèque des auteurs ecclésiastiques*, de Dupin, e prohibiu que ninguem lesse, mandasse ler ou retivesse a dita obra. Em 1699, Fenelon, o célebre arcebispo de Cambrai, prohibiu que se lesse ou retivesse o livro intitulado *Explication des maximes des saints sur la vie intérieure*. Idéntica prohibição fez Bossuet no referido anno. Finalmente, a mesma doutrina da prohibição de livros fôra recommendada a todos os bispos por Clemente XIII, na sua encyclica de 25 de novembro de 1761.

Affirma-se na consulta da Mesa Censória, que *os livros libertinos que tomou por pretexto a pastoral, todos se achavam prohibidos pela referida Mesa, « COMO SE VERÁ LOGO »*; pretendendo-se d'ahi concluir, que não era necessário prohi-

bí-los o bispo. Todavia não cita a data do edital em que tivesse feito semelhante proibição. Nem a podia citar, porque os livros prohibidos pelo bispo de Coimbra o foram também pela Mesa Censória, mas só quasi dois annos depois, em edital que temos á vista e é datado de 24 de setembro de 1770. A falsidade da affirmação feita na consulta é flagrante e demonstra claramente o propósito de perder e condemnar D. Miguel da Anunciação, quaesquer que fossem os meios necessários ao effeito.

Suppondo mesmo que a Real Mesa Censória houvesse prohibido os livros em questão, nem por isso ficava o bispo de Coimbra inhibido de os prohibir também, nem a sua prohibição seria inutil. A Mesa Censória, como tribunal secular, muñida dos poderes que lhe dimanavam do rei, não gosava da menor auctoridade em matérias de fé, nem era juiz competente em controvérsias de semelhante natureza, nem podia dar voto decisivo sobre as doutrinas que os fieis deviam seguir, sobre os livros que deviam ler ou evitar. *No que pertence á fé ou a qualquer outro negocio ecclesiástico, deve julgar aquelle que nem é inferior na dignidade, nem differente na jurisdicção. (In causa Fidei, vel ecclesiastici alicujus ordinis ille judicare debet, qui nec munere impar est, nec jure dissimilis. — Santo Ambrósio, Epist. 32).* D'aqui se conclue também, que a sentença da Real Mesa Censória contra o bispo de Coimbra foi proferida por um tribunal incompetente e sem jurisdicção para julgar um bispo; além de que o accusado não foi ouvido para se defender, e foi condemnado por crimes inteiramente falsos e imputados por falsas provas, como no decurso d'esta exposição se irá vendo.

Era D. Miguel da Anunciação accusado de se revoltar contra a auctoridade do rei, o que é falso, porque a pastoral em nada se oppunha ou contrariava as leis régias.

A primeira lei que na consulta se allega como offendida é a de 2 de abril

de 1768, pela qual El-Rei prohibiu a bulla chamada da *Ceia do Senhor* « e as que fizeram a base dos indices »; mandou observar todas as leis e ordens concernentes á censura dos livros, e que nenhuma pessoa pudesse imprimir, vender, distribuir ou publicar semelhantes escriptos. Porém nenhuma afinidade existe entre essas bullas e escriptos e a pastoral do bispo de Coimbra. Na sua pastoral não approva o bispo cousa alguma das que essa lei prohibe, nem toca na bulla da Ceia, nem nos indices romanos, nem em cousa que respeite á publicação dos livros.

Diz a consulta, que da cláusula da pastoral, em que o bispo manda aos seus súbditos, que nenhum leia nem ouça ler os livros que prohibe, não tendo aliás licença legitima para ler livros prohibidos, necessariamente se conclue que o prelado, por licença legitima, entende a da cúria romana, expedida sobre a supposta existéncia dos indices expurgatórios: pois não ha razão em que caiba, que tivesse por legitima a licença da Mesa Censória; e consequentemente se oppôs á dita lei, não accetando o que ella determina. Ora a ninguem é licito deduzir de simples conjectura ou suspeita uma conclusão necessária. Na expressão — *sem licença legitima* — o bispo não conferiu nem negou, nem á Mesa Censória nem a ninguem, a faculdade de legitimamente conceder licença para a leitura de livros prohibidos. Por outro lado havia motivos para suppôr o bispo de Coimbra bastante illustrado, para não se crer que elle pretendesse introduzir no reino os indices expurgatórios e as bullas a elles referentes, quando pela sua illustração não podia ignorar, que em Portugal não eram em tudo acceitos os taes indices e bullas respectivas; e que até os ministros do Santo Officio se não julgavam obrigados a ter por prohibidos em Portugal todos os livros que vinham no Índice romano; pois mandando-se fazer um indice expurgatório em 1725, d'elle foram ex-

cluídos muitos livros que andavam no Índice romano. Além d'isso era de todos sabido, e do bispo não podia ser ignorado, que antes da lei em questão corriam pelas mãos de todos muitos livros prohibidos no Índice romano, não só dos que tratam da auctoridade do rei, como Pereira (*De manu regia*), Oliva (*De foro Ecclesiae*), Salgado e diversos da mesma espécie, como outros muitos de diferentes matérias, e sem o menor escrúpulo.

Do que o bispo não podia duvidar era de que, prohibindo o papa por uma bulla a lição de qualquer livro, por conter proposições heréticas ou contrárias aos bons costumes; e sendo o mesmo livro igualmente prohibido por bispos, que o julgavam nocivo ao bem espiritual das suas ovelhas, nenhum tribunal régio a estas podia conceder licença para o lerem; porque, como diz a própria *Deducção chronológica* (P. II, Dissert. 1), *aos príncipes seculares só compete prohibir que corram os livros, vedar o commercio d'elles, mandá-los queimar e punir com penas temporaes os transgressores todas as vezes que a sua doutrina estiver censurada pela Igreja.*

Na sentença da Real Mesa Censória dá-se como violada pelo bispo de Coimbra a lei de 5 de abril de 1768, pela qual D. José erigiu o mesmo tribunal e lhe deu jurisdição privativa quanto á estampa, impressão, officinas, venda e commercio de livros já introduzidos no reino, ou que de novo se pretendesse introduzir ou reimprimir. Ora o principal intuito d'essa lei foi ordenar, como de facto ordenou, *que nenhum mercador de livros, impressor ou vendedor ousasse vendê-los, imprimi-los e encaderná-los sem approvação e licença da Mesa Censória.* Com isto se compadece uma pastoral, que se limita a prohibir a leitura de livros que a Mesa Censória não tinha approvado. Nem era accetavel que a causa da fé, no que ella dependia da vulgarização e leitura de livros, se deixasse ao arbitrio de um

tribunal cujos ministros não eram por instituição divina juizes em semelhante matéria. Por tal norma ficaria a conservação da fé na exclusiva dependência dos príncipes, o que é absurdo.

Dizia Bossuet, que na execução dos regulamentos sobre o exame dos livros, sempre se fizera distincção dos bispos, e do character que elles tinham de primeiros doutores da verdade na Igreja, para não parecer que no exercício do seu ministério dependiam d'aquelles mesmos que por direito divino lhes eram sujeitos. De taes regulamentos, dizia o bispo de Meaux, se deviam considerar exceptuados os catechismos publicados por auctoridade episcopal, as pastoraes, ordenações, censuras, estatutos synodaes e outros actos juridicos, que nunca foram sujeitos ao exame, nem o podiam ser, sem que se submettesse ao poder secular a doutrina da fé e toda a disciplina ecclesiástica; e com mais razão se deviam exceptuar da regra os breviários, missaes, processionaes, rituaes e outros livros litúrgicos.¹

O bispo de Coimbra prohibiu apenas a leitura de certos livros; não prohibiu que elles entrassem no reino e corressem, fossem impressos ou reimpressos, o que são cousas diferentes, como a própria *Deducção chronológica* estabeleceu, segundo vimos ha pouco; e portanto não invadiu as attribuições da Mesa Censória.

Tambem se não podia entender que o bispo houvesse de sujeitar a sua pastoral manuscripta ao beneplácito régio, nem lei alguma a isso o obrigava, nem tal cousa nunca se praticara; e tanto que, annos depois, o bispo coadjutor de Coimbra imprimia e publicava a sua pastoral do anno santo sem licença da Mesa Censória. Se os bispos não

¹ BOSSUET, *Memoires au sujet de l'impression des ouvrages de doctrine composés par les évêques*, na collecção de *Oeuvres posthumes* (Amsterdão, 1753), t. II, pág. 499 e seg.

pudessem no exercício do seu ministério expedir pastoraes, nem mesmo manuscriptas, sem as submeterem ao poder secular, poder-se-hia entender que tambem deveriam submeter-lhe os seus sermões, e assim todo o ministério docente que de Jesus Christo receberam ficaria na dependência do poder secular.

Allegava-se ainda contra a pastoral a lei de 6 de maio de 1765. Esta lei foi publicada a propósito da introdução em Portugal do breve *Apostolicum pasceudi*, em que o papa Clemente XIII confirmava o instituto dos jesuitas. Ora por essa lei apenas se decretou, que, sem o régio beneplácito, se não publicassem nem tivessem no reino execução alguma quaesquer bullas, breves, decretos, ordens, mandados, sentenças, ou quaesquer outros escriptos emanados da cúria de Roma, ou vindos de quaesquer outros países estrangeiros. Não havia relação alguma entre essa lei e a pastoral do bispo de Coímbra.

Uma das causas que mais excitaram a fúria contra a pastoral foi a condenação de Dupin e de Febrônio, cujas obras se ajustavam ao sectarismo do marquês e bem convinham aos seus intentos. Do próprio parecer approvado pela Mesa Censória resalta a prova do que affirmamos, quando nelle se diz: ... «Os dois livros de Luis Elliés Dupin e Justino Febrônio, que fizeram os dois determinados objectos do referido bispo, tratam sómente de pontos de mera disciplina arbitraria, e de pontos de jurisdicção que em nada interessam os dogmas da fé, ou a lei e a religião, como com artificiosa e mal entendida impostura se quis persuadir. — ... Prohibe o bispo alguns poucos livros de escriptores materialistas e libertinos, e juntos a estes temerários e prejudiciaes auctores colloca o *respeitavel e orthodoxo* Dupin nas *Dissertações históricas da antiga disciplina da Igreja*; e o *sábio* Justino Febrônio, porque o segue; comprehendendo a todos debaixo de uma

mesma qualificação vaga, violenta e contradictória.»

A obra de Dupin àcerca da antiga disciplina da Igreja era cópia das doutrinas de Launais, Luis Maimburgo e outros auctores já condemnados pela Igreja; e nella se incluíam os mesmos erros que na *Bibliotheca dos auctores ecclesiásticos*, muitas vezes reprovada e condemnada, como já vimos. Além d'isso, a mesma obra àcerca da antiga disciplina da Igreja fôra expressamente condemnada e prohibida por Innocéncio XI, em um breve de 22 de janeiro de 1688; depois pelo cardeal Luis António de Noailles, arcebispo de Paris, e pelo Expurgatório da Inquisição geral de Espanha.

A obra de Febrônio devia merecer tanto mais a attenção do prelado, quanto ella se vulgarizara, principalmente depois que em 1763 fôra impressa clandestinamente em Lisboa, indicando-se falsamente Bulleoni como logar da impressão. Febrônio copiara para a sua obra os erros de Dupin e de outros hereges. Logo que ella appareceu, a inquisição de Roma condemnou-a em decreto de 1764, approvado por Clemente XIII. Condemnou-a segunda vez o mesmo papa em um breve dirigido aos arcebispos e bispos de Alemanha, dos quaes muitos repetiram e renovaram a condemnação nas suas respectivas dioceses, como foram: o cardeal bispo de Constança, o bispo de Ausburgo, o arcebispo eleitor de Colónia, o príncipe bispo de Liège, o príncipe Clemente de Saxónia, sendo bispo de Ratisbonna; e finalmente o arcebispo de Vienna de Áustria, o qual juntamente com a imperatriz prohibiu o curso e venda d'aquella obra.

Tudo isto demonstra com quanta razão procedeu o bispo de Coímbra.

Não ha dúvida que os livros heterodoxos da época estavam muito em moda; e d'isto é prova a natureza dos erros que a Inquisição de Coímbra por aquelle tempo perseguia e punia. No

auto de fé celebrado a 11 de outubro de 1778 condemnou aquelle tribunal: um professor de geometria na universidade, por ser indifferentista, tolerantista e deísta, negar o mystério da Santíssima Trindade e professar erros contrários á moral; um estudante do quinto anno de cânones por ser atheísta, impio, blasphemo contra Jesus Christo e a Virgem Maria pelo modo mais horroso, por não crer mystério algum da religião cathólica e negar o céo, o inferno e o purgatório, affirmar que a lei natural é a única que se deve seguir, chamar embusteiros aos prophetas e aos apóstolos, professar outros erros e

ser dogmatista, pretendendo induzir várias pessoas nos mesmos erros; três soldados, dois cadetes, um tenente, um sargento e um cirurgião, por serem atheístas e indifferentistas, negarem a immortalidade da alma, o céo, o inferno e o purgatório, blasphemarem contra Jesus Christo e Maria Santíssima, e por outros erros, alguns contrários aos bons costumes.

(Continúa).

FORTUNATO DE ALMEIDA.

OS LYRICOS ROMANTICOS

A tradição lyrica na litteratura portuguesa. — Os precursores. — Garrett. — Herculano. — Os lyricos do « Trovador ». — Os medievistas e os contemplativos. — A decadencia.

Ao momento, em que presenciamos alguns symptomas de transformação social, transformação que naturalmente influirá sobre a arte, é opportuno analysar a influencia duma outra transformação social, a do constitucionalismo, sobre um ramo da arte litteraria, a poesia lyrica. Então estava-se ainda na vizinhança dum grande phenomeno politico e social, a revolução francêsa, e dum grande phenomeno litterario, o romantico, ainda determinado em grande parte por aquella. O constitucionalismo era uma corrente europêa, que a Santa Alliança não conseguira estagnar, e o romantismo, uma novidade litteraria já triumphante. Não succede assim agora; a republica foi uma nota discordante no concerto geral da Europa, onde a formula politica deixou de ser discutida, e a sua significação é principalmente nacional e particular, como opção dum povo por uma bandeira, que promettia honestidade, ordem e progresso, em vez da paralytia apathica e da dissolução. Tambem litterariamente, como politicamente, não ha decidida corrente de gosto, apenas se prevê que dentre as ruinas

do naturalismo renascerá o idealismo, porém um idealismo todo de emoção intellectualisada, que vae descobrir novos thesouros de belleza, novas fontes de inspiração, até hoje desconhecidas. Essa poesia, onde o homem parece solidarisar-se com o mundo, vibrando unisonamente com elle, como monada livre, reflexo minimo do universo, essa poesia, toda percorrida de anceios metaphysicos, que procura o valor da vida, parece a solução provisoria ao velho antagonismo entre a imaginação artistica e o espirito scientifico e philosophico. Não se pôde, porém, prever que trilho seguirá a poesia portuguesa, a deixar-se influir pelo novo estado moral, que resultará, possivelmente, da transformação politica e social, que se annuncia. Não será, todavia, fóra de opportuidade perguntar o que foi, em poesia, ess'outra innovação, que se chamou o romantismo. E seria, totalmente, uma innovação? Não haveria já elementos affins, que então avultassem e predominassem, sob o influxo de algum estimulo? E' a vez de se perguntar, se no romantismo portugês houve precursores.

Teremos, primeiramente, de assentar

no conceito a incluir, neste termo: precursores. Em litteratura, ou são precursores todos aquelles escriptores, que sem disso terem consciencia clara ou sem verem o seu alcance critico, fizeram arte já com alguns caracteres da futura escola litteraria, ou são precursores sómente aquelles que, expressamente, previram todo o problema, sentiram a transformação do gosto e lhes déram expressão litteraria, ainda que a iniciativa morresse, sem continuidade immediata. No primeiro caso, o romantismo português tem alguns precursores, de possível influencia; no segundo, se exceptuarmos algumas breves reflexões de criticos, não tem precursores. Houve, portanto, apenas alguns escriptores que realisaram algum ou alguns caracteres do romantismo e que, como eram immediatamente anteriores, exerceram alguma influencia e por alguma forma contribuíram para preparar o gosto. Foram elles para a poesia, José Anastacio da Cunha, Thomaz Antonio Gonzaga, Filinto Elysio, Barbosa du Bocage. Alguns mais houve para a prosa, que estão fóra do alcance do nosso estudo.

A influencia dos precursores exerceu-se, principalmente, pelo lyrismo, que é a verdadeira característica da litteratura portuguesa.

Vejamos porquê. As litteraturas neoclassicas, dos seculos XVI, XVII e XVIII, foram pouco fecundas de lyrismo. E para que as litteraturas conservassem sempre uma attitude objectiva, ao menos na intenção manifesta de separar a obra e a pessoa do auctor, muito contribuíram circumstancias, que na maior parte não se verificam no classicismo português. É como á diversidade de causas corresponde a diversidade de efeitos, o classicismo português tinha de ser também vario do francês ou inglês ou allemão. Varias causas impediram o desenvolvimento do lyrismo no classicismo francês. Sendo o lyrismo a expressão livre duma alma, duma individualidade, é necessario, para o seu

desenvolvimento, haver um accentuado e nitido individualismo, que tanto os artistas, entre si, quanto os leitores, uns dos outros, estejam diversificados multimodamente, de forma a comprehenderem o prazer de sentirem o seu *eu*, em todos os seus aspectos, os mais variados e os mais pessoas. Ora em França, por exemplo, a vida de muito restrictas emoções, a sociabilidade cortezã nos salões, o regimen de absolutismo e o predominio da aristocracia não o permittiram. Onde ha casta ou classe, onde ha uma certa unidade moral, seja ella determinada pela educação, pela tradição ou seja pela convivencia, ha gregarismo, ha intolerancia. A aristocracia tinha uma moral propria, tinha um gosto muito seu e uma sympathia, que não ia além do que directamente interessava a sua classe. Depois o trato nos salões, as regras que pouco a pouco, no exercicio quotidiano, se foram estabelecendo consuetudinariamente, unificavam, rasouravam as differenças individuaes, lançando-lhes um anathema de odioso. Chegaram a crear um estylo proprio, o preciosismo. Por isso, aquelles generos litterarios, menos subjectivos, que Brunetière chama communs, taes como a tragedia e a comedia, absorveram o publico. E o lyrismo eterno, porque eternamente existirá essa attitude do espirito, a interessar-se preferentemente pelo que elle mesmo sente — e o lyrismo teve de buscar expressão numa forma também commum, a oratoria, que a todos interessava e que satisfazia o proselytismo religioso da época; porém escassamente, dentro dos nitidos limites da razão e da tolerancia por esse publico concedida ao lyrismo. Era todavia um publico menos uno que o da litteratura cortezã.

Em Portugal, as circumstancias foram bem diferentes. Nem o interesse esclarecido e orientador duma aristocracia cultivada, nem a vida de sociedade no salão. A litteratura classica portuguesa mostra sempre um accentuado caracter

individualista, não desse individualismo superior, que torna cada homem um mundo completo e livre, reconhecendo-se, apesar disso, um elemento integrante do conjuncto social, mas um individualismo mais rudimentar, o daquelles que não distinguindo os dois mundos, o psychologico ou interior e o externo, os confundem o cada passo e que no conhecimento não discernem o que é pessoal e o que é impessoal, e que na moral não chegam a interessar-se por fins superiores, senhoreados como estão pelo instincto e pelo inconsciente. Esse individualismo é, verdadeiramente, uma egoistica carencia de sympathia, de solidariedade social. E' esta forma de individualismo, que caracteriza o classicismo português e que faz que o lyrismo tenha nelle um grande lugar.

O melhor soneto de Sá de Miranda é um soneto pessoal; Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão poetisaram os seus reaes amores; Camões idealizou emoções pessoaes, e foi, por isso, um lyrico superior; foi lyrico João de Barros, quando calou, por preferencias pessoaes, aquillo que pudesse deslustrar os heroes da India, e os apresentou numa luz de esplendor apologetico; lyrico foi Mendes Pinto, quando correu o mundo á busca de emoções novas; lyrico ainda Jacintho Freire de Andrade, compondo uma historia toda de eloquencia, de expansão sentimental e até na preferencia pela vida de D. João de Castro, o mais pessoal, o mais individual dos governadores e vice-reis da India. O academismo do seculo xvii e xviii não entibiou essa corrente de lyrismo, apenas a desviou; a eloquencia sacra foi então a maneira de satisfazer esse lyrismo. Estava portanto na tradição portugueza a attitude subjectiva. O proprio disvelo estylistico, que em França se tornára uma obcecante preocupação de achar os termos mais abstractos e mais geraes, segue em Portugal, caminho muito diverso. Elle é um purismo requintado, quanto á legitimidade da origem philo-

logica e da fonte modelo, e procura principalmente a variedade syntatica, a notação minuciosa, concreta e animada, ás vezes impressiva até, como em Frei Luiz de Souza. Esse estylo foi justamente o que mais procuraram os românticos francêses, razão por que, enquanto os francêses renegavam os classicos abstractos e genericos, os portuguezes seguiram e continuaram a tradição estylistica dos classicos.

Esboçemos alguns caracteres dos que, mais proximos, do romantismo, e em opposição com a generalidade litteraria do seu seculo, de certa maneira presentiram o novo lyrismo.

José Anastacio da Cunha nasceu em 1744; foi tenente de artilharia do regimento de Valença, nomeado em 1763, onde viveu dez annos consagrados ao estudo das mathematicas e á leitura dos classicos nacionaes e estrangeiros. Transferido dalli, por nomeação do Marquez de Pombal em 1773, para professor de geometria da Universidade, exerceu ao seu ensino distinctamente até que a Inquisição o processou por deista, por tolerante, principios contrarios á religião revelada. Como reu convicto, assistiu ao auto de fé de 1778, depois do que foi destituído do cargo de professor da Universidade e compellido a abandonar a cidade de Coimbra. Pina Manique chamou-o para ensinar na Casa Pia, recentemente creada, e ahi professou até 1 de janeiro de 1787, anno em que morreu.

Até 1809 a sua obra foi desconhecida; só nessa data appareceram numerosas poesias suas publicadas na « Collecção de Poesias ineditas dos melhores auctores portuguezes », e em 1819 tres poesias, uma repetida e duas ineditas no « Investigador Português em Londres ». Finalmente em 1839 Innocencio Francisco da Silva recopilou as « Composições Poeticas ».

A influencia de José Anastacio da Cunha deve ser nulla, porque o character das suas poesias — muito philosophicas,

muito interrogadoras da divindade, de alguma maneira as punha em conflicto com o publico.

O editor de 1839 ainda foi querellado por crime de liberdade de imprensa, por ter publicado as poesias racionalistas, e na lista dos subscriptores, dos escriptores então em voga, só figuram os nomes de Monteverde, Garrett, Ernesto Marecos, Costa e Silva, e Lima Felner. Escassas são as referencias a elle feitas durante todo o romantismo. Não obstante as probabilidades maximas de que tenha passado desconhecida a pequena obra de José Anastacio merece referencia, porque as suas poesias têm uma particularidade, que as distingue da maioria dos contemporaneos, a sinceridade do lyrismo e um certo poder de analyse psychologica, de exame do proprio sentimento, conseguindo assim exprimir estados verdadeiros de paixão. O apparatus classico é minimo, nas suas longas composições, forçosamente longas já por essa observação, já tambem pelo entusiasmo, que as tornava insusceptiveis de se vasarem no soneto. Embora haja noticia de ter offerecido a uma senhora, curiosa de poesia, alguns sonetos, só um é conhecido; todos sabem que o soneto quasi se obliterou, durante o romantismo.

Por ultimo, foi racionalista, o que não é somenos, porque em Portugal a revolução era racionalista, a par do romantismo religioso, e foi leitor disvelado de Shakespeare, auctor desdenhado ou desconhecido, durante o seculo XVIII, e rehabilitado pelos romanticos.

Transcrevemos esta passagem, frouxa pela forma, mas vehemente de amor:

E não crês tu que um coro de amorosos
Seraphins sempre nos ródêa e ouve
Com os gentis espiritos ditosos
De alguns amantes, como nós, se os houve?

Se os houve? — Oh! Cuidas tu que se acharia
Ou no mundo ou do mundo nos annaes,
Quem milagrosamente saberia
Tanto e tão gentilmente amar jamais?

Não vês ainda de gosto suffocados
Um n'outro nossos peitos esculpidos?
Não sentes nossos rostos tão chegados,
E ainda mais os corações unidos?

Oh! mais — mais do que unidos. Tu fizeste
Doce encanto, que eu fosse mais do que teu:
Lembra, lembra-te quando me disseste
Meu bem, eu não sou tu? . . . tu não és eu?

Faz de duas vizinhas gotas de agua
Uma só a invencivel attracção;
Forma amor em ceeste ardente fragoa
De nossos corações um coração.

Mesma vontade, mesmo pensamento,
Mesmos desejos, mesmo terno ardor;
Sômos em fim (que gloria! que portento!)
Não dous amantes — mas um mesmo amor.

E noutro lugar:

A alma começa a conhecer que existe,
Que até agora sabia só que amava.

Thomaz Antonio Gonzaga, muitas vezes reeditado e traduzido, foi muito lido justamente por essa vibração nova das suas lyras, onde palpitava a verdade dum amor sentido e de reaes desgraças. Um prefaciador justificou mesmo esse exito pela sua «viva paixão».

Filinto Elysio apenas influiu sobre a lingua, quebrando lanças pela sua pureza nacional; mas vivendo em França, contemporaneamente com o romantismo, não comprehendeu a transformação, a que assistia e já no seculo XIX recapitulava em epistolas criticas a esthetica classica e traduzia a Poetica de Horacio. A traducção dos «Martyres» teve alguma influencia em Portugal, semelhante á que teve a obra em França, onde, por si só, decidiu espiritos para a nova corrente, Thierry por exemplo? E' difficil dizê-lo categoricamente, mas tudo leva a crer que o papel attribuido a Filinto Elysio tenha de ser muito reduzido.

Bocage nasceu em Setubal em 1765. Era descendente da poetisa francesa Madame Lepage du Bocage, natural de Rouen, na Normandia, patria de Flau-

bert, de Corneille, Fontenelle, Armand Carrel e outros vultos importantes nas letras francêsas. A maneira, por que Bocage destaca em meio da quasi uniformidade moral e litteraria do seculo XVIII, periodo arcadico, faz pensar na possivel influencia da sua ascendencia. A sua naturalidade é pouco para considerar, pois parece que o regionalismo escassa differenciação produz na litteratura portugêsa. Perante as figuras muito communs dos seus contemporaneos, vemo-lo apresentar alguns aspectos moraes, que imprimem á sua obra e á sua vida feições especificas. E são elles, duma maneira geral, a versatilidade, que o levou a correr mundo, de incerteza em incerteza, e o entusiasmo lyrico, a vehemencia sentimental, a visão poetica, com que coloria quanto representava. A sua versatilidade impulsiva está bem documentada pela sua vida: recebeu os primeiros estudos em Setubal, assentou praça em 1779 e veio para Lisboa, foi despachado guardamarinha em 1786; no mesmo anno, partindo para o oriente, toca no Brasil; chega no mesmo anno a Gôa, onde frequenta a aula de marinha, e vive desregradamente; em 1789, é nomeado tenente de infantaria para Damão, donde deserta para a China, visitando Cantão e Macau; volta a Lisboa em 1790 e entra na convivencia litteraria dos poetas da época; discordando do espirito de disciplina da Arcadia, satyrisa os seus socios, grangeando as mais intransigentes más vontades; em Lisboa vive, como em Gôa, desregradamente; é preso e entregue á Inquisição em 1797, por iniciado no racionalismo francês; solto, volta á convivencia e á lucta litteraria, morrendo em 1805. Esta vida variada e incerta, e tão intencionalmente procurada que o levou a recusar um lugar de official na Bibliotheca Publica, expressa um modo de ser, impulsivo, uma avidéz de novidade, uma irrequietação, que sem ser a busca esthetica de emoção, que veremos ser o mobil de Gar-

rett, é todavia bem nitido caracter que o aparta da sedentariedade, da vulgaridade, da resignada adaptação, que foi tão determinante nos arcadicos.

Nessa vida ampla e multimoda, o natural poder de lyrico de Bocage mais se enriqueceu pela intensidade dos sentimentos, pela observação, pela experiencia, accentuando essa vehemencia de subjectivismo que o leva não a falar dos seus amores — todos os arcades o faziam — mas a expandir as suas emoções pessoaes, com um vigor então totalmente novo e desconhecido, emoções de descontentamento, de melancholia, como seriam as dos futuros romanticos. Nos sonetos, por vezes, lançou elle essa expansão, porém bastante constrangidamente, pois que a fórmula concisa e synthetica do soneto se não compadece com a indisciplina do sentimento, sempre evocador de novas imagens e representações. O fecho sentencioso é o principal obice á livre expansão desse lyrismo, e constantemente, como era forçoso, o gosto classico deixa seus ressaibos:

Oh tranças, de que amor prisões me tece,
Oh mãos de neve, que regeis meu fado!
Oh thesouro! Oh mysterio! *Oh par sagrado,*
Onde o menino aligero adormece!

Oh ledos olhos, cuja luz parece
Tenue raio do sol! Oh gesto amado,
De rosas e assucenas semeado,
Por quem morrera esta alma, se podesse!

Oh labios, cujo riso a paz me tira,
E por cujos dulcissimos favores
Talvez o proprio Jupiter suspira!

Oh perfeições! oh doces encantadores!
De quem sois?... Sois de Venus?—E' mentira;
Sois de Marilia, sois de meus amores.

No soneto 37, o classicismo é menos evidente:

Oh retrato da morte, oh Noute amiga
Por cuja escuridão suspiro ha tanto!
Calada testemunha de meu pranto,
De meus desgostos secretaria antiga!

Pois manda, Amor, que a ti sómente os diga,
Dá-lhes pio agasalho no teu manto;
Ouve-os, como costumás, ouve, enquanto
Dorme a cruel, que a delirar me obriga;

E vós, oh cortezãos da escuridade,
Phantasmas vagos, mochos piadores,
Inimigos, como eu, da claridade!

Em bandos acudi aos meus clamores;
Quero a vossa medonha sociedade,
Quero faltar meu coração de horrores.

Vejam, entre outros, os sonetos 84, 112, 143, 170, 299 e 307,¹ onde o pessimismo e o tédio da vida — sentimentos sinceros geralmente desconhecidos dos seus contemporaneos — passo a passo se expandem. Contra o que era de esperar, Bocage preferia sempre os sonetos para idealisar emoções sentidas e nos generos mais livres e extensos, como a canção, apenas repetiu o estylo e os themas exhaustos, sendo essas composições, por isso, muito menos numerosas e muito mais pobres de sentimento, por vezes fatalmente destituidas de qualquer significação psychologica, pois apenas repetem, com todas as possiveis variantes da rima e da metaphora, um thema muito commum e já muito pobre por si.

Uma outra novidade que apparece na obra de Bocage é o thema historico nacional, de certa frequencia em composições menores, e motivo exclusivo de alguns fragmentos dramaticos, taes como, « Vasco da Gama ou o Descobrimento da India pelos Portugueses », tragedia; « Affonso Henriques ou a Conquista de Lisboa », drama historico; « O Heroe Lusitano ou Viriato », tragedia. Era isso um lampejo do poeta, presentindo o espirito historico e fazendo-o, pois, entrar no ambito dos themas litterarios? Nada nos habilita a suppô-lo, antes a irreflexão sem critica, que domina o impulsivo poeta, nos leva a crer, o que é muito

mais verosimil, que fosse um resultado da doutrinação arcadica, que tanto pugnára pelo theatro, quer pelo conselho, quer pelo exemplo, isto pelo que diz respeito ao facto de Bocage escrever para o theatro. Muitos outros o fizeram, sendo essa a epoca da litteratura portugueza, em que esse genero mais cultivado foi; o proprio Bocage traduziu outras peças; « Euphemia ou o Triumpho da religião », de Arnaud; « Ericia ou a Vestal », tragedia de D'Anchet; Attilio Regulo, drama heroico de Metastasio. Porém a preferencia por tres motivos nacionaes é digna de ser analysada, já por ser rara na epoca, já por ser dum escriptor immediatamente anterior ao romantismo, em que o theatro historico entrou em favor. Attribuo isso á influencia franceza, pois em França os tragicos da decadencia, que seguiam Voltaire, lançavam mão de todos os assumptos, historicos nacionaes e estrangeiros, da China até, para manter um genero moribundo.

De resto a historia dos fragmentos dramaticos de Bocage não é uma reconstituição, é apenas um grupo de factos averiguados, com cuja narração livre se preenchem uns actos, sem a menor preocupação com o espirito e o modo de ser da epoca; era, portanto ainda, como fôra sempre, durante o classicismo, um quadro, pretexto sómente, por vezes. Até então só um escriptor tentára introduzir a historia como assumpto proprio de theatro, e foi Hénault, em 1747, com a sua peça, « François II, roi de France », tentativa que esqueceu, sem continuidade.

Um dos fragmentos tem a rubrica, drama historico. Cumpre esclarecer que isto é sómente uma coincidência de palavras, que a rubrica, drama historico, não tem a significação critica, que o romantismo lhe attribuiu, nem mesmo a que Diderot fizera correr, de genero mixto, em que para mais exacta representação da vida, os elementos dramatico e comico se combinam.

¹ V. « Obras Poeticas de Bocage », nova edição, Lisboa, 1910, Liv. Ant.º M.ª Pereira.

Finalmente, é sabido que, pelas suas epistolas racionalistas, também falsamente attribuidas a José Anastacio da Cunha, Bocage incorreu no desagrado das auctoridades. E' certo que o racionalismo de Bocage é bem escasso, apenas um documento mais da sua versatilidade, uma preferencia pela moda prohibida, um impulso do espirito irrequeto; por toda a obra se repetem os themas religiosos, em numerosas composições. Ora essa particularidade dá-lhe mais um ponto de contacto com os românticos, como passo a expôr. Em França, nas origens e no primeiro periodo, o romantismo, sendo uma reacção geral contra o racionalismo do seculo XVIII, de onde proviéra directamente a revolução, foi essencialmente catholico e conservador, pelo menos catholico. Uma das obras mais orientadoras do movimento, «O genio do christianismo», é uma apologia religiosa. No renascimento do idealismo, a philosophia não teve pequeno quinhão, pois do criticismo kantista muitos espiritos passaram para a crença religiosa ou para a intuição e acção artistica, procurando substituir ás analyses de Kant uma concepção geral da vida, palpitante no conteúdo riquissimo. Ao mallogro da revolução seguiu-se uma reacção religiosa,¹ e muitos theologos e escriptores quizeram reconduzir a vida ás suas antigas bases religiosas e ao principio da auctoridade, tão abalado. Basta lembrar o nome muito representativo de José de Maistre.

Em Portugal, pelo contrario, fôram os românticos os revolucionarios que executaram a reforma politica, perdendo a litteratura todo o character de religiosidade, que tivéra em França.

Em 1825, quando estava prestes a declarar-se o duello entre o miguelismo e constitucionalismo, a um anno da Carta,

publicava-se o «Camões», de Garrett, a primeira obra portugêsa, em que appareciam expressos alguns caracteres do romantismo.

Cahiam as regras multiplas e complicadas dos antigos poemas heroicos, ainda nesse tempo observadas por José Agostinho de Macedo, e aquellas que subsistiam ainda nesse poema, apresentavam um espirito tão differente, que dessa interpretação tão livre da poetica á insubordinação não vae grande passo. O poema tem invocação não a uma divindade pagã, como era preceito no periodo mais agudo do classicismo, nem christã, como se preceituava já no seculo XVIII, pela bocca do theorico principal do arcadismo, Francisco José Freire, mas sim ao «mysterioso numen» da saudade, uma divinisação puramente romantica. Sem duvida, a saudade é o sentimento mais propenso ao devaneio, ao livre delirio de recordações, em que a consciencia, passivamente, vê passar, como espectadora, as imagens, succederem-se, confundirem-se, gozando desse enfraquecimento da vontade, desse abandono tão esthetico. E os românticos, pela sua esthetica, quizeram quasi sempre ou a emoção violenta, tanto mais violenta, quanto maior é o contraste com o anterior estado da consciencia, ou o devaneio lyrico. A emoção violenta realisavam-na pelos generos representativos, taes como o theatro e a eloquencia; o estado de devaneio, pelos generos expositivos e subjectivos, como a poesia. Foi effectivamente á saudade, que Garrett dirigiu a sua invocação.

O thema, vida de Camões e composição dos «Lusiadas», mostrava a comprehensão do intuito nacionalista do romantismo, comprehensão que se alargou na «D. Branca», em que já um episodio decisivo de historia patria se torna o thema principal. E' pela «D. Branca» que a historia entra no ambito do bello litterario, pois que antes ella só servira de quadro a assumptos contemporaneos, em obediencia aos canones

¹ V. «La Réaction en France», Brandes.

da poetica classica que fixavam que o thema fosse afastado da época do poeta. Mas como os classicos — bem como todos os homens anteriores ao romantismo — não tiveram a comprehensão historica das épocas, a sympathia e a noção de relatividade, esse scenario historico nunca era uma reconstituição, mas um convencional caixilho, para, com nomes antigos, enquadrar uma acção contemporanea do escriptor. Foi Rousseau, com o seu estylo tão pinturesco, com as celebres imagens dos tempos antigos, que apresentava em defeza do seu optimismo sobre o passado, quem abriu caminho a esse sentido historico; depois Chateaubriand e os historiadores, que d'elle procederam como Thierry, confessadamente, alargaram essa noção da diversidade moral e material das épocas, e a côr temporal entrou definitivamente em litteratura. A historia pôde então tornar-se objecto de arte, deixando o subalterno papel de atavio scenographico. Como se alargavam infinitamente as fronteiras ao devaneio lyrico, tão querido dos romanticos, sabido, como é, que todas as recordações, pela deformação, pela attenuação que contêm, possuem sempre grandes recursos estheticos! Todos os que alguma vez recordaram e se deixaram embalar pela associação das imagens, sabem como todo o passado é saudoso e bello! E' essa a novidade da «D. Branca», desenvolver um thema historico, sendo a descripção o principal objecto da obra. Mas outros mais passos progressivos dêram esses poemas.

Na transformação metrica, que se deu na passagem do classicismo ao romantismo, não foi de somenos importancia e rehabilitação do verso branco e o abandono das estancias fechadas, com numero de versos fixo, recorrendo-se portanto á cadencia dos accentos, para supprir a ausencia da rima. Garrett rehabilitou o poder suggestivo do verso, como signal de imagens, sem o formalismo da rima:

Longe, por esse azul dos vastos mares,
Na soidão melancholica das aguas,
Ouvi gemer a lamentosa Alcyone,
E com ella gemeu minha saudade.
Alta a noite, escutei o corpo funebre
Do nauta que suspira por um tumulo
Na terra de seus paes, e aos longos pios
Da ave triste ajuntei meus ais mais tristes...
Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

Mas esse poder suggestivo do verso, como se ha-de elle realizar senão por meio de imagens visuaes e auditivas, isto é, imagens — recordações de sensações recebidas? E é esse, na verdade, o typo predominante das imagens da poesia garreteana, sem que todavia o viesse a ser nos subsequentes poetas romanticos. O grande culto da fórmula, a que se dava o principal papel, faria naturalmente avultar as imagens auditivas, e é isso que de Garrett em diante succede. Cada poeta, ao descrever, acorda-nos a imagem procurada mais por intermedio do rythmo, da fórmula, que por intermedio das descrições. E' fraco de descrições o lyrismo garreteano e mais ainda o dos outros poetas. Por isso a natureza nunca nos apparece com independencia pictorica, mas sómente como pormenor subsidiario, a reforçar o effeito desejado, com o seu retoque. Se elles eram tão fracos de visualização!

Os romanticos usavam ás vezes, nas descrições, reproduzir, subjectivamente, as impressões pessoasas causadas pelo objecto a descrever, preferindo á fria pintura o effeito sentimental — processo que os realistas, intencionalmente mais objectivos, inverteram.

Serve de exemplo desse processo a est. v do canto I, poema «Camões».

Mas outro progresso realisaram os poemas de Garrett e, mais do que elles, a sua propria vida, vida voluvel, que foi uma constante e insaciado rebuscar de emoção — como expusémos noutra lugar —; ¹ o amor deixou de ser um

¹ V. «Serões», janeiro de 1911.

artificio litterario e, como artificio, regulado dentro de limites impostos, passou a ser considerado uma realidade, uma fatalidade irresistivel, um mundo onde as convenções e conveniencias, a moral e a lei quebravam, inutilmente, o seu poder. O amor era soberano, era a chave da vida, era o unico thema verdadeiro da poesia, onde sem barreiras se mostrasse nu e verdadeiro, cheio de incoherencias e contradicções, indefinivel, incoercivel, um amor differente de si mesmo, sentido diversamente por cada homem. Esse impulsionismo da paixão não era uma novidade completa. Anastacio da Cunha e Gonzaga, Bocage um pouco, eram poetas da paixão, Gonzaga, como mostrámos já, realisára mesmo a coherencia entre a obra e a vida e foi tão lido que, nos vinte e cinco annos do século XIX que precedem o «Camões», teve dezaseis edições.

De 1825 em diante ha, na litteratura portugüesa, uma solução de continuidade que só termina em 1837, com a fundação do «Panorama», dirigido por Herculano, revista que exerceu uma larga influencia. Seguiu-se logo, em 1838, a representação do «Auto de Gil Vicente», que inicia o theatro romantico.

Durante esse interregno litterario, um homem que viria a ser a figura dominante, em plena mocidade, atravessa um periodo de sensibilidade poetica, que não mais se repete na sua vida; é Herculano. E' importante affirmar desde já que as suas principaes poesias foram compostas no exilio ou depois do exilio, exceptuando a «Semana Santa», que é de Lisboa, anno de 1829, quando porém já conhecia a poesia allemã. De duas litteraturas procede o seu lyrismo, a francêsa e a allemã. Da francêsa, principalmente, dois poetas actuaram sobre Herculano: Lamartine e Alfred de Vigny. Ao primeiro deveu essa sincera visão poetica, esse pantiestheticismo, tão intimo que, quando elle passou, Herculano deixou tambem de poetar.

Era o que elle exprimia, dizendo que fôra poeta até aos vinte e cinco annos. Mas Herculano não tinha a profundez de sentimento de Lamartine, a bonhomia, o optimismo placido e tranquillo duma alma boa e pura que coloria da sua constituição a natureza; por isso foi Vigny quem mais decisiva acção exerceu sobre elle, porque se identificava com o seu character e porque a sua suggestão se ia conjugar á já exercida por Bürger.

Como Vigny, Herculano era mais uma intelligencia do que uma alma de poeta; procurava sempre um residuo de verdade nas coisas. Durante um estado de poesia, minado pela mais triste amargura, buscou na solidão, como Vigny, penetrar a verdade moral, soccorrendo-se da inspiração biblica, exaltando o orgulho e a honra, e dignificando — com uma coincidencia que de outra fórma seria inexplicavel — a vida do soldado, a sua abnegação, a sua vontade. Vigny criou a fórma do poemeto, longa composição de medida variada, sem divisão fixa; Herculano adoptou-a. Mas enquanto Vigny era levado pelo seu pessimismo a um estoicismo activo e forte, desacompanhado de crença religiosa, Herculano foi sempre um christão.

Num estudo minucioso de fontes, outros poetas haveria ainda a mencionar, como por exemplo Millevoye, cuja «Chute des Feuilles» Herculano paraphraseou, juntando-lhe a piedade religiosa e alargando-a por isso com mais recursos, os trechos do anjo da guarda, a graça e a resignação.

Que deveu Alexandre Herculano á poesia allemã?

Deveu principalmente o scenario tetrico, a visão terrorosa da natureza.

Bürger, inspirando-se da poesia popular, compuzéra as suas famosas balladas, havendo nellas que considerar a exuberancia de sentimento, parte pessoal, e os motivos de elaboração, parte popular. Herculano, apropriando-se de alguns dos processos poeticos de Bür-

ger, trouxe o exotismo duma natureza plangente, uma paisagem de neve, que ninguém em Portugal podia sentir. E' esta a razão porque a poesia de Herculano só foi sentida por Soares de Passos, seu continuador e tambem conhecedor da poesia allemã, e por Anthero de Quental, que o imitou nos primeiros annos de Coimbra, tendo tão clara a consciencia dessa filiação que lhe offereceu uma das suas poesias, até ha pouco inedita.

Na poesia de Herculano não abundam os grandes processos poeticos, como são, por exemplo, o animismo e a metaphora; e quando surge o animismo é fraco e incidente. Póde-se comparar entre outras, a passagem da «Semana Santa», pag. 12, sobre a antiguidade desdenhosa do templo, com a «Pyramide no Deserto» de Anthero de Quental, nos seus dezasete annos, então já poderoso de recursos. As suas metaphoras são sempre concretas, fiel expressão dum espirito pouco accessivel a abstracções. A natureza descriptiva só é chamada como pormenor subsidiario da sua preocupação de sinistro. E quando na poesia, «A Tempestade» emprehende uma descripção, ella não constitue só por si o objecto, mas é um quadro para o elogio da liberdade das ondas fascinantes, offerecendo a morte.¹

O lyrismo romantico só se continúa pelo «Trovador», jornal de poesias fundado em Coimbra, em 1844, por uma pleiade de poetas, que são os verdadeiros lyricos do romantismo.

Rodrigues Cordeiro, saudosamente, recorda a origem do «Trovador», nos seguintes termos: — «Lembras-te? Em 1844, ha já trinta annos, duas vezes o tempo a que Tacito chama grande espaço na vida do homem — *quindecim annos, grande mortalis ævi spatium!* Como é doce, e doloroso ao mesmo tem-

po, o recordar isto! mas em 1844, dizia, frequentavamos nós a Universidade n'essa Coimbra onde vivemos durante cinco annos, dia por dia, e quasi hora por hora, como se foramos dois irmãos, e tão intimos, que não havia segredo de um para o outro.

Duas almas assim sempre se entendem,
Pendem ambas d'instincto a confundir-se.

Dizias tu, referindo-te á nossa amizade.

Nos nossos passeios, de tarde, pelo Penedo da Saudade, pelo valle de Co-sêlhas, pela ponte d'Agua de Maias, ou na solidão do Almegre, onde o estudante da Cabulogia, dos nossos Couto Monteiro e Luiz de Bessa, ao ouvir o sino que lhe annunciava as aulas do dia seguinte,

Ouviu berrar a negregada cabra,

Outras vezes, sentados no caes do Serieiro, no O' da ponte, mirando o Mondego, e as suas nayades, ou embrenhados no Choupal em busca de sombras, quando não vogavamos n'um barco a sabor da veia, para que per mais tempo nos durasse o encanto, nos nossos passeios, digo, em que tambem nos acompanhava Augusto Lima, tão prematuramente roubado aos seus amigos, todo tu eras amor de poesias, a poesia era o teu norte, o teu iman, o teu encanto, a tua aspiração constante, e comunicavas esse entusiasmo a quantos te rodeavam. D'ahi nasceu o «Trovador».¹

Foram seus principaes collaboradores e representantes da maneira litteraria, que se propunham estabelecer, além de João de Lemos e Rodrigues Cordeiro, os poetas Augusto Lima, Pereira da Cunha, Couto Monteiro, José Freire de

¹ V. «Herculano — critico, poeta e romancista», Lisboa, 1911.

¹ V. «Canções da Tarde», João de Lemos. Lisboa, 1875, pag. XII.

Serpa, Castro Freire, Antonio de Serpa, Costa Pereira. Era o «Trovador» um periodico de 16 paginas, de formato pequeno, que teve larga e muito accerta circulação, pois nelle se contiveram as poesias dos principaes poetas que então começavam e que foram, além de Garrett, Castilho e Mendes Leal, os verdadeiros lyricos do romantismo, que alargaram ao metro e ao assumpto da poesia a revolução romantica. Como em quasi todos os movimentos da litteratura portugueza — e muito em contrario do que tem succedido na francêsa e allemã — essa tarefa de renovação era emprehendida sem prévia apresentação dum programma critico, que fosse como que o corpo de doutrinas que unia os sequazes do novo credo. E' que a nova fórma do lyrismo fôra já praticada, entre nós, e fôra-o por imitação, de fórma que se importava sómente a formula achada por outros e já estabelecida, não havia, portanto, que justificá-la na sua derivação e defendê-la. Sentiam-se, porém, bem unidos no seu plano, e muito conscientes.

Moços e românticos, esses poetas de 1844 viviam uma vida de sonho, comprazendo-se na contemplação da natureza, e procurando encher a vida com a unica realidade, que consideravam, o amor. Um pessimismo precoce, contradictorio, incoherente, um pessimismo contrahido por via litteraria, quando algum fundamento real tinha, resultante só de estenderem a toda a larguissima vida, o veu de tristeza, que lhes provinha dos seus amores phantasiosos, uma melancholia calculada, uma preferencia pelo isolamento, tudo fazia crer aos homens de então que a poesia era uma fatalidade que cahia sobre suas cabeças, só para lhes dar maior sensibilidade, mais propensão para a desgraça. O poeta era um ser essencialmente amoroso, queria realizar um ideal que é na terra uma utopia; seria, pois, perpetuamente desgraçado e, como era artista, choraria perpetuamente a sua desgraça, commen-

tando-a na lyra. Desses poetas do «Trovador» a sinceridade resistiu quasi sempre ao contagio contraminador do tempo, e quando se sentiu deslocada, tornou-se ingenuidade, puerilidade, mas raramente duplicidade. O seu iniciador, João de Lemos, foi durante toda a vida um crente profundo e um devotado legitimista. E quanto deveu a sua poesia á fé religiosa e á fé politica!

Após a publicação do primeiro numero do «Trovador», em junho do mesmo anno de 1844, realisaram um passeio á Lapa dos Esteios, na Quinta das Varandas, na margem esquerda do Mondego, conhecido passeio dos estudantes de Coimbra. Era uma festa litteraria, uma festa de solidariedade entre os que, conjunctamente, se tinham proposto um plano inovador. João de Lemos, reconhecendo-lhe real significação, fez um extenso relato — «No dia 24 de junho de 1844, seriam 10 horas da manhan, quando os mancebos que escrevemos no «Trovador» nos embarcamos junto da ponte de Coimbra, para uma festa exclusivamente nossa, e que, não sei se com muita modestia, baptisavamos *Festa de Poetas.*»¹

Ficou commemorando esta festa uma sextilha de saudação a Castilho, na qual cada um collaborou com um verso, e que hoje se conserva inscripta numa lapide, naquelle lugar:

Sobre as azas da Poesia
aqui nos trouxe a Amizade,
Cantámos nas lyras de oiro
esp'ranças da mocidade;
e aos bardos da «Primavera»
mandámos uma saudade.

Quasi todos estes poetas reuniram mais tarde em volume a sua collaboração no «Trovador» e em outros jornaes e revistas do tempo; porém nem sempre guardaram a ordem chronologica, de fórma que a vantagem da maior

¹ V. Revista Univ. Lisbonense.

facilidade de consulta é contrariada pela falta de dados chronologicos, indispensaveis para um estudo minucioso.

Basta um primeiro relance sobre a sua obra, para distinguirmos dois grupos nessa pleiade de lyricos; uns, preferentemente nacionaes e medievistas, optam por assumptos da historia patria, da idade média, e glosam-nos em composições descriptivas; outros, mais sensiveis, mais lyricos, tomam os eternos themas naturaes, a noite, o amor, o luar e commentam a natureza e a vida, por uma maneira propria e pessoal, representando a sua impressão, dando largas ao seu soffrimento imaginario.

Por essa época, Garrett começara o seu theatro historico; já em 1838 se representára o «Auto de Gil Vicente»; logo se lhe seguira Costa Cascaes, e já depois da fundação do «Trovador» Mendes Leal; já eram conhecidas as «Lendas e Narrativas», do «Panorama», o «Monge de Cister»; José de Serpa Pimentel já publicára um romance historico «A Moura de Montemór» e dois dramas lyricos, «D. Sisnando» e «Almanzor-Aben-Afan». A historia entrava na poesia; era o exemplo da França e era a atmospheria litteraria nacional, onde em breve surgiria o prestigio auctorizado de Herculano, como historiador. Por isso alguns desses poetas, como José de Serpa, Antonio de Serpa e Palmeirim, e mais o primeiro que os dois outros, tomaram themas nacionaes, ás vezes já tradicionaes. A historia é para construir o quadro, mas quadro para concepções novas? Não; isso fizera o classicismo utilizar-se das roupagens e europeis historicos, para com elles vestir idéas e sentimentos contemporaneos do auctor; ao passo que o romantico, como ficou dito noutro lugar, serve-se da historia, como fim, quer reconstituir o quadro dos tempos idos. Para isso, guiava-se por um sentimento novo, o da sympathia, o duma larga intelligibilidade aberta á relatividade do tempo e das coisas, o

sentido historico. Tinham esse sentido historico os poetas medievistas do «Trovador»? Não, porque esse sentimento necessitava uma base real, a erudição historica, e essa não a possuíam elles, pois só foi fornecida posteriormente por Herculano. De sorte que essa poesia da historia foi mais uma formula litteraria imitada friamente do que a expansão franca dum verdadeiro entusiasmo lyrico. José de Serpa, o principal medievista do «Trovador», poetou os themas seguintes: «Cindasunda ou o Brazão de Coimbra», lenda consignada na obra «Antiguidades de Coimbra», de Coelho Gasco; «O Penedo da Saudade», Bernardim Ribeiro; «Ignez de Castro», «Sant'Iago e Belzebut», tambem da obra de Gasco, como fonte provavel, «A Moura do Deserto», Egas Moniz, «Goesto Ausures», «Martyr de Santa Comba», etc., etc. Estes assumptos, bem como quasi todos os outros por mencionar, são dum interesse muito restricto, muito acanhadamente local, e depois na fórmula de os tratar mais e mais se accentuou a sua inferioridade, não contendo uma concepção pessoal da historia, da vida, do homem, sem um arroubo, um lampejo, em que o genio poetico entrevê o que se esconde para além das modalidades fugidias, tudo sómente um glosar de themas narrativos, quantas vezes, em José de Serpa, com evidente mau gosto. A's vezes um estribilho desagradavel repete-se, com persistencia:

«D'Hercules o torreão
Eis os guerreiros descendo,
—Roucos tambores tangendo,
Mondego abaixo lá vão.

«Fade-os Deus bem,
E a nós tambem.»

Debruçam-se nas ameias
Mães, e esposas tão coitadas,
As madeixas desgrenhadas,
Gelado o sangue nas veias.

«Fade-os Deus bem,
E a nós tambem.»

.....
 Que moça é essa tão linda?
 Que moça é essa que 'hi vem?
 De vinte pagens seguida,
 Montada num palafrem?

« Eu nunca vi
 Mulher assi. »

A cada passo o prosaismo vem denunciar a sujeição da composição ao traçado previamente assente, a cada passo esse prosaismo tira ao verso aquelle character de synthese, de fundição de um jacto, de fôrma que pareça não uma composição, mas um achado, a descoberta da expressão mais propria, com mais relevo e vigor, sem as locuções inuteis ou superfluas. O verso não é prosa rimada, tem um espirito proprio; ora esse espirito proprio, esse estylo supremamente expressivo, e muito procurado, tornando cada verso uma peça integra, em que tudo é indispensavel, que nelle se contém, não o possuiram, geralmente estes poetas; então só Garrett realisára esse desideratum, nalgumas breves passagens do « Camões » e, na velhice, attingiu-o supremamente em alguma das suas « Folhas Cahidas », como a dos « Cinco Sentidos ».

Mas os poetas do « Trovador », adoptando themas historicos, todos de acção pessoal, descobriram a individualidade activa, que intervem e domina e chegaram, ao menos em poesia, a exaltá-la. Então generalisou-se um genero novo, a canção biographica, em que o protagonista faz o elogio do seu viver ou se lamenta. Era uma fôrma disfarçada, melhor direi, attenuada do individualismo dos poetas, que devia ser um dos seus principaes caracteristicos. Sentiam-no, mas... litterariamente. O « Guerrilheiro », « O canto do Cruzado », « Um cantico maritimo do seculo xv », « O Canto do nauta », « O Canto do Pirata », etc., etc., são exemplos desse genero.

Ei-lo esquecido no topo da serra,
 Recostado no seu arcabuz :

De pequeno creado na guerra,
 Não conhece — não vê outra luz.
 Viu a terra da patria aggredida,
 Ergueu alto seu alto pensar :
 — Pula o sangue, reserve-lhe a vida ;
 Vinde ouvir-lhe seu rude cantar !

Mas toda esta poesia de acção, a dos themas historicos, como a das canções biographicas, não tem nenhum elemento emotivo. O assumpto narrativo é tudo ; a fôrma só lhe junta a novidade das consonancias :

Já tocaram charamelas,
 Já tangeram atabales
 Guerra ! Guerra ! já resôa
 Pelos montes, pelos valles ;
 Ataces, rei, senhor nosso,
 Ponde côbro a tantos males.

Hermenerico vem ante
 Com seus olhos de dragão,
 Com seus bigodes torcidos,
 Com sua voz de trovão,
 Broquel doirado no braço,
 Hastea de ferro na mão.

Algumas composições fôram populares, o povo geral e anonymo repetiu-as, mais as de themas tradicionaes que as de sentimento ; é que o prosaismo approximava-as das fôrmas rudimentares, imperfeitas e muito concretas da poetica popular. Quanto menos litterarias, mais se popularisaram ; a toada da rima era o vehiculo :

Que poeta que não era
 Da linda Ignez o cantar !
 Quem mais do que elle disséra
 Desse féro Adamastor !
 Era um astro fulgurante,
 Era um poeta gigante,
 Tinha mais alma que o Dante,
 Cantava com mais amor !

Palmeirim chegou a ser comparado a Béranger, aproximação que nenhuma analogia justifica, pois nem teve o papel social do poeta francês, nem se inspirou dos acontecimentos politicos seus contemporaneos.

Foram mais poetas os outros, os da natureza, com bem maior poder emo-

tivo. A sua natureza não era a real, irregular, desigual, frondente, viçosa, trovejante, ennevoada; procediam por escolha, queriam uma natureza, que satisfizesse as suas inclinações, uma natureza bella e triste, o pôr do sol, o luar, a melancholica da nuvem, o cypreste espectral... Byron, Lamartine, Herculano, Garrett, Delavigne, Espronceda são as suas fontes, mas em proporções e combinações variadissimas. João de Lemos, o iniciador, foi repetidas vezes imitado, sobretudo por Augusto Lima. Este, na poesia «A Lua», deixou passar reminiscencias estylisticas da «Lua de Londres», muito claras. Poetas da melancholia, só na representação desse sentimento variaram os cambiantes, até attingirem a superioridade, porque eram sinceros; poetas do amor, algumas vezes, surprehenderam e reproduziram feições desse complexo sentimento, mas não têm voos metaphysicos, anciedades interrogadoras perante o destino. Amor e melancholia, taes são os dois themas preferidos, com um scenario de natureza contrafeita, e quando fôram vehementes de lyrismo fôram-no sómente na melancholia e no amôr. Foi muito divulgada a «Lua de Londres», do exilio de João de Lemos; tambem foi muito repetida a «Doida de Albano», de Xavier Cordeiro; a primeira animista e evocadora, perante a lua, da natureza que ella recorda, brilhante em Portugal, pardacenta em Inglaterra; a segunda, movimentada, dramatica, tendo todo o seu interesse na *peripezia* e no *reconhecimento*, como se diria na linguagem critica do classicismo.

Garrett, nas «Folhas Cahidas», trouxera uma innovação, que, posteriormente os realistas, Eça de Queiroz sobre todos, pela intensidade e pela belleza, tanto haviam de utilizar. Retiro-me ao uso da adjectivação livre, exprimindo a solidariedade dos sentidos, o poder que tem cada sensação, por si só, de perturbar a consciencia integralmente, accordando sentimentos e imagens de

sensações, recebidas por via de todos os sentidos: duro, mole, acre, doce, preto, branco, ruidoso, silencioso, aromatico, nauseabundo, são adjectivos que exprimem sensações bem intidamente distinctas por sentidos. Pois os poetas transpuzeram essa delimitação e procurando elementos expressivos, confundiam esses varios grupos de sensações, dando uma expressão litteraria á verdade physiologica da solidariedade dos sentidos, e psychologica da unidade da consciencia. Apparece isso em Garrett embryonariamente e muito ao abrigo da analyse logica.

A flor
Bem de amor
É o lirio;
Tem mel no aroma, dôr
Na côr
O lirio.

Pois o estylo dos poetas do «Trovador»,— sempre tão eivado de prosaismo, nunca sae da correntia maneira, mostrando uma escrupulosa vigilancia da ferula syntatica e da logica do vulgo. Tambem o animismo, um dos mais valiosos recursos da poesia, tem um papel muito secundario. Era um mal de origem, porque é bem restricto o animismo de Garrett e de Herculano, e um mal querido, porque Castilho já então começava a exercer certa influencia, e ninguem foi mais inimigo da forte inspiração, que procura expressar-se por estylo proprio, que se tenha de criar, do que Castilho.

Em breve, os themas lyricos esgotam-se, e, esgotados, repetem-se. Começam as variações dos themas extinctos. Desde o seu apparecimento até á sua dispersão, esses poetas pensarão sobre a natureza, como Augusto Lima, em 1843:

Minha alma é como flor singéla e triste
Que a noite vem abrir,
Fechada á luz do sol a noite apenas
Alegre a vê sorrir.

Minha lyra só geme, quando pia
Sinistra ave agoireira,
Quando assoma gentil, desponta, alveja,
A lua aventureira.

A lua! ella me entende, e me consola,
Com ella sei gemer,
O dia é dos felizes, eu com elles
Nunca soube viver.

Gosto de ver sidereo immenso manto
Cobrindo todo o ceu,
Como a pedra funerea dum sepulchro
Envolta em negro veu.

O amor e os sentimentos familiares, os acontecimentos quotidianos, annos, baptisados e casamentos, em breve, faziam decahir essa poesia, retirando-lhe todo o poder emotivo, tornando-a sómente o commentario metrico da vida, muito commum e destituida de qualquer interesse dos poetas. E' que o romantismo trouxéra realmente uma novidade, a liberdade de inspiração e imaginação, mas não trouxéra a reflexão critica. Não trouxe a reflexão critica por varias razões; os auctores não tivéram completa intelligencia critica, não meditaram as obras; o proprio Garrett, o iniciador, sendo um forte e vehemente temperamento de artista, era todavia um voluvel e um superficial, um estheta, como noutra lugar defendemos; Castilho divulgou o gosto da futilidade, do sacrificio do fundo a uma fórma inexpressiva. As dissertações sobre theatro de Garrett são mediocres, os trabalhos criticos de Castilho são testemunho duma completa incapacidade e a educação philosophica de todos elles era em extremo deficiente.

Procuravam esses poetas um estylo uniforme, sem verem que nisso ia um sacrificio da propria individualidade; é que nisso, nem havia constrangimento, havia só uma uniformisação do que era identico, os caracteres artisticos dos poetas. Não houve critica superior no romantismo que os avaliasse e esclare-

cesse. Como pensava o mais assizado critico seu contemporaneo, Lopes de Mendonça, sobre essa geração? Com um grande optimismo? Vejamos: « O sr. José Freire marca a especialidade do seu talento nos *Soldados*. A epopea popular, como nos romances do *Cid* e de *la Rose*, reproduziu-a então tocada já um pouco da controversia do seculo. O poeta inspirou-se da *Adozinda*, sem atraiçoar a independencia, a originalidade do seu engenho. A *Cindazunda ou as armas de Coimbra*,¹ é uma obra prima no genero ». A João de Lemos, procurou o critico desviar do que fez justamente a sua superioridade, a fé religiosa e as preocupações politicas, donde nasceram os fortes sentimentos da sua poesia; a Palmeirim classificou-o de poeta nacional.

Sem preocupações philosophicas, em breve se esgotou o acanhado conteúdo de themas e recursos poeticos do romantismo. Só no fim do periodo romantico se cria o ensino superior da philosophia, e só por esse tempo Silva Ferraz, tambem poeta, publica os seus estudos sobre o ecletismo de Cousin e sobre Descartes. Mendes Leal, estranho ao « Trovador », ainda encontra um recanto abandonado, a poesia patriotica e o verso heroico, que são a novidade dos « Canticos », não fazendo mais do que transpôr para a poesia o processo theatral, de fórma que mesmo nas peças heroicas é ainda dramaturgo; ha acção, intriga, dialogo, ás vezes, movimento, mas a emoção lyrica falta. Em 1857, Soares de Passos, profundamente vibratil e sincero, trouxe, com o « Novo Trovador » uma vibração nova, que eram o superlativo da intensidade emocional que comportava o lyrismo romantico; o pessimismo, em vez de litterario, torna-se doença, o scenario tristonho torna-se tetrico, e pensamento e fórma tudo converge para um effeito desalentador de

¹ V. Ensalos de critica e litteratura, Lisboa, 1849, Pag. 51.

infinita tristeza; o sentimento do amor subtilisa-se, requinta-se em sentimento ainda, mas dum arrebatamento impulsivo, sem levar ao desejo mas ao soffrimento. Mendes Leal tomára temas novos; Soares de Passos apenas déra mais violencia aos sentimentos, mais vigor aos quadros, e por que meio? Pelo conhecimento dos poetas allemães, Bürger, sobre todos, e pela sua hyper-sensibilidade morbida. Soares de Passos, pessimista, sentia bem realmente a nullidade da vontade humana perante forças superiores, perante o caminhar duma doença minaz, como no seu caso, e alargando esse sentimento a toda a humanidade e á natureza, por uma natural generalisação, em que tão prodigos eram os nossos românticos, sentia a inferioridade do homem ante os problemas eternos, o tédio da vida. Meditando sobre o além, o problema que naturalmente preoccupa um moribundo que pensa e que sente a atração do mysterio, tornou-se assim o unico romântico susceptivel de metaphysismo. Dahi e da suggestão dum amigo, Eduardo Augusto Falcão, nasceu a poesia, o «Firmamento».

Gloria a Deus? eis aberto o livro immenso,
O livro do infinito,
Onde em mil letras de fulgor intenso
Seu nome adoro escripto.
Eis do seu tabernaculo corrida
Uma penta do veo mysterioso;
Desprende as azas retomando á vida,
Alma que anceias pelo eterno gôso!

Estrellas, que brilhaes nessas moradas,
Quaes são vossos destinos!
Vós sois, vós sois as lampadas sagradas
De seus umbraes divinos.
Pullulando do seio omnipotente,
E sumidas por fim na eternidade,
Sois as faiscas do seu carro ardente
Ao rolar através da immensidade.

Rodrigues Cordeiro, num artigo bibliographico, conta como se originou essa poesia: «Depois d'uma conversa que se travou entre Soares de Passos e o seu amigo, o sr. Eduardo Augusto

Falcão, que nas suas ambiciosas, por não dizer exageradas theorias, queria a poesia da sciencia, na arte moderna, e quasi não admittia outra, levou-lhe este um dia o *Système du monde* de Laplace. O poeta leu-o, e dahi a muito pouco tempo, diz-me o sr. Falcão, apresentou-lhe a ode ao «Firmamento», perguntando-lhe se havia alli poesia da sciencia». ¹

Logo se comprehende que essa leitura fôra para elle uma preciosa revelação, mas as idéas de Laplace, não se tornando o sangue do seu sangue, não atravessando a sua imaginação para alguma coisa della ganharem, quando se tornaram thema poetico, conservaram o seu cunho original, a sua verdadeira paternidade, continuam a ser de Laplace, apenas paraphraseadas. Póde-se seguir o desenvolvimento da hypothese astronomica.

Primeiramente a nebulosa amorpha; em vez da força, a voz de Deus:

E tudo outr'ora na nudez jazia
Nos véos do frio nada;
Reinava a noite escura; a luz do dia
Era em Deus concentrada.
Elle fallou! e as sombras num momento
Se dissiparam na amplidão distante!
Elle fallou! E o vasto firmamento
Seu véo de mundos desfraldou ovante!

Em seguida a recapitulação do geocentrismo que marca á terra um lugar subalterno:

Terra,
.....
Tu és um grão d'areia arrebatado
Por esse immenso turbilhão dos mundos
.....
Dizem que já sem forças, moribunda,
Tu vergas decadente:
.....

¹ V. «Poesias», Soares de Passos, Porto, 1893, pag. xx.

..... além scintilla
 Hoje um astro brilhante;
 A'manhã ei-lo treme, ei-lo vacilla,
 E fenece arquejante :

.....
 Um dia, quem o sabe? um dia, ao peso
 Dos annos e ruinas,
 Tu cairás nesse vulcão acceso,
 Que teu sol denomina;

 ó sol.....

.....
 Tu findarás também, a fria morte
 Alcançará teu carro chammejante:
 Ella te segue e prophetisa a sorte
 Nessas manchas que toldam teu semblante.

Em toda a longa poesia, apenas a estancia seguinte contém um elemento pessoal, considerando seguidamente a inferioridade do homem na terra e a sua superioridade pelo pensamento :

- Mas ha! tu pensas, e o girar dos orbes
 A' razão encadeias ;
 Tu pensas, e inspirado em Deus te absorves
 Na chamma das idéas :
 Alegra-te, immortal, que esse alto lume
 Não morre em trevas d'um jazigo escasso !
 Gloria a Deus, que num atomo resume
 O pensamento que transcende o espaço !

Por esta ligeira analyse de um dos melhores especimens, se vê como a poesia philosophica não era a vocação dos poetas romanticos.

A imitação das balladas allemãs, que fôra já iniciada por Herculano, deu á poesia de Soares de Passos um scenario inteiramente artificioso, em aberto conflicto com o que rodeava o auctor e os seus leitores, um scenario exotico e sem valor descriptivo, pois que era reproduzido por via litteraria. Essa inspiração indirecta e não pela observação quotidiana ou pelo estudo, manifestou-se mesmo nas poesias historicas. O que se queria era um thema para versificar. E' um exemplo bem demonstrativo, «Boabdil», extrahido da primeira pagina do conto de Chateaubriand, «Le dernier des Abencérages», como se verifica por um parallelo paciente. Qual foi a resultante dessa transformação? Soares de Passos desenvolveu o thema

da angustia do rei no momento da partida e juntou-lhe a belleza nova do rythmo.

Quasi todos os poetas do « Trovador » e « Novo Trovador » assim procediam, por inspiração indirecta, sendo talvez João de Lemos o que mais realidade pôs na sua lyrica. A « Doida de Albano » de Rodrigues Cordeiro foi suggerida por uma passagem das « Recordações d'Italia » de Lopes de Mendonça; O « Noivo de Mysore » do mesmo, foi extrahido de uma nota de Walter Scott, ao seu pequeno romance, « A filha do cirurgião ».

A seguir á morte de Soares de Passos, o lyrismo romantico rapidamente caminhou na decadencia, victima das proprias qualidades, agora constituídas em agentes de dissolução; a liberdade de inspiração breve se tornou prosaismo, porque o direito de livre escolha deu ingresso a motivos muito communs, sem nenhuns recursos de belleza; a sonoridade da fôrma degenerou em vão formalismo; o purismo, propugnado por Castilho, impossibilitou a criação de estylos proprios; finalmente os principaes motivos litterarios em breve tinham sido tratados por todas as fôrmas possiveis e começavam as repetições e frias imitações; numa palavra, a decadencia avançava. Decadencia ou transformação? Decadencia, e seria ruina se em 1865 não surgisse o bello protesto — doutrinario e de facto — de Anthero de Quental, decadencia, porque o lyrismo romantico não tinha, em si, qualquer coisa que evoluçionasse, não tinha preocupações philosophicas, não tinha mesmo alargado o seu ambito á poesia da historia da humanidade; tudo que elle continha, ia com elle á morte. Depois não havia direcção critica, consciencia litteraria — sempre a mesma lacuna! — Os poucos, que se davam aos estudos criticos, começavam a fazer historia litteraria e investigações biographicas, como Mendes Leal, Rebello da Silva, Andrade

Ferreira, Camillo, etc. Em França o lyrismo transformava-se sómente por aquelle processo, já por nós apontado em outros lugares, que consiste na desproporção, no avultar de algumas características, emquanto outras se vão obliterando, mas esse lyrismo tinha já embryonariamente o seu successor e tinha a condicionar e a favorecer o seu evoluir a atmospherá moral, o extraordinario desenvolvimento do espirito scientifico e philosophico. Em Portugal nenhuma dessas circumstancias, apenas na sociedade o mais chão utilitarismo; por isso, exausto de recursos, o lyrismo morria sem successão. Teve porê m um estertôr lento, em que ainda esgotou as ultimas energias; é que, dentro da propria decadencia, os poetas alcançavam um progresso, não obstante o apparente paradoxo. Como a repetição simplifica, automatiza o acto, os poetas chegaram a conseguir uma extraordinaria facili-

dade em metrificar, em redigir com rimas e como juntando-se á facilidade o rigor da phrase, syntaticamente considerado, se julgava que se fazia poesia, começou o gosto pelas longas narrativas em verso, os poemas de acção: « Paqueta » do sr. Bulhão Pato, « Morta » de Ernesto Marécos, « D. Jayme » de Thomaz Ribeiro, « Poema da Mocidade » de Pinheiro Chagas, « Tasso » do sr. Candido de Figueiredo. Da mesma época era um poema do sr. Ramos Coelho, que elle mesmo diz ter contido mais de quatro mil versos, e que pelos fragmentos publicados se reconhece serem do tempo, em que dominava a theoria castilhiana.

Lisbôa, julho de 1911.

FIDELINO DE FIGUEIREDO.

FACTOS E NOTAS

FACULDADES DE LETRAS — O governo provisório da Republica elevou o antigo Curso Superior de Letras a Faculdade de Letras, separando d'elle a preparação dos professores lyceaes, que passa a fazer-se numa Escola Normal Superior, e creou outra Faculdade e outra Escola Normal em Coimbra. Parecia desnecessaria esta duplicidade, sabido como é que a unica garantia pratica desses cursos é o magisterio secundario, vindo as faculdades a desempenhar de futuro o papel subalterno que desempenhava a Escola Polytechnica em relação á Escola do Exercito, uma transição preparatoria. Fóra desse fim só um diminuto numero concorrerá, atrahido por um sincero interesse especulativo. Esta circumstancia e o movimento cada vez menor dos quadros lyceaes tudo faz ver que não ha defeza sensata para a existencia de duas faculdades de letras e — menos ainda — de duas Escolas Normaes.

Na sua organização interna, logo salta á vista que o cargo de assistente nasceu da unilateralidade do criterio, isto é, estender ás faculdades de letras o plano primeiramente estabelecido para a Faculdade de Medicina. Não ha papel distincto para confiar ao assistente, esse cargo é escusado, deve haver varias categorias de professores, isso sim, pro-

fessores ordinarios, extraordinarios, contractados e livres, mas para o assistente não ha funcção especial. O concurso para este cargo faz-se para uma secção completa, obrigando o candidato a uma preparação especial de varias sciencias differentes, o que ninguem consegue, e havendo quem possuísse esse thesouro de saber, não iria subalternar-se como assistente, sem estabilidade. Esse cargo ha-de vir a tornar-se dissolvente, como nos lyceus o de supra-numerario. A experiencia o dirá.

Ha porêm na lei uma disposição, que merece demorada referencia, e exige immediata revisão; é a que limita os estudos de historia de Portugal e de litteratura portuguesa a um anno, para cada. Tal disposição é não só contradictoria do espirito de especialidade, que deve presidir ao ensino superior, porque reduz esse ensino á repetição de generalidades, sem alcance, nem originalidade scientifica, mas vae tambem oppôr-se a que o ensino dessas faculdades tome, como deve tomar, um caracter nacional. Confia-se em que a Universidade de Lisboa, concentrando as forças mentaes do paiz e drenando para um determinado ideal o pensamento e a acção, tenha uma alta funcção nacional. Nós lembramos que, quaesquer que sejam os destinos dessa Universidade, elles

serão em grande parte consequencia do papel que nella desempenhar a Faculdade de Letras, como centro de estudos historicos nacionaes. Mas esse papel que impende ás Faculdades de Letras, á de Lisboa principalmente, poderá cumprir-se com os estudos de historia e litteratura portuguezas reduzidos a um anno? E' necessario dividi-los em varias cadeiras e varios semestres. Assim dividido em cadeiras distinctas, o ensino tornar-se-hia em verdadeira investigação e exposição de estudos originaes, fazendo progredir essas sciencias, a historia parada nas origens, a litteratura por fazer. A sociedade manifestar-se-ha opportunamente.

CURSO LIVRE DE EXPLICAÇÃO DOS LUSIADAS. — Durante os meses de abril a junho fez o sr. prof. Barbosa de Bettencourt na Academia de Estudos Livres, Rua da Paz 7, um curso livre de explicação dos Lusíadas, que supomos se realizará tambem nos anos seguintes. Pertence esta tentativa á classe de trabalhos que se podem chamar de « extensão liceal », pois que o seu objecto é difundir pelo público diferentes ramos de conhecimentos aproximadamente no grau do ensino secundário, posto que resumidamente. Afirmou o professor a necessidade de se estabelecerem cursos desta índole para tornar conhecido o poema de Camões a todos os portuguezes que tem alguma cultura, devendo a explicação acomodar-se á instrução do auditório, variando, desde um curso como aquele de que damos noticia até uma simples exposição do assunto do poema com explicação de algumas estâncias de mais fácil comprehensão ou mais próprias para impressionar pessoas de sentimento estético pouco cultivado.

Antes de se ocupar dos trechos que formaram o objecto do curso, fez o sr. Bettencourt tres conferências (a 6, 13 e 20 de abril) sobre o carácter da nossa epopéa. Observando quanto diferiam as condições em que Vergílio escreveu

daquelas em que foram compostas a Iliada e a Odisséa e, por outro lado, quanto se pareciam, em parte, com aquelas em que se encontrou Camões, notou o modo como Vergílio resolveu a dificuldade de engrandecer com a intervenção dos deuses a narração de factos historicos, e o modo inteiramente oposto como o poeta portuguez resolveu o mesmo problema. Vergílio, absten-do-se de seguir o exemplo de E'nnio, pôs a acção do seu poema na época heroica cantada na Iliada e na Odisséa e apenas secundariamente, sobretudo no fim do canto vi, se refere aos feitos dos romanos. Camões, pelo contrario, quis fazer um poema essencialmente historico. Seduzido pela arte vergiliana e querendo conservar os motivos sobrenaturaes da acção que eram elemento essencial nas grandes epopéas clássicas, encontrou-se ainda, — ou a nós se afigura ter-se encontrado — em maior dificuldade que Vergílio, pois á contradição intrinseca entre o elemento histórico e o elemento mítico acrescia para o poeta portuguez a das concepções religiosas que impregnavam um e outro. Não dissuadiu todavia a Camões esta contradição, que certamente para elle não foi tão visível como é para nós, e que retrata fielmente no poema o estado de espirito dos homens mais cultos da Renascença, que usavam habitualmente os símbolos pagãos e lhes davam ás vezes extraordinária vida. Não é a mitologia em Camões artificio, e a sua Vénus é uma admirável criação. A epopéa de Vergílio é apenas uma produção genial do género épico destinado a celebrar as nobres origens das cidades; a de Camões, declaradamente histórica e geográfica, é a epopéa dos tempos modernos e da civilização mundial que resultou da abertura dos mares e terras distantes á actividade dos europeus.

Louvamos a iniciativa do distincto professor, que poucos precedentes tem entre nós, e esperemos que elle continue prestando tão assigalado serviço á

educação popular e divulgação litteraria.

DA OPPORTUNIDADE DUM CONGRESSO NACIONAL DE HISTORIA E LITTERATURA. — Os Congressos são um dos meios consignados no estatuto da Sociedade para a realização dos seus intuitos, mas o que parece indicado é que o primeiro desses Congressos terá de ser exclusivamente nacional. Precisamos de saber quaes os nossos recursos antes de nos defrontarmos com os estrangeiros. E', pois, opportuno um Congresso nacional de Historia e Litteratura, como ponto de partida de iniciativas analogas. E' necessario que nos punhamos ao corrente da sciencia moderna, para podermos encetar tambem a nossa expansão intellectual, a propaganda da nossa cultura no Brazil, para não perdermos esse mercado litterario. Quaes os fins, que se deve propôr um tal Congresso? A nosso ver os seguintes: 1.º procurar saber quaes os conceitos dominantes de historia e de litteratura, como arte, e critica e historia litteraria. 2.º Indagar que elementos possuímos e como trabalhamos nessas duas especialidades, para o que seria util organizar a bibliographia dos ultimos annos sobre esses assumptos. 3.º Tentar dar uma certa unidade ao trabalho, unidade de methodo e unidade de fins, combinadamente com o ensino official, valioso elemento de divulgação. Seriam tambem valiosas as indicações fornecidas por um inquerito geral ao ensino das disciplinas historicas.

Duas secções conteria o congresso: Historia e Critica Litteraria ou simplesmente Litteratura, para seguir a usual denominação. Na primeira, deveriam estudar-se entre outras theses, as seguintes:

1.º Definição de historia e seus limites. — A necessidade e a contingencia em historia.

2.º Da attitude objectiva e subjectiva em historia.

3.º Da philosophia na historia.

4.º A divulgação das fontes originaes. — O Estado e a iniciativa particular.

5.º Do estado das bibliothecas e archivos publicos.

6.º Do estado das sciencias auxiliares.

7.º Da historia local.

Na segunda secção, tambem algumas theses se impunham urgentemente:

1.º O conceito de litteratura, como arte, e historia litteraria como sciencia. — Seu methodo.

2.º Nomenclatura — Esboço dum lexico. — Divisão em épocas.

3.º Relações da litteratura portugueza com a espanhola.

4.º Relações de litteratura portugueza com a franceza.

5.º Relações de litteratura portugueza com a brasileira.

8.º As sciencias auxiliares.

9.º A divulgação dos ineditos.

Com uma pequena quota de inscrição alcançar-se-ha a garantia precisa para a organização e para a impressão do relatorio final. A sociedade recebe todos os alvitres, que possam esclarecer a futura iniciativa do Congresso.

EÇA DE QUEIROZ NO ESTRANGEIRO — A *Revue* de Agosto e de setembro publicou uma traducção do «Mandarim» de Eça de Queiroz, com um largo prefacio critico biographico do sr. Claude Frazac. Registamos com orgulho a vulgarização crescente da obra do primeiro romancista portuguez.

*

* *

As bibliothecas e archivos das corporações attingidas pela lei da Separação do Estado das Igrejas. — Por proposta do sr. Pedro de Azevedo, a Sociedade tomou a iniciativa dum movimento em favor destes importantes repositórios bibliographicos e paleographicos. Nesse sentido solicitou apoio a varias colle-

ctividades congéneres, apresentou um projecto de medidas a adoptar, sem o menor encargo para o Estado, e publicou um manifesto, que reproduzimos. Foi seu relator o sr. Pedro de Azevedo.

Manifesto

A *Sociedade Portuguesa de Estudos Historicos*, que inscreve no seu estatuto entre outros fins o de fazer activar os estudos historicos, mormente os nacionaes, vem no desempenho da sua missão apelar para as sociedades congéneres e para todos os homens de boa vontade depositarios de um ideal, para que ligando todas as energias promovam a salvação de um manancial riquissimo de documentos, que ha receio sejam destruidos num espaço de tempo mais ou menos curto.

Se esses monumentos fossem propriedade de particulares, estaria ella certa que com relativa facilidade elles se poderiam pôr a bom recato, mas como pertencem ao país e os homens publicos que dirigem o Estado não possuem o tempo indispensavel para tratar de bens intellectuaes, é necessario que se forme uma corrente tão forte de opinião que os que vivem no meio das lutas politicas prestem por um momento a atenção devida aos papeis, onde estão registados os assuntos variadissimos que occupavam os nossos antepassados, esses homens que nos legaram um patrimonio que quasi chegou a formar uma faxa em volta do globo.

E' a memoria dos feitos illustres uma das qualidades que nos elevam acima da animalidade, e se bem atentarmos, veremos que os povos modernos mais fortes são os que melhor conhecem o seu passado.

Não descancemos, porém, com a leitura dos nossos historiadores mais ou menos contemporaneos dos factos que narram. As suas obras estão por assim dizer mortas, é preciso que nellas entre

a vida que impeça o torpor e a estagnação. Assim o que succede nas sciencias naturaes que nunca cessam de renovar as suas teorias e aumentar os seus conhecimentos, deve tambem ser o methodo applicado ás sciencias do espirito.

Não contemos tambem que os estrangeiros venham no campo das suas investigações historicas acrescentar os nossos cabedaes, como se dá com as sciencias da natureza onde qualquer progresso effectuado é um bem que reverte a favor de toda a humanidade.

A *Sociedade* dirigindo-se aos portuguezes cultos vem-lhes chamar a atenção para o que é necessario fazer para compellir o Estado a dar resguardo aos documentos que a recente lei da Separação vae gradualmente deslocando dos escrinios e dos armarios onde tinham jazido desde tempos immemoriaes.

Os estabelecimentos atingidos pela lei são os episcopaes, capitulares, parochiaes, monasticos e até certo ponto os de confrarias.

E' mister que se saiba o que intenta o Estado operar com esta enorme mole de documentos.

Destruir-los de chofre tem a certeza a *Sociedade* que tal se não praticará, mas receia que se lhe dê tal colocação que dentro de poucos annos só reste a memoria desses monumentos e que a historia dos archivos registre mais um vandalismo.

Para que não falte ao Estado conselho neste ponto urge que haja quem lhe marque o caminho a seguir a fim de segurar velhas memorias. Parece que no recolhimento de objectos de arte foi cuidadoso o governo, mas quanto ao assunto sobre que versam as presentes palavras nada ou muito pouco se tem feito.

Por agora entendemos que não se podem exigir sacrificios á Nação para valorizar os seus tesouros manuscritos, devendo só pretender-se que a guarda dos cartorios e a solidez dos edificios

não sejam inferiores em qualidade ao que havia anteriormente á promulgação da lei da Separação.

E' na verdade perante a sciencia da historia um crime que, no caso particular dos cartorios parochiaes, que até aqui se conservavam resguardados em edificios solidos, elles sejam transferidos para velhas casas de paredes abauladas e de madeiras carunchosas, que dão albergue nas suas lojas a estabelecimentos de drogas e a armazens de palha!

Não é por acaso um crime confiar a esses edificios, além dos velhos registos parochiaes, os novos livros de registo do estado civil?

Depois de atrahir os olhares do Estado para os archivos recentemente adquiridos por elle, resta ainda esclarecê-lo sobre um ponto especial. No Porto e em Braga os cartorios episcopaes foram depositados — aceitemos que na totalidade — nas bibliothecas publicas d'aquellas cidades, onde naturalmente haverá pessoal habilitado que os estude e os apresente aos estudiosos. Devemos todavia duvidar que os cartorios parochiaes, muitos dos quaes conteem livros dos seculos XVI e XVII, tenham caído em mãos de quem lhes dê apreço.

E' muito pequeno ainda o espaço de tempo para que possamos ter já á nossa disposição material sobre esse objecto.

Não é só a segurança material dos cartorios que nos deve occupar, nem tão pouco as difficuldades postas no caminho aos estudiosos, ainda ha um ponto que não se deve olvidar. Sendo certissimo que as pessoas a quem foram confiados os cartorios ecclesiasticos não teem conhecimentos paleograficos, é lícito supor que as certidões que tenham de passar de assentos remotos sejam bastante defeituosas. Para obviar a este inconveniente não resta senão o alvitre de serem confiados ao Ministerio do Interior, onde existe já uma rudimentar organização de archivos.

Causará talvez admiração que tanto se trate de cartorios ecclesiasticos e que

tanto por elles se afadiguem algumas dezenas de individuos; mas para que ella desapareça torna-se preciso provar quanto pôde esperar das investigações ahí a nossa historia.

No archivo da mitra de Braga conservava-se, e temos razões para julgar que está agora confiado á guarda da bibliotheca daquella cidade, um codice onde estão registados contractos remotos muito anteriores á fundação da monarchia. No archivo de Vizeu encontrou não ha muitos annos um ilustrado investigador documentos por meio dos quaes provou que o celebrado pintor Grão Vasco existiu realmente. Nos registos parochiaes de uma freguesia de Lisboa achou um nosso consocio o termo de baptismo de D. Francisco Manuel de Mello e numa igreja de Alemquer foi encontrado o termo de obito de Damião de Goes. Esta investigação não é doentia, como parecerá aos homens praticos, antes impõe-se-nos sempre que queiramos aumentar os conhecimentos que temos sobre individualidades notaveis.

Muito se tem peccado na conservação dos cartorios, e por isso urge que se ponha um travão no desbarato e se reservem para o futuro os ricos mananciaes que ainda existem.

Por agora só nós resta pedir que essas preciosidades sejam entregues á Direcção Geral da Instrucção Superior e Especial, que é a unica Repartição que tem ao seu dispôr empregados especialmente habilitados.

Lisboa, *Sociedade Portuguesa de Estudos Historicos*, 1 de Abril de 1912.

O Conselho de Direcção.

Projecto apresentado, em janeiro, a Sua Ex.^a o Ministro da Justiça

Pela lei da separação do Estado da igreja reverteram em favor da nação os bens ecclesiasticos, moveis e immoveis, incluindo entre elles os respectivos car-

torios. Sobre o direito de posse dos monumentos nelles guardados dissertou magistralmente Herculano no seu parecer intitulado «Do estado dos archivos ecclesiasticos do reino» que tem a data de 1857.

Sendo necessario para utilidade das sciencias historicas e da bibliografia que os numerosos documentos e preciosos livros que se encontram nos edificios episcopaes, parochiaes e congregacionistas se não percam e pelo contrario se conservem tanto quanto possivel na sua integridade; e attendendo ainda que tanto esses documentos como os livros são inuteis para a instrucção popular e até certo ponto escolar e só comprehensíveis a individuos especialmente preparados e instruidos para investigações scientificas, propomos as seguintes medidas atinentes á conservação de todo esse material, não menos valioso do que o artistico e etnografico, este ultimo desgraçadamente disperso em leilões.

Art. 1.º — Todos os impressos e gravuras (quer soltas quer encaixilhadas), que forem encontrados nos edificios episcopaes, nas igrejas parochiaes e capellas e nas congregações extinctas, serão reunidos num edificio que poderá ser o do liceu, o da antiga residencia do Ordinario, o seminario, a bibliotheca ou o museu municipal, mas de fôrma que se possa sempre reconhecer a proveniencia de todas as publicações. As chamadas laminas, registos de santos e sinaes que é vulgar encontrar dentro dos livros religiosos serão recolhidos em albuns, a exemplo do que se costumava praticar na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

§ 1.º — Far-se-ha a contagem dos livros e gravuras encontrados em cada estabelecimento, de que se mandará a relação ao Ministerio da Justiça.

§ 2.º — Todas as irmandades, confrarias e misericordias serão convidadas dentro de certo praso a apresentar um inventario dos livros, gravuras e quadros que tem em seu poder e intimadas a nada destruir nem alienar.

Art. 2.º — Os cartularios e documentos soltos encontrados nos estabelecimentos acima referidos serão igualmente arrecadados e contados.

§ unico — Os cartularios tanto de pergaminho, como de papel, bem como todos os pergaminhos avulsos datados até 1600, serão enviados para o Archivo Nacional, ficando os restantes nos mesmos locais onde se reunirem os livros e gravuras.

Art. 3.º — Os cartorios do registo parochial que forem recolhidos pelos conservadores do registo civil ficarão em poder d'estes só de 1834¹ para cá; os anteriores serão enviados para o Archivo Nacional.

Art. 4.º — Far-se-ha um arrolamento pelo país, com excepção de Lisboa, por intermedio das sociedades scientificas, de todas as pessoas que tem publicado trabalhos historicos fundados em documentos que se encontram nos cartorios regionaes ou no Archivo Nacional, a fim de serem encarregados gratuitamente de prestar informações e de auxiliar as autoridades no arrolamento e guarda dos livros e documentos.

Art. 5.º — O director geral dos negocios ecclesiasticos ouvirá o inspector das bibliothecas eruditas e archivos e os presidentes das sociedades historicas sobre todos os assuntos relativos ao objecto que fica mencionado.

Em harmonia com o art. 4.º a Sociedade lembra alguns eruditos e sociedades para auxiliarem as autoridades nos differentes districtos:

Bragança:
Abbade do Baçal
Albino Pereira Lopo.

¹ Escolheu-se esta data para delimitação, porque desde 1834 se fizeram os registos em duplicado.

- Villa Real:*
Adelino Samardã.
- Vianna do Castello:*
Dr. Figueiredo Guerra
Dr. Narciso Alves da Cunha.
- Braga:*
Abbate de Tagilde
Dr. João de Meira
Dr. Mario Monteiro
Sociedade Martins Sarmiento.
- Porto:*
José Pereira de Sampaio
Dr. Ribeiro de Magalhães
Prior de Villa do Conde.
- Vizeu:*
Dr. Maximiano de Aragão.
- Aveiro:*
Marques Gomes.
- Coimbra:*
Dr. Ribeiro de Vasconcellos
- Dr. Mendes dos Remedios
Dr. Oliveira Guimarães
Dr. Fortunato d'Almeida
Eugenio de Castro
Dr. Simões de Castro
Pedro Fernandes Thomaz (Figueira)
Grupo Studium da Figueira
Instituto de Coimbra.
- Castello Branco:*
João Carlos Craveiro.
- Leiria:*
José Calado (Juncal)
Vieira Natividade (Alcobaça).
- Santarem:*
Dr. Vieira Guimarães.
- Evora:*
Dr. Lopes da Silva
Dr. Faria Torrinha.
- Faro:*
Dr. Athayde d'Oliveira.
-

BIBLIOGRAPHIA

Camões e Macedo — Analyse do «Discurso Preliminar» com que este prefaciou o seu poema «O Oriente» — José Ramos Coelho, Lisboa, 1911, 114 pag.

E' geralmente conhecido o poema «O oriente», de José Agostinho de Macedo, refundição do «Gama» publicado em 1811. Esse poema traz appenso um «Discurso Preliminar», que já alguém comparou, na severidade critica, ao «Ensaio sobre a Poesia Epica» de Voltaire, pois que repete as mesmas condemnações sobre os *Lusiadas*, sobre todas a imputação de que Camões plagiára por completo a *Eneida* de Vergilio. Outros auctores ainda affirma Macedo que Camões plagiou, como por exemplo Silio Stalico, de cuja *guerra Punica*, canto vi, diz ser extrahido o final do canto iv dos *Lusiadas*; Horacio, cuja celebre ode, «*Sicte diva potens Cypri*», teria fornecido o modelo para a fala do velho do Restello; Ariosto, no *Orlando furioso*, imitado em varias passagens; Apollonio e Valerio Flacco, de quem tomára o artificio poetico do auxilio das nereidas ás naus, etc. Porém é Vergilio que Macedo pretende ter sido seguido por Camões, passo a passo, concluindo pela nenhuma originalidade de Camões, retirando-lhe pois todo o valor litterario a elle attribuido.

Tal critica era a repetição incomprehendida do processo do seculo xvii e xviii, largamente praticada pela numerosa escola dos exegetas, que se iniciou em 1613, com Manoel Corrêa e Pedro Mariz, apenas um cotejo pelo codigo classico. Mas Macedo juntava a isso a intenção malevola, comparando o poema ás suas fontes de inspiração, que elle suppunha simples modelos friamente imitados. Como não tinha noções nenhuma da natureza da obra litteraria, elle concluia pela inferioridade onde não visse inteira originalidade, e era o que necessariamente teria de succeder emquanto se não encetasse o estudo das fontes litterarias. Só recentemente se viu o valor desse estudo, que permite estabelecer sobre solidas bases a continuidade litteraria, reduz ás suas verdadeiras proporções o mytho da originalidade e mais esclarece sobre os processos artisticos de cada auctor, elaborando duma maneira propria, materiaes já anteriormente aproveitados. Ainda outro facto inclue a critica de fontes; o poder soberano quasi da forma em arte, pois que um thema velho se pode renovar incessantemente ou eternisar-se numa forma pessoal dum artista de genio. Em França deram incremento consideravel a esses estudos, entre muitos outros, Gustave Lanson,

Morel-Fatio, Roy, Vianey e Régnier. José Agostinho de Macedo juntava a essa critica rasteira a má vontade, e foi essa inclinação que logo tocou os espiritos sinceros e probos. Parte desse «Discurso Preliminar» foi discutido em 1815 por Pato Moniz, o polemista conhecido do primeiro quartel do seculo passado, e por Frei Francisco de S. Luiz, em 1819. Mas no seu conjuncto só, agora, o snr. Ramos Coelho o analysa e lhe replica. Na sua obra, o snr. Ramos Coelho põe não só a erudição valiosa, que possui das litteraturas classicas, mas um disvelo, uma devoção dum camo-neanista fervoroso. O seu intento di-lo elle mesmo: «analysar as suas affirmativas, e combater e destruir as erroneas, que são em grande numero.» O processo tambem o auctor o expõe: «comparando os *Lusiadas* com elle (poema: *Eneida*) na parte impugnada, não desprezando comtudo a occasião para examinar tambem até que ponto Macedo claudica nas accusações que lança em rosto de haver imitado e roubado outros auctores». E' quasi uma analyse juxtalineal, onde o auctor mostra a má fé de Macedo.

O livro é seguido de algumas notas, das quaes destacamos a primeira; «Versos dos *Lusiadas* na traducção da *Eneida* de Franco Barreto». Macedo a pag. 52 da sua *Censura dos Lusiadas*, tomo II, escreve: «a tempestade descripta até á oitava 29 (aliás 79) he uma copia da tempestade de Virgilio; e João Franco Barreto, que traduziu a *Eneida* em oitava-rima, para poupar trabalho, escreve os versos de Camões, por serem uma rigorosa traducção.» Assim correu durante muito tempo. Disse-o primeiro o proprio Barreto, no seu prologo, e repetiu-o o sr. Theophilo Braga, no seu divulgado «Curso de Litteratura Portuguesa». O sr. Ramos Coelho reduz esse asserto ás suas verdadeiras proporções, mostrando que só em seis passagens isso succedeu exactamente, o que honra o seu espirito de analyse. Foi a probidade na analyse e na interpretação que fez

respeitado o nome do auctor, a quem se deve a melhor edição do *Hyssope*, unica critica, e a *Historia do Infante D. Duarte*.

Folgamos por possuirmos mais esta contribuição para o estudo de José Agostinho, cujo papel na historia da nossa critica litteraria, se reduz á continuação do espirito arcadico, com verrina, e por fim á fusão da critica com a censura official, ou á morte daquella, como succedeu em 1824.

Revista de Educação (Boletim da Sociedade de Estudos Pedagogicos) Lisboa. 1911, n.º 1, 87 pag.

Recebemos esta nova revista, orgão duma sociedade, em que estão congregados os elementos mais valiosos, no que respeita a educação e ensino, como são os professores que a compõem. Contem um projecto sobre a formação dos professores lyceaes, artigos sobre o ensino das sciencias naturaes, a instrucção militar preparatoria, o congresso internacional de linguas vivas, coeducação e museus escolares. Fazemos votos pela prosperidade de tão douta corporação e manteremos muito gostosamente relações de permuta.

A Expressão da Colera na Litteratura (Ensaio de Critica litteraria, scientifica e artistica) — Henrique Vilhena. 1909, 275 pag.

O sr. dr. Henrique Vilhena, professor illustre de anatomia na Faculdade de Medicina de Lisboa, apresenta este trabalho como these de concurso para professor de anatomia artistica, na Academia de Bellas Artes de Lisboa. Juntando a uma solida educação naturalista, um gosto artistico cultivado e uma igualmente solida educação artistica, ninguém, como elle, poderia crear o ensino da anatomia plastica, porque esta

obra representa, entre nós uma criação, e ainda recentemente um pintor illustre confirmava este-nosso pensar.

Percorrendo a vasta bibliographia das litteraturas classicas, neo-classicas e contemporaneas, o sr. H. Vilhena foi annotando todos os documentos litterarios, em que se expressava, de alguma maneira a colera. E' claro que as obras epicas, antigas, medievas e as da Renascença, que reproduzem o homem, normalmente em estado de guerra, lhe forneceram maior copia de elementos; as contemporaneas, onde a dissimulação por educação e menor frequencia dessa emoção fazem escassear os dados ao critico. Pouco ha feito neste ramo de estudos; Darwin, Piderit, poucos mais, apenas deixaram vistas de synthese sobre as emoções em geral. Bem andou o auctor em se circumscrever a uma só emoção. Estudou-a só na litteratura, porque lhe faltavam condições para a estudar nas outras artes, num paiz pobre de galerias de bellas artes. Elle vae-nos contando como os poetas epicos, os tragicos, os aedos homericos e os romancistas de todos os tempos descreveram as suas personagens, presa da colera. Mostra-nos a colera expressa nos olhos na *Iliada*, no *Ramayana*, nos *Lusiadas*, no *Amphitrião*, na *Jerusalem*, etc.; no franzimento dos sobrolhos, nas contracções musculares, nos movimentos offensivos, etc., etc.

São particularmente notaveis os capitulos VIII e IX, em que o auctor analisa e interpreta psicologicamente as divindades Erinyas ou Furias, symbolos da colera e de todos os estados colericos. Não só expende a sua opinião pessoal, fundamentada numa analyse minuciosa e criteriosa, mas passa em revista o pensar de Max Müller e outros mythologos.

A *Expressão da Colera* foi, no dominio da critica, dando ao termo um sentido amplo, a mais bella publicação do seu anno, pelo que felicitamos a sciencia portugêsa. Oxalá o auctor prosiga no

estudo de outras emoções, como promette.

O Doutor Storck e a Litteratura Portuguesa — Estudo historico-bibliographico — J. Leite de Vasconcellos — Lisboa, 1910, 334 pag.

O insigne ethnographo, epigraphista e philologo, que é o sr. Leite de Vasconcellos, interrompeu os seus trabalhos especiaes, para cumprir um dever de amizade particular e gratidão nacional para com a memoria do illustre lusitano-philo allemão, devotado traductor dos *Lusiadas* e conhecedor de toda a nossa litteratura. O auctor conta como enctou as relações com o Dr. Storck, com o qual aprendeu gothico, narra as suas visitas a Münster, onde elle era professor; expõe como elle se déra ao estudo da nossa litteratura e occupa-se largamente dos seus trabalhos camoneanos e acêrca da nossa litteratura em geral. Compendiou muitissimas notas da bibliographia de Storck e outros lusitanophilos, taes como Reinhardsttötner, Burton, Delius, etc. Reproduz muitas cartas litterarias, que bem mereciam ser archivadas, e insere os retratos de alguns escriptores citados.

Essa obra paciente e animada da mais grata e mais terna amizade representa o preito da critica portugêsa ao mais profundo dos seus cultores estrangeiros.

Revue Critique des Livres Nouveaux. — Publiée par MM. Pellissou et Rudler — Paris, 101 — Rue de Vaugirard, Décembre, 1910.

Recebemos um numero specimen desta revista bibliographica, cujo corpo de redacção contem nomes como os dos srs. Ch. Rudler, Brunot, Gallois, Langlois, G. Lanson, Lévy-Bruhl, S. Reinach, G. Renard, Ch. Seignobos, etc. E' mensal e contem um artigo de fundo em cada numero, varias noticias e muitos annun-

cios de livros, summariamente referidos. No presente numero o artigo de fundo é de S. Reinach sobre arte bysantina, em que a proposito dum manual de arte bysantina historia os trabalhos e as theses apresentadas sobre a origem e as fontes dessa arte.

The Oxford and Cambridge Review — Nv. 13, 1911.

Esta conhecida revista inseriu neste numero alguns artigos criticos, que devem ser destacados, como o de M. Herbert W. Tomplius sobre a tragica vida de Richard Porson, o de M. Malcolm Burr sobre a litteratura medieval da Servia e o de M. Edgar Prestage, que se intitula «The Visconde de Almeida Garrett and the revival of the Portuguese Drama». Nelle descreve o sr. Prestage os esforços de Garrett para a reviviscencia do theatro portuguez, occupando-se demoradamente do «Frei Luiz de Sousa», cuja acção narra e commenta. Concordamos na generalidade com as opiniões do sr. Prestage, sempre dictadas por uma grande imparcialidade critica e um educado gosto artistico. Poucas são na verdade as passagens, a que pomos objecções. Apenas diremos que não parece que os estudos philosophicos de Garrett tivessem sido muito profundos, de maneira a merecerem uma menção especial, como entende o sr. Prestage: «...and later on he studied the English and German philosophers—». Bem pouco de philosophia ha na sua vida, na sua obra e no seu character. Na organização methodica, da sua bibliotheca, não ha referencia especial á bibliographia philosophica. Tinha-a dividida em litteratura, poesia, miscellanea, direito, historia e mais sciencias moraes. Era por certo nestas que elle incluia o que porventura possuísse de obras philosophicas. Julgamos que não foi profundo o seu estudo dos philosophos. Mais adiante, o sr. Prestage tambem diz: «From 1825 to 1840 he

publishd little of permanent value...». Não nos parece bem fixada esta data de 1840, pois que em 1838 escreveu elle o seu «Auto de Gil Vicente», cujo permanente valor historico-litterario não póde ser negado. Mas estas simples annotações não tiram o valor ao artigo, a cujo auctor a litteratura portugueza tanto deve. Folgamos em registrar a concordancia de vistas com as nossas.

Cartas de D. Francisco Manuel de Mello escriptas a Antonio Luiz Gomes, publicadas com Introducção e Notas por Edgar Prestage... Lisboa, Academia das Sciencias, 1911.

Nas collecções de manuscriptos da Bibliotheca Nacional de Lisboa existe um extenso repositorio de cartas familiares de D. Francisco Manuel de Mello, das quaes só uma pequena minoria havia sido publicada, mas com pouca fidelidade. O sr. Edgar Prestage tomou o gostoso encargo de lhes dar publicidade, encargo que cumpriu com a probidade scientifica que costuma pôr em todos os seus trabalhos. São 61 cartas, valiosissimas como documentos dum character moral, que tanto se reflectiu na obra. Embora um classico, D. Francisco Manuel, em despeito da sua educação e do seu meio, era para o seu tempo um avançado, podendo mesmo, sem subtilezas especiosas, verificar-se uma manifesta dualidade no seu espirito. Releve-se-nos que nos citemos a nós proprios, porque queremos sómente lembrar uma formula concisa, em que noutro lugar expressámos o nosso pensamento: «Pela educação classica e religiosa, D. Francisco Manuel ganhou esse respeito conservantista pela litteratura antiga e chegou pelo contagio da epoca a enfileirar no cortejo dos banaes gongoristas e a defender theses futeis nas academias; pela malleabilidade do seu temperamento de ironista e moralista, pela largueza da sua instrucção variada e pela multiplicidade de meios

sociaes, em que viveu adquiriu uma pujança critica, uma rapidez de intuição, misturada com um pouco de scepticismo que, se tivesse vivido no fim do seculo, seria um *moderno* franco e acompanharia os irmãos Parraults nas suas diatribes contra os *classicos*. Mas não houve circunstancias que determinassem essa opção, e elle foi uma individualidade, classica e moderna.»¹

A prova mais cabal deste asserto é o seu «Hospital das Letras». Mas talvez o que mais documenta a feição do seu espirito seja a transformação operada por elle no estylo litterario. Até então, excluindo os comediographos, porque a isso os forçava o contacto com o povo, nenhum escriptor português usára daquella fórma ligeira, abundancia de periodos curtos, pouca frequencia das transposições syntaticas e uma ironia leve e subtil, como D. Francisco Manuel; por elle se opéra uma transformação estylistica, ainda por evidenciar e exemplificar. O sr. Edgar Prestage observou isso sagazmente nestas cartas, que posto que intimas, sendo trocadas entre pessoas de categoria e de educação litteraria acurada, obrigavam o seu auctor a disvelar a fórma. Diz o illustre critico: «Do mesmo modo que as já publicadas, estas 61 cartas pertencem todas ao genero familiar, e se algumas têm os conhecidos defeitos da prosa seiscentistica, taes como regras embrulhadas e jogos de palavras quasi pueris, outras são escritas em estylo «claro, breve, sentencioso e proprio, sem enfeites, rodeios, nem metáforas».

Effectivamente numerosas são as passagens, em que ha formulas gongoricas, mas ellas, em paralelo, como elemento do tempo, melhor salientam a parte propria do estylo de D. Francisco Manuel, o elemento pessoal. Mas essas cartas não são por fórma nenhuma uma obra

litteraria, pois que não visavam a produzir uma emoção de belleza, mas tão sómente a servir fins uteis, são só subsidios para o conbecimento da personalidade moral do escriptor; por ellas vemos D. Francisco Manuel no seu carcere, resignado umas vezes a cuidar sollicitamente dos seus trabalhos litterarios, de que o destinatario Antonio Luiz de Azevedo era bondoso procurador; vêmo-lo outras vezes mergulhado na mais profunda amargura, outras ainda numa exaltação desordenada: «Segundo são os males que contra mi se embrabecem, não me estranhe V. M. o calor, senão o ter alento ainda para fazer estas letras. Ou isto se quer acabar ou eu; porque as opressões vão de monte a monte. Deus me ensine o vão, que eu estou cego e fraco.» Tem razão o sr. Prestage quando conclue: «Estas cartas, escritas no tempo do seu enclausuramento, formam triste leitura.»

Reproduzimos um trecho interessante pela minuciosa descripção que contém e significativo por tanto insistir allegoricamente sobre a verdade na historia, num tempo em que a historia era só um genero litterario, em pleno apogeu da historia fradesca: «Neste Livro Theodosio, que a S. Magestade escrevo, de que determino fazerlhe presente, fiz debuxar um capricho por meu Primo D. Francisco, que com raro acerto o poz em effeyto, para delle se abrir húa estampa que sirva de rosto ao verdadeiro Livro; mas para que a pintura nem tensão fique muda, desejo explicalla em dous Disticos, ao pee do debuxo, para o que fiz deixar lugar. He tal a pintura:— a Verdade em figura de Nimpha, que está pintando em sua estante, e por detraz á orelha lhe dicta o que ha-de pintar outra Ninfa, que significa a Memoria. Em o paynel se ve a pessoa do Duque Theodozio armado, como pintura feyta da Verdade, e da Memoria.» (carta 10).

Ainda na mesma introduccão, o sr. Prestage chama a D. Francisco Manuel,

¹ V. «A Critica Litteraria em Portugal», pag. 27.

o primeiro epistolographo português. Não subscrevemos nunca taes affirmações absolutas; não obstante abstemo-nos de discutir essa sua opinião por motivo de não sabermos se elle se refere a cartas, como genero litterario intencional, se a cartas familiares, por coincidência involuntaria, litterarias. Numa ou noutra especie, temos varios representantes na litteratura portugueza e, por isso, sempre diremos que se nos affigura muito contestavel a opinião do sr. Prestage.

A edição é largamente e proficiente-mente annotada.

«Figueira» — *Litteratura, Sciencia e Arte* — N.os 1 a 12 — *Figueira da Foz, Janeiro a Dezembro de 1911.*

Recebemos esta revista dos srs. Pedro Fernandes Thomaz, nosso consocio, e Ely do Amaral. Insere estudos biographicos e de historia local. Agradecemos.

Collecção de Elementos para a historia da Figueira — *Primeira parte, 1899.*

E' uma valiosa compilação do sr. Pedro Fernandes Thomaz, um repositorio importante de dados para a historia local, taes como o foral das Alhadas, de D. Manuel, doado em 1516, portanto já um foral reformado, *novo*, como então se chamou. Segue-se o foral de Tavadede, do mesmo, o de Buarcos, documentos de D. Sebastião, D. João III, etc., varias descripções, narrativas, referencias historicas extrahidas de varias chronicas e outras publicações, e uma bibliographia muito vasta sobre a figura primacial da revolução de 1820, o figueirense, Manuel Fernandes Thomaz.

A Figueira e a Invasão Francêsa — Notas e Documentos — Pedro Fernandes Thomaz, Figueira, 1910, Edição illustrada.

Neste volume colleccionou o mesmo investigador tudo que se refere aos des-

tinios da Figueira durante as assolações napoleonicas. Foi a sua contribuição para o 1.º Centenario da Guerra Peninsular. Contem muitos documentos para a historia militar, outros sobre a defeza da população, e a biographia e bibliographia do Padre Manuel Bruno Pister e Andrade, auctor do poema «Wellingtontaida» em homenagem ao occupador inglês, Wellington. E' um poema em 16 cantos, inedito apesar de a *Gazeta de Lisboa* chegar a annunciar a sua publicação. Accresce ainda a «Paz de Lysia», poemeto de J. J. Pereira de Figueiredo, que bem como a «Wellingtontaida» attesta uma grande inferioridade litteraria.

O Conde Gorani em Portugal, 1764 — Pedro Fernandes Thomaz — Figueira, 1910.

E' a biographia dum aventureiro milanês, do seculo XVIII, que esteve em Portugal, onde chegou a gozar duma situação de favor junto dos Condes de Oeiras. Commettido numa missão diplomatica, abandonou o paiz e as suas relações, publicando mais tarde as suas Memorias. O dramaturgo francês do seculo passado Marc Monnier occupou-se delle num extenso estudo biographico, do qual o sr. Fernandes Thomaz extrahiu os elementos para este seu opusculo. Já anteriormente Pinheiro Chagas analysára as suas affirmações sobre os nossos homens. Folgamos registrar que, em torno do sr. Fernandes Thomaz e outros illustres estudiosos se vae constituindo um pequeno meio intellectual na Figueira, já iniciado pelo Dr. Santos Rocha, e de que são provas a Bibliotheca, o Museu, a revista e as publicações acima.

Portuguese Literature to the end of the 18th Century — Edgar Prestage, Londres, 1909.

Em fevereiro de 1909 o sr. Prestage, como professor de litteratura portugueza

da Universidade de Manchester, realizou naquella estabelecimento uma conferencia de generalidade sobre a nossa historia litteraria até ao fim do seculo xviii onde mais uma vez evidenciou os seus conhecimentos e a sua capacidade critica. Reproduzimos com desvanecimento o seu periodo final: — Still, if you will read it in conjunction with what I have said here — remembering that I have necessarily omitted very much — you may not disagree very markedly with the conclusion I have reached after twenty years of study, namely, that if the fields of philosophy and science be excepted, no other small nation in modern times has a literature so extensive, so varied, so rich in quality of achievement.

O Marquez de Pombal e a sua epocha — J. Lucio de Azevedo, Lisboa, 1909, 475 pag.

Abundante é a bibliographia pombalina, principalmente no que respeita a fontes, mas pôde dizer-se que só Francisco Luiz Gomes e Latino Coelho tinham feito trabalho de syntese de alcance, construcção historica proba e sensata. Porê m Francisco Luiz Gomes não conheceu fontes posteriormente reveladas á consulta, e Latino Coelho guiou-se mais pela sua intuição historica do que por uma minuciosa e judiciousa critica de fontes. Ha bastantes annos, desde 1868, anno da publicação da obra de Francisco Luiz Gomes, «Le Marquis de Pombal, esquisse de sa vie politique», que as idéas sobre o Marquez de Pombal não soffriam alteração nem progresso, ao contrario se iam convertendo em lugares communs, transmittidos pelo ensino publico. Grande parte da responsabilidade da existencia de certas falsidades historicas cabem ao ensino, que sem criterio vae repetindo as investigações antigas e sempre alheias. A obra do sr. J. Lucio de Azevedo vem fazer progredir os estudos sobre o

seculo xviii, cuja epocha preeminente foi, para nós, a da administração pombalina, e alterar profundamente as nossas idéas sobre os acontecimentos e os homens dessa epocha.

Qual a concepção historica do auctor? Crêmos que se não subordina a systema nenhum, antes procura, sem obsessões, joeirar o que em todos ha de verdadeiro. E' por isso que na averiguação das causas, o sr. Lucio de Azevedo aponta as determinantes mais variadas, desde as causas economicas, como a crise no Grão Pará e Maranhão, donde resultou a instituição da celebre companhia; intellectuaes, como quando filia o procedimento do ministro, tão insolitamente progressivo, na transformação que nelle se operou, durante a estada na Inglaterra; até ás simples causas pessoas, como por exemplo quando por despeitos e resentimentos ou pelo simples desagrado que o character absorvente do ministro em todos produzia, explica a divisão das facções. E' que o sr. Lucio de Azevedo é um espirito superiormente orientado, com uma solida educação historica alliada a um largo conhecimento da vida e dos homens, não se deixa levar no entusiasmo pelo marquez, nem vae ás affirmações absolutas. Por isso corrige sempre criteriosamente e sempre fundamentadamente, os seus assertos. E assim mostra como o meio inglês, se grande acção exerceu sobre o espirito de Pombal, não foi todavia por elle cabalmente comprehendido. O que Pombal aproveitou foi o dar uma grande importancia, a verdadeira, aos phenomenos economicos, como principal factor na vida social, e ser levado ao estudo do desenvolvimento economico — que não só politico como então se fazia — das nações. Effectivamente a constituição inglesa era por elle julgada, pela forma seguinte: «Aqui ha duas definições a saber, prerogativa da corôa e liberdade do parlamento, que, apesar de infinitos exames e disputas, não dêram até agora a conhecer os seus defi-

nidos. Tem-se por coisa certa que a corôa pôde fazer tratados, que a nação deve cumprir; se, porém, esta o não quer fazer, nem quer se duvide do poder do principe, argúe o ministerio de que fez abuso do mesmo poder real, com prejuizo do povo, para ser perseguido criminalmente e depois castigado. Da mesma sorte se illudam as convenções e promessas, feitas pela corôa: e tudo sem mais trabalho que o de fazerem as camaras uma adresse ou representação, de que é contra o interesse nacional o estipulado ou promettido, e isto sobeja para o estorvo.» Ao contrario a Acta de Navegação apparecia-lhe como chave de quasi todos os progressos e grandiosas emprezas.

O sr. Lucio de Azevedo faz ver tambem que a vida de Pombal, anteriormente á entrada na vida diplomatica, foi obscura e ainda mal conhecida, pois nem se pôde affirmar de certeza que elle tivesse estudado em Coimbra. Tambem desfaz a crença geral do seu congenito odio aos jesuitas; na questão das minas do Pará, a principio, se concedem as missões fronteiras, as mais importantes, aos jesuitas, como mais capazes. Somos levados pela sua argumentação leal e pela veracidade dos factos a crer que esse odio se originasse, pouco antes, quando em Vienna o ministro conhecêra a politica arditosa, contradictoria, refalsada, de Roma, sob uma forma de secreta má-vontade e se evidenciasse quando, na questão das minas e após o terremoto, os jesuitas lhe levantaram tantas difficuldades.

A composição do livro é sobria e tão bem disposta que pôde bem dizer-se que a divisão em onze capitulos corresponde á divisão em outros tantos actos do grande drama que vae desenrolar-se: a embaixada de Londres, missão a Vienna, o novo reinado, a côrte e as facções, o terremoto, attentado contra o rei, o pacto de familia, a alliança inglêsa, extincção dos jesuitas, o apogeu e o declinio, o acabar. Percorrendo uma rapida

revista de analyse por estes capitulos, pode-se apontar a novidade de cada um.

No primeiro, após um quadro da situação politica da epoca, vemos o marquez de Pombal em Londres, como embaixador, cargo devido talvez a influencias de seu tio, Paulo de Carvalho, e em que foi iniciado pelo seu antecessor, tambem seu tio, Marco Antonio de Azevedo Coutinho. O marquez procura com energia e altivez cohibir as violações de neutralidade dos inglêses, então em guerra com a Espanha, praticadas com portuguezes e em aguas portuguezas; procura resolver o pleito diplomatico sobre a delimitação da colonia do Sacramento; diligencia obter um privilegio para Portugal importar trigo inglês num anno de escassez. Nada conseguiu, porém, se exceptuarmos pequenos triumphos, isenção de direitos para dois commerciantes portuguezes, os unicos de Londres, e satisfação por umas apprehensões a um portuguez. E' a primeira novidade, pois até Latino Coelho considerou essa embaixada um triumphal exito, sem duvida porque confundiu o exito com a energia superior de Carvalho. Transcrevemos um dos capitulos finaes desse capitulo: «Carvalho trabalhou sempre fervorosamente. Aprendeu muito. Estudou, nos homens e nos costumes da Inglaterra, o segredo da extraordinaria e rapida prosperidade d'esse paiz. Nas suas horas de meditação e devaneio, sonhou, para a sua patria, destino equal. Sómente não enxergou que a raiz de tudo isso, que o seduzia, era a liberdade, de onde sae a iniciativa individual, base de toda a actividade progressiva. Por tal razão, comprehendida mais tarde com tanto estrondo, não poud fructificar».

Tambem na embaixada a Vienna não foi maior o seu exito. O sr. Lucio de Azevedo, com uma intelligencia profunda dos melindres diplomaticos, mostra quanto para o fracasso contribuiu a falta de dignidade official, pois Pombal foi como enviado particular, a suspeita

de parcialidade, julgando-o affecto a Roma, e a intriga malevolenta de Sampaio, ministro em Roma. Talvez tudo isso se originasse só nas invejas de Sampaio! Maria Thereza de Austria e a curia compuzéram-se porque cada cedeu um pouco, e o papel de Pombal não foi decisivo, como pensava Latino Coelho e quasi todos os auctores: «E tal foi a diligencia e bom conselho, com que se desempenhou do seu encargo, que logrou ver dissipada finalmente a borrasca diplomatica, e assignada a convenção ou concordata de 12 de Março de 1747, que estreitou novamente as relações entre os dois discordantes potentados.» (Pag. 24, 2.^a, L. Coelho).

No 3.^o capitulo outra errada convicção destroe o sr. Lucio de Azevedo, e vem a ser que o prestigio do ministro e a sua acção preponderante não começaram a quando do terremoto, mas já antes, em consequencia do seu papel decisivo na questão das minas, na crise do tabaco e do assucar, na extracção dos diamantes e na legislação sobre as frotas, assumptos estranhos á sua pasta dos estrangeiros e da guerra. Ao mesmo tempo, o sr. L. A. vae salientando as origens das idéas, que determinaram algumas providencias, e neste capitulo mostra que Pombal não tinha nenhuma prevenção contra os judeus — que veio a rehabilitar. Era aqui lugar azado para o auctor nos traçar o perfil moral de Carvalho, para o qual tantos elementos e um tão grande tacto psychologico possuia, mas apenas o bosqueja (Pag. 105-106), mas apontando elementos já de avaliação para a obra futura: «O intellecto de Sebastião José de Carvalho não era, como o d'esses,¹ accessivel ás idéas de liberdade mental e politica, já então dominantes entre as classes illustradas, lá fóra. Não tivera elle, como D. Luiz da Cunha e Alexandre de Gus-

mão, a fortuna de sair da patria em annos juvenis, quando o entendimento, ainda malleavel, facilmente se deixa vencer e subjugar. O seu fóra modelado por esse mesmo ensino coimbrão, que mais tarde havia de ruidosamente condemnar; e inteiriçara-se nas formas rigidias, que lhe impunha o ambiente intellectual da universidade, mixto da boçalidade fradesca com o pedantismo academico. Por isso do estrangeiro só trouxe um progresso, se tal é licito dizer, tardio. Seus vãos altos para o nivel da razão no paiz, foram, se em absoluto os considerarmos, mesquinhos. Nenhum dos grandes ideaes, que agitavam os cerebros pensantes da Europa, teve guarida no seu. Modelos foi-os buscar mais de cem annos atraz. Em assumptos economicos quiz por mestre a Sully; em politica tomou por guia Richelieu. Acaso da applicação de processos antiquados resultou o mallogro da sua obra.» Está aqui bosquejada a explicação do destino da sua obra, a que teremos só de accrescentar a reacção da politica de D. Maria I, de que o auctor já não se occupa.

O capitulo sobre o attentado contra o rei é desproporcionadamente extenso em relação ao lugar minimo que no livro occupam as providencias do marquez para reedificar Lisboa. Extensa é a narração do processo dos accusados no attentado e mais razões novas são adduzidas em favor das grandes probabilidades da sua innocencia.

Successivamente, nos seguintes capitulos, os processos e a imparcialidade, que a alguns parecerá severidade, são sempre identicas.

Ha no livro outra qualidade, que queremos evidenciar, o estylo. O sr. Lucio de Azevedo é um escriptor fluente, rebuscando ás vezes algum raro archaismo, que só vem reproduzir com maior exactidão a idéa; os seus periodos são pequenos ou grandes, segundo a nervosidade e a gravidade do assumpto, mas sempre elegantes, construidos segundo

¹ Marco Antonio, Luiz da Cunha, Encerrabodes e o Cavalleiro de Oliveira. E Verney?

o fio logico do pensamento, sem torsões macabras, nem hybridos neologismos desnecessarios.

Fialho d'Almeida (Visão esthetica da sua obra). — Flexa Ribeiro — Lisboa, 1911, 102 pag.

E' este o primeiro estudo de balanço á obra do grande e irregular artista, depois do seu recente fallecimento. Commove-nos sobremaneira que venha do Brasil esse exame geral, porque nos alimenta a esperanza de se continuar ainda a unidade litteraria da lingua portuguesa. O sr. Flexa Ribeiro, porém, entusiasta e tambem artista, pois na sua bibliographia apontam-se livros de

versos, fez mais uma apologia do que uma critica. O proprio auctor confessa a sua exaltação de sentimentos. Todavia, exceptuando certas proposições demasiado assertivas e categoricas, esta monographia vem a ser um testemunho do seu gosto artistico, da sua educação litteraria e da sua sinceridade.

Ulteriormente noticiaremos as seguintes obras, além das que fomos recebendo:

Historic Macao — Montalto de Jesus, Hong-Kong, 1902.

Vasco da Gama and his successors — Jayne, London, 1910.

Lista dos socios, suas especialidades scientificas e cargos que desempenham na Sociedade:

- Anselmo Braamcamp Freire, director do « Archivo Historico Portugues » :
Heraldica ;
Antonio Aurelio da Costa Ferreira, director da Casa Pia de Lisboa: An-
thropologia ;
Antonio Baião, director do Archivo Nacional, vogal do Conselho de Di-
recção: Historia da Inquisição ;
Antonio Sergio de Sousa, official da armada, vogal do Conselho de Direc-
ção: Philosophia ;
Antonio de Sousa Silva Costa Lobo, antigo ministro de Estado: Histo-
ria social ;
Antonio Thomaz Pires, folk-lore ;
Charles Oman, professor da Universidade de Oxford ;
Christovam Ayres, professor da Escola de Guerra: Historia militar ;
Sir Clements Markham, antigo presidente da Sociedade de Geographia de
Londres: Geographia historica ;
Damião Peres, professor lyceal: Historia politica ;
David Lopes, professor da Faculdade de Letras de Lisboa: Historia arabe ;
Edgar Prestage, professor da Universidade de Manchester: Litteratura
portuguesa ;
Ernesto Vilhena, official da armada: Historia colonial ;
Fidelino de Figueiredo, professor lyceal, secretario do Conselho de Direc-
ção: Litteratura portuguesa moderna ;
Fortunato de Almeida, professor lyceal: Historia ecclesiastica ;
Francisco Xavier da Silva Telles, professor da Faculdade de Letras de
Lisboa, presidente da Sociedade: Geographia historica ;
Gustavo Cordeiro Ramos, professor da Faculdade de Letras de Lisboa:
Litteratura allemã ;
Henrique Vilhena, professor da Faculdade de Medicina de Lisboa: Historia
anatomica.
João Lucio de Azevedo: Historia politica ;
Joaquim Fontes: Archeologia ;
José Francisco Alves de Barbosa de Bettencourt, professor lyceal: Littera-
tura portuguesa ;
José Leite de Vasconcellos, professor da Faculdade de Letras de Lisboa: Ar-
cheologia ;
José Maria Rodrigues, professor da Faculdade de Letras de Lisboa: Es-
tudos camoneanos ;
José Queiroz, conservador do Museu da Arte Antiga: Artes decorativas ;
Manuel João Paulo Rocha: Historia local (Lagos) ;
M. de Oliveira Lima, ministro do Brazil na Belgica: Historia politica ;
Manuel Paulo Merêa: Historia de direito ;
Manuel Vieira Natividade: Historia local (Alcobaça) ;
Pedro de Azevedo, 1.º conservador do Archivo Nacional: Paleographia e
critica diplomatica ;
Pedro Fernandes Thomaz, professor da Escola Industrial da Figueira da
Foz: Historia local ;
Pedro Paulo de Mascarenhas Judice: Historia local (Silves) ;
Philoteio Pereira de Andrade: Archeologia indiana ;
Vieira Guimarães, professor lyceal: Historia da Arte ;
William Ker, professor da Universidade de Londres.

HISTÓRIA DA IGREJA EM PORTUGAL

POR

FORTUNATO DE ALMEIDA

Bacharel formado em Direito, Professor do Lyceu Central de Coimbra,
Sócio do Instituto da mesma cidade,
da Sociedade de Geographia de Lisboa e da Sociedade portuguesa de estudos históricos

VOLUMES PUBLICADOS:

TOMO I — Desde as origens do christianismo na península até ao fim do reinado de D. Dinís (1325).
Um volume de 800 páginas, 2\$500 reis.

TOMO II — Desde o principio do reinado de D. Affonso IV até ao fim do reinado de D. João II (1325-1495). Um volume de 812 páginas, 2\$500 reis.

EM PUBLICAÇÃO:

TOMO III — Desde o principio do reinado de D. Manuel I até ao fim do reinado de D. João V (1495-1750). Dois volumes.

TOMO IV — Desde o principio do reinado de D. José I até á proclamação da república (1750-1910).
Um volume.

TOMO V — Os acontecimentos no tempo da república. Um volume.

Fascículos mensaes de 80 páginas em 8.º grande, em typo elzivir e óptimo papel, ao preço de 250 reis cada um.

Não se vendem volumes separados.

Toda a correspondência deve ser dirigida á Imprensa Academica, Rua da Sophia, Coimbra.

REVISTA LUSITANA

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal

DIRECTOR: **Dr. J. Leite de Vasconcellos**

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Director-fundador
do Museu Ethnologico Português.

Cabe-nos a honra de communicar aos nossos freguezes que a Revista Lusitana, precioso repositorio de estudos philologicos e ethnographicos, que já conta 13 annos de existencia, passa a ser publicada pela nossa casa do seu vol. XIV em diante.

Esta Revista, já bem conhecida e acreditada, tanto no paiz como fóra, tem-se occupado de muitos dos varios problemas que pertencem aos campos das duas referidas sciencias: grammatica, lexico, etymologias, textos antigos, onomastico, litteratura, tradições populares, etc., — já em artigos desenvolvidos, já em notas breves, já em criticas ou meras noticias bibliographicas, collaborada por numerosos e consagrados especialistas nacionaes e estrangeiros, por exp.: A. Gomes Pereira, A. (Dr.) Fokker, A. Thomás Pires, A. Morel-Fatio, Alberto Sampaio, Alvaro (Dr.) d'Azevedo, Braamcamp Freire, Carolina (D.) Michaëlis de Vasconcellos, Cecilia (D.) Schmidt Branco, Consiglieri Pedroso, Cunha Brito, Epiphanio Dias, F. Adolpho Coelho, F. Esteves Pereira, Ferraz (Dr.) de Macedo, F. Martins Sarmiento, F. C. Garófalo, G. Huet, Gabriel Pereira, Gama Barros, Gonçalves Viana, Guilherme (Dr.) Studart, H. Gaidoz, H. (Dr.) Lang, J. A. Tavares, J. Cornu, J. de Freitas Branco, J. J. Nunes, Joaquim da Silveira, Julio Moreira, M. L. Wagner, M. Márques de Barros, O. Klob, O. (Dr.) Nobiling, P. Fernandes Thomás, Pedro A. d'Azevedo, Ricardo Severo, Sebastião Dalgado, Severiano Monteiro, Sousa Viterbo, Stanislaw Prata, Theophilo (Dr.) Braga, Vasconcellos Abreu, Visconde de Villa Moura, W. Storck, etc., etc.

Condições das assignaturas:

A REVISTA LUSITANA publicar-se-ha em fascículos trimensaes ou semestraes, respectivamente de cerca de 80 ou de 160 paginas, formando os 4 ou 2 numeros um volume por anno.

Preço da assignatura annual (franco de porte) 2\$400 réis, pagamento adiantado.

Livraria Classica Editora

20 — Praça dos Restauradores — 20